

GEOVANE FERNANDES CAIXETA

MACACOS ME MORDAM!

**INTERJEIÇÃO: UMA *CLASSE* NO LIMBO DO SISTEMA
LINGÜÍSTICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

**BELO HORIZONTE
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG**

2005

GEOVANE FERNANDES CAIXETA

MACACOS ME MORDAM!

**INTERJEIÇÃO: UMA CLASSE NO LIMBO DO SISTEMA
LINGÜÍSTICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Lingüística

Linha de pesquisa: Estudo da Estrutura Gramatical da linguagem

Orientadora: Profa. Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat

**BELO HORIZONTE
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG**

2005

Dissertação defendida e aprovada em _____ / _____ / 2005, pela Banca Examinadora constituída pelos Professores Doutores:

Professora Doutora Maria Beatriz Nascimento Decat — Orientadora

Belo Horizonte, _____ / _____ / 2005

Aos meus pais e aos meus irmãos: Aldir
e Elza; Ângela, Aldo, Cláudia e Daiana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais) o apoio financeiro no início de minha jornada de estudos. Agradeço também ao UNIPAM (Centro Universitário de Patos de Minas), local de trabalho e de construções de amizades e de afetos.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais a acolhida e a aprendizagem dada pelos professores competentes e atenciosos.

Agradeço às colegas Adriana Tredezini, Gisele Carvalho, Mônica Araújo e Sueli Coelho a cumplicidade no trabalho, a amizade sempre carinhosa e desmedida e o apoio singular.

Agradeço aos meus amigos Antônio Caixeta, Márcio Gonçalves e Moacir Manoel o incentivo constante, o tempo disponível para as reclamações de cansaço e a partilha pela alegria do término deste trabalho.

Agradeço ao meu colega de curso Marcelo Pereira Souto, companheiro de coragem, de luta e de vitórias. Agradeço também à professora Jane Quintiliano G. Silva a cessão de parte do *corpus* que compõe esta pesquisa.

Agradeço, em especial, à minha orientadora e amiga Professora Doutora Maria Beatriz Nascimento Decat. *Bia-Bia... Bia-Bia!* Canto de bem-te-vi em jardins de alegrias, tristezas, fotografias, orações; de ipês amarelos, violetas e margaridas. Em jardins sem cercas, sem engenharias; em jardins de rosas vermelhas em que o rouxinol pousa para cantar o canto de esperança e de amor. Jardim de borboletas assanhadas e delicadas; jardim de infinita construção. Me orgulho da construção compartilhada desse jardim mágico! Jardim (in)acabado num ponto de *luz* qualquer na *Via Láctea*. Disse Deus, sorridente e brincalhão: *Gira tudo em torno de um jardim. Universo-jardim*. Fazer jardins é brincar e Ele pode andar pelos jardins construídos por nós! Ah, se eu fosse um gênio: *Bia-Bia*, você ganharia um céu de margaridinhas e um chão de estrelinhas! Um abraço eterno de luz perfumada, que não seja *mal me quer*, mas sempre *bem me quer*. Obrigado! Obrigado! Obrigado! Ave, ave, ave, Maria, *Bia-Bia!*

Agradeço a Deus, que é canteiro de violetas cuja estação nunca passa.

(...) Ah, e a Mulher rogava: — Que trouxessem o corpo daquele rapaz moço, vistoso, o dos olhos muitos verdes... Eu desguisei. Eu deixei minhas lágrimas virem, e ordenando: — ‘Traz Diadorim!’ — conforme era. — ‘Gente, vamos trazer. Esse é o Reinaldo...’ — o que o Alaripe disse. E eu parava ali, permeio o menino Guirigó e o cego Borromeu. — *Ai, Jesus!* — foi o que eu ouvi, dessas vozes deles.

Aquela mulher não era má, de todo. Pelas lágrimas fortes que esquentavam meu rosto e salgavam minha boca, mas que já frias já rolavam. Diadorim, Diadorim, oh, ah, meus buritizais levados de verdes... Buriti, do outro da flor... E subiram as escadas com ele, em cima de mesa foi posto. Diadorim, Diadorim — será que amerecei só por metade? Com meus molhados olhos não olhei bem — como garças voavam... E que fossem campear velas ou tocha de cera, e acender altas fogueiras de boa lenha, em volta do escuro do arraial...

(...)

Eu dizendo que a Mulher ia lavar o corpo dele. Ela rezava rezas da Bahia. Mandou todo o mundo sair. Eu fiquei. E a Mulher abanou brandamente a cabeça, consoante deu um suspiro simples. Ela me mal-entendia. Não me mostrou de propósito o corpo. E disse...

Diadorim — nu de tudo. E ela disse:

— ‘A Deus dada. Pobrezinha...’

(...)

Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei mão para me benzer — mas com ela tapei foi um soluçar, enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende com a água do rio Urucuia, como eu soluçei meu desespero.

(...) Eu não sabia por que nome chamar; eu exclamei me doendo:

— ‘Meu amor!...’

Foi assim. Eu tinha me debruçado na janela, para poder não presenciar o mundo. (ROSA, 1986, p. 558 - 560)

RESUMO

O presente trabalho focaliza o Fenômeno *Interjeição* no português brasileiro. Há anos esse *Fenômeno* vem sendo considerado, de acordo com compêndios gramaticais e com dicionários, uma das *partes orationis*. A proposta de se considerar a *Interjeição* uma classe de palavras representa um *acordo tácito* que apaga a natureza viva e e(a)fetiva de um *fenômeno* particularizante do falante em suas (inter)locações. Partindo-se da localização histórica (do problema) do Fenômeno *Interjeição* acerca de sua posição final no *continuum* das *partes orationis* — posição essa que representa o *limbo* em que se encontram os gritos *subitâneos da alma* —, objetiva-se demonstrar, numa perspectiva funcional-discursiva, que o Fenômeno *Interjeição* é uma manifestação de caráter emotivo/expressivo presentificada atitudinalmente pelo falante diante de seu interlocutor, da situação e da mensagem. A relação do falante com esses diferentes “objetos”, denominada de *Rede Interjectiva*, pode ser medida em uma escala de maior envolvimento, menor envolvimento. Desse modo, a noção de prototipicidade das manifestações interjectivas está ligada ao grau de envolvimento expressivo do falante ou com todos os objetos da *Rede Interjectiva* [manifestações mais prototípicas] ou com alguns objetos [manifestações menos prototípicas], em situações de interlocução. O Fenômeno *Interjeição* é uma marca da expressividade e do envolvimento do falante na enunciação.

Palavras-chave: Fenômeno *Interjeição*. Funcionalismo. Rede Interjectiva. Expressividade. Envolvimento.

ABSTRACT

The present work focuses on the *Interjection* Phenomenon in the Brazilian Portuguese language. For many years this *phenomenon* has been considered, according to grammatical compendiums and dictionaries, one of the *partes orationis*. The proposal of considering the *Interjection* a word class represents a “tacit agreement” that deletes the living and e(a)ffective nature of a *phenomenon* that makes the speaker a particular one in a communicative situation. Starting at the historical point (of the problem) of the *Interjection* Phenomenon concerning its final position in the *partes orationis continuum* — position that represents the *limb* where the interjectional manifestation is found — aims at showing, in a discursive-functional perspective, which the *Interjection* Phenomenon is an emotive, expressive and attitudinal demonstration that happens before the interlocutor, situation and message. The speaker’s relation with these different “objects”, named *Interjective Connections*, can be measured in a scale from the biggest to the smallest involvement. This way, the notion of prototype of interjective manifestations is connected to the expressive involvement of speaker or with all the objects of the *Interjective connections* [more prototypical] or with some objects [less prototypical] in situations of interlocution. The *Interjection* Phenomenon is a sign of expressivity and involvement of the speaker in the enunciation.

Key words: *Interjection* Phenomenon. Functionalism. Interjective connections. Involvement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: DOS <i>BRADOS SUBITÂNEOS</i> INICIAIS!	11
CAPÍTULO I: DAS <i>PARTES ORATIONIS</i> AOS ACORDOS TÁCITOS: TRADIÇÃO, ANOMALIA E OMISSÃO	14
1.1 A origem histórica (do problema) do Fenômeno <i>Interjeição</i>	14
1.2 A visão gramatical acerca do Fenômeno <i>Interjeição</i>	18
1.3 A visão lexicográfica acerca do Fenômeno <i>Interjeição</i>	28
1.4 O Fenômeno <i>Interjeição</i> na Nomenclatura Gramatical Brasileira	31
CAPÍTULO II: DO <i>LIMBO</i> ÀS IMENSIDADES DO DISCURSO REAL: DELINEAMENTO DO CAMINHO METODOLÓGICO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	33
2.1 <i>A gramática não está pronta...</i>	33
2.2 O caminho: objetivos, justificativa, hipótese, método, colaboradores e estrutura do trabalho	34
2.2.1 Os objetivos	34
2.2.2 A justificativa	35
2.2.3 A hipótese	36
2.2.4 O método	37
2.2.5 Os colaboradores	38
2.3 A estrutura do trabalho	42
CAPÍTULO III: DAS IMENSIDADES DO DISCURSO REAL À REDE INTERJECTIVA: O FALANTE E SUA LÍNGUA(GEM) NO CENTRO DOS ESTUDOS FUNCIONALISTAS	43
3.1 A corrente funcionalista e a noção de gramática adotada	43
3.2 A concepção de protótipos nos estudos funcionalistas	48
3.3 A expressividade na/da língua(gem)	52

CAPÍTULO IV: DA REDE INTERJECTIVA AOS CONTORNOS CÊNICOS: (INTER)LOCUTORES, <i>CONTINUUM</i> DE PROTÓTIPOS, EXPRESSIVIDADE E ENVOLVIMENTO	54
4.1 A análise interpretativa do Fenômeno <i>Interjeição</i>	54
4.2 Proposta de análise do Fenômeno <i>Interjeição</i>: rede interjectiva, domínios e parâmetros.....	57
4.2.1 O domínio lingüístico: configuração fônica e configuração lingüística	59
4.2.1.1 O parâmetro configuração fônica do Fenômeno <i>Interjeição</i>	60
4.2.1.2 O parâmetro configuração lingüística do Fenômeno <i>Interjeição</i>	67
4.2.2 O domínio textual-discursivo: autonomia comunicativa e preenchimento de afetividade	76
4.2.2.1 O parâmetro autonomia comunicativa do Fenômeno <i>Interjeição</i>	77
4.2.2.2 O parâmetro preenchimento textual-discursivo do Fenômeno <i>Interjeição</i>	83
4.2.3 As marcas de expressividade do Fenômeno <i>Interjeição</i>	87
4.2.4 O <i>continuum</i> de protótipos do Fenômeno <i>Interjeição</i>	93
CONCLUSÃO: DOS <i>BRADOS SUBITÂNEOS</i> FINAIS!	102
REFERÊNCIAS.....	106
ANEXO	112

LISTA DE QUADROS E DE DIAGRAMAS

QUADRO 1 - Dos questionamentos acerca do FI numa visão diacrônica.....	17
QUADRO 2 - Da visão gramatical acerca do FI.....	19
QUADRO 3 - Da classificação e exemplificação (gramatical) do FI	26
QUADRO 4 - Da visão lexicográfica do FI.....	30
QUADRO 5 - Da composição do <i>corpus</i> : tipos de interação e gêneros	40
QUADRO 6 - Das normas de transcrição.....	41
QUADRO 7 - Da estrutura e posição do FI, das hesitações e marcadores.....	84
QUADRO 8 - Dos domínios e parâmetros do FI na RI	94
DIAGRAMA 1 - Da síntese das visões acerca do FI ao longo do tempo	27
DIAGRAMA 2 - Da visão platônica das categorias distintas	49
DIAGRAMA 3 - Da interseção de membros de categoria natural	50
DIAGRAMA 4 - Da conjugação das idéias de Platão e Wittgenstein	50
DIAGRAMA 5 - Da Rede Interjectiva	58
DIAGRAMA 6 - Do <i>continuum</i> de prototipicidade do FI.....	96

INTRODUÇÃO

DOS BRADOS SUBITÂNEOS INICIAIS!

Ah! toda a alma num cárcere anda presa,
Soluçando nas trevas, entre as grades
Do Calabouço olhando imensidades
Mares, estrelas, tardes, natureza!”

.....
Nesses silêncios solitários, graves,
Que chaveiro do Céu possui as chaves
Para abrir-vos as portas do Mistério?!
(SOUSA, 1997, p. 178)

Macacos me mordam! “Escusado acrescentar que os palavrões que pontilham a conversação das pessoas mal habituadas se situam neste capítulo [Da Interjeição]...” (MELO, 1970, p. 177). *Valha-me Deus!* “O tipo mais simples de frase é constituído por *interjeição*” (BECHARA, 2001, p. 540). *Puxa vida!* “Muito pouca importância tem esta classe de palavras [Interjeição]; além da divisão e de algumas notinhas, nada mais há que sobre ela dizer” (ALMEIDA, 1995, p. 365). *Que esperança!* “... raramente se aponta tratado ou capítulo que analise as interjeições com paciência e carinho, como é de uso com as outras partes do discurso” (SAID ALI, 1971, p. 48). *Graças a Deus!* “A camada puramente emotiva, na língua, é apresentada pelas interjeições.”¹ (JAKOBSON, 1963, p. 214-215). *Aleluia!* “O exemplo mais claro [na relação entre o locutor e a referência do discurso] é dado pelas interjeições” (DUCROT & TODOROV, 1973, p. 362).

Nesse parágrafo, em que a emoção predominou sobre a razão, enfim um “brado subitâneo” (PEREIRA, 1926, p. 375), evidenciam-se dois blocos antagônicos, uma dupla desconfiança, de se perceber um *fenômeno* vivo, criativo, expressivo, envolvente e bastante produtivo na língua: o **Fenômeno Interjeição**. Tal antagonismo ancora-se na própria evolução dos estudos lingüísticos, desde a Antigüidade, com a noção de categoria, à modernidade, com a valorização da noção de discurso. O que não poderia ser categorizado, explicável, ficaria à margem — e essa marginalização coube, sobretudo, ao **Fenômeno Interjeição**.

¹ “La couche purement émotive, dans langue, est présentée par les interjections.”

Em Ferreira (1986, p.1032), *limbo* é o lugar em que, de acordo com a teologia católica posterior ao séc. XIII, “se encontram as almas das crianças muito novas que, embora não tivessem alguma culpa pessoal, morreram sem o batismo que as livrasse do pecado original”. Nos estudos lingüísticos do português do Brasil, o **Fenômeno Interjeição** não teve — e não tem — lugar de destaque, apenas “algumas notinhas” aqui e acolá. Assim, o emprego da palavra *limbo*, no título deste trabalho, tem o objetivo de se evidenciar o lugar periférico destinado ao **Fenômeno Interjeição**, pelo menos no português brasileiro. Eliminando o caráter religioso da definição de *limbo*, Ferreira acrescenta, de modo “familiar”, que é o “lugar para onde se atiram as coisas inúteis”.

Ao longo dos estudos lingüísticos, o **Fenômeno Interjeição** foi visto, praticamente, como uma das *partes orationis*. Todos os empreendimentos quanto a uma análise mais acurada acerca desse **Fenômeno** restringiam-se ao *continuum* das *partes orationis* — com exceção das gramáticas filosóficas do século passado, ocupa a última posição desse *continuum*, cabendo-lhe apenas uma classificação entre interjeições simples e compostas, puras e imitativas, seguida de uma lista de exemplos descontextualizados. Neste trabalho, abandona-se a noção de *classe de palavras*, estanque e fechada, para, desse modo, assinalar que a “forma categorial que uma palavra assume é um reflexo de sua função num contexto retórico particular” (HOPPER, 1988, *apud* DECAT, 1993, p. 230). Só dessa maneira é que se pode afirmar que a carga emotiva no “grito” *Ah!*, como o da epígrafe, é de dor, espanto, alegria, tristeza, decepção... ou nada disso!

Como se propõe, neste trabalho, uma abordagem funcional-discursiva dos *brados subitâneos*, não será adotada a noção *classe (de palavras)* para designar o conjunto de expressões que possam figurar como exemplar desse rótulo. Adota-se, então, a noção de *fenômeno*, ou seja, **Fenômeno Interjeição**. A opção por assim chamar a Interjeição decorre justamente do fato de que, na definição de *fenômeno* (FERREIRA, 1986, p. 769), estão, (in)diretamente refletidos, alguns traços das manifestações interjectivas, quais sejam, “aquilo que é raro e surpreendente”, “objeto que tem algo de anormal ou extraordinário”. Para Calabrese (1998, *apud* GONÇALVES, 2002, p. 361), “todo o fenômeno analisado é sempre, enquanto fenômeno analisado, um fenômeno construído pelo analista”.

Considera-se, neste trabalho, que o **Fenômeno Interjeição** é *surpreendente, anormal e extraordinário* justamente por ser um *fenômeno* ao qual

não coube uma sistematização consistente — se é que para a língua(gem) viva, real, há essa possibilidade. Tratar as manifestações interjectivas como *fenômeno lingüístico* implica assinalar que a língua(gem) é movimento, é dinâmica, e todas as concepções acerca dela se alternam ao longo do tempo. Nesse *movimento lingüístico*, há sempre a tentativa de (re)explicar o que surpreende e/ou o que é próprio do homem, que são as suas emoções. Deve-se considerar, portanto, que a língua(gem) é uma capacidade simbólica que constitui o homem e viabiliza as (inter)ações para que, assim, o **Fenômeno Interjeição** seja considerado como um reflexo das (in)constâncias emocionais do homem perante si mesmo, perante a (inter)locução e perante o mundo em que está *inserido*.

As “... paixões, os sentimentos subitos de nossa alma” (CARNEIRO RIBEIRO, 1957, p. 471) não podem ficar no *cárcere, entre as grades, ou no calabouço* dos estudos gramaticais que os reduzem a “classe de palavras”. Para Perini (1997, p.84), “ainda há o que descobrir em gramática” e essa possibilidade de *chaves abre portas do calabouço* para que as “emoções, apelos ou idéias mal estruturadas” (MELO, 1970, p. 80) sejam vistas nas *imensidades* do discurso real, que é a língua(gem) viva de um povo e todas as implicaturas decorrentes disso.

Insera-se, portanto, nesta parte introdutória, a necessidade de reclamar uma análise mais acurada do **Fenômeno Interjeição**, numa perspectiva funcional-discursiva. *Oxalá* esse empreendimento possa contribuir para os estudos lingüísticos, sobretudo para os do português do Brasil, *uai!*

CAPÍTULO I

DAS PARTES ORATIONIS AOS ACORDOS TÁCITOS: TRADIÇÃO, ANOMALIA E OMISSÃO

lá?
ah!

sabiá...
papá...
maná...
sofá...
sinhá...

cá?
bah!

(PAES, 1986, p. 67)

1.1 A origem histórica (do problema) do Fenômeno *Interjeição*

Embora a literatura tenha dedicado pouca atenção e escassas linhas ao Fenômeno Interjeição (doravante FI), já não são remotas as inquietações e as flutuações acerca desse fenômeno — aliás, vivo, efetivo e ativo em qualquer comunidade lingüística —, por parte de alguns estudiosos mais afoitos que vêm no homem um ser eminentemente afetivo, porém racional.

A inclusão ou marginalização do FI nas *partes orationis*² depende “duma opção do gramático: quando este se atém a uma estreita descrição da frase, esquece a interjeição; se privilegia antes todos os tipos de enunciação, considera-a” (GONÇALVES, 2002, p. 33 — nota de rodapé). Desde Aristóteles à Lingüística Moderna, há várias oscilações nos estudos acerca do FI. Persiste uma “obrigatoriedade” adversa — a força da tradição *versus* os avanços dos estudos lingüísticos — que culmina em (in)decisões sobre o possível “lugar” reservado ao FI.

² Expressão latina que equivale a *partes da oração* ou *partes do enunciado* ou *partes do discurso*, cujo conteúdo é mais morfológico do que sintático. Neste trabalho, o uso dessa expressão refere-se, pois, às classes de palavras. Há uma grande oscilação quanto à fixação das *partes orationis* — oscilação essa que, desde os primórdios das reflexões lingüísticas, deve-se, além de outros aspectos, à instabilidade da “classe” *Interjeição* — como será visto no decorrer deste capítulo.

Cabe a Aristóteles o estabelecimento de uma classificação gramatical, cuja divisão dar-se-ia em dois blocos: o dos categoremáticos e o dos sintagoremáticos. Todavia, a Dionísio da Trácia deve-se a fixação em oito divisões o complexo sistema das *partes orationis*, a saber: o nome, o verbo, o particípio, o artigo, o pronome, a preposição, o advérbio e a conjunção. O FI foi acolhido pela classe dos advérbios.

A seguir, Apolônio Díscolo não contribui sobremaneira para um estudo mais acurado acerca do FI. Apesar de sua contribuição para a sistematização da gramática grega, ao considerar — entre outras contribuições — a Sintaxe como núcleo da análise lingüística, nota-se que as “interjeições são ‘advérbios no sentido impróprio’” (APOLÔNIO DÍSCOLO [s.d.], *apud* GONÇALVES, 2002, p. 48).

As inquietações e flutuações dos gregos acerca do FI, teórica e descritivamente, como um “problema” não resolvido, fazem com que os latinos rejeitem a sua inclusão na classe dos advérbios, uma vez que ele, na maioria das ocorrências, aparece em frases sem verbo. Os latinos procuraram atribuir ao FI um estatuto próprio além do alcance dos advérbios.

Varrão, cuja obra não chegou aos dias de hoje, mas tornou-se conhecida por meio de Carísio ([s.d.] *apud* GONÇALVES, 2002, p. 50), é o primeiro latino a discorrer, em *De Sermones latino*, sobre uma “teoria da interjeição”, a qual já supunha uma “análise de tipo funcional das partes do discurso” (HOLTZ [s.d.], *apud* GONÇALVES, 2002, p. 50). Assim, cabe a Varrão o caminho para uma definição etimológica da palavra *Interjeição* (*inter + jacere*), uma vez que ele ter-se-ia referido ao FI como *partícula interiecta*, a qual, para ele, já demonstrava ser uma partícula discursiva de uma emoção forte (*pathos*).

O FI passa a ocupar, genericamente, desde então, na tradição gramatical, o último lugar nas *partes orationis*, já que aí seria o espaço “reservado não só à arrumação do anormal/exceptivo, mas que também acolhia a inovação” (GONÇALVES, 2002, p. 50). A razão de ter sido considerado item periférico foi/é devido ao fato de o FI, ao ser considerado uma “classe”, ter, isoladamente, o valor de um enunciado. O princípio que rege, pois, a atitude dos latinos em relação à dos gregos é muito mais o da continuidade do que o da mudança. Continuidade porque, para ambos, a margem extrema (pólo final das *partes orationis*) caberia/cabe à anomalia ou ao não explicável.

Se, na “teoria da interjeição” de Varrão, o FI designa o estado ou disposição da alma, como explicar a outra parte da definição, a formal? Ou seja,

como explicar o caráter de exceção atribuído ao FI no nível lexical e até mesmo discursivo?

Para Prisciano ([s.d.], *apud* GONÇALVES, 2002, p. 52), o FI não se prende, não se fixa ou até mesmo não necessita de ligar-se sintaticamente à frase, pois, como “uma parte do discurso [que] anuncia, por um tom de voz desordenado, irregular, a disposição do espírito”³. Desse modo, o aspecto fonético-fonológico apresenta-se mais intenso do que o suprasegmental — o primeiro caracterizar-se-ia pela não-convencionalidade da palavra e o segundo, pela irregularidade entonacional.

Cledônio ([s.d.], *apud* GONÇALVES, 2002, p. 53) posiciona-se diametralmente em sentido oposto à tradição no que se refere ao FI: ao invés de assegurar o “modelo descritivo dos estados de alma”, passa-o para o conceitual: “Interjeição é, portanto, tudo aquilo que traduz o estado da alma”⁴. Resultante desse “deslocamento”, tem-se o reconhecimento de que o FI é prolixo e complexo, uma vez que, ao passar do nível descritivo para o conceitual e/ou definicional, surge a necessidade de sistematizar as várias “categorias” que podem ser expressas por uma única manifestação interjectiva — seria uma “análise funcional” próxima à que se empreendia, e ainda se empreende, ao advérbio, já que, conforme a tradição herdada, as “categorias adverbiais” são em função do sentido.

Enfim, esses “olhares” contribuíram sobremaneira para que FI tivesse um estatuto de classe gramatical, mesmo que, para isso, ocupasse a posição final do *continuum* das *partes orationis* — aquela reservada à marginalização, à anomalia ou ao não explicável.

Do percurso dos estudos sobre o FI, podem estabelecer-se quatro períodos. As (in)decisões, nessa visão diacrônica, giram em torno dos seguintes questionamentos, esquematizados a seguir:

³ “*Pars orationis significans mentis affectum voce incondita*”.

⁴ “*ergo quidquid affectum exprimit, interiectio est*”.

QUADRO 1 - Dos questionamentos acerca do FI numa visão diacrônica

PERÍODO	QUESTIONAMENTOS
Antigüidade Clássica à Idade Média	<ul style="list-style-type: none"> ▪ se o FI acolhe itens que são considerados não-lexicais; ▪ se o FI possui um estatuto sintático independente e ▪ se o FI expressa e/ou significa sentimentos ou estados da alma.
Idade Média ao Século XVIII	<ul style="list-style-type: none"> ▪ se o FI é signo natural e ▪ se o FI é ou está a/na origem da linguagem.
Século XIX à primeira metade do Século XX	<ul style="list-style-type: none"> ▪ se o FI materializa-se num elemento lingüístico ou não; ▪ se o FI associa-se aos aspectos estilístico-afetivos; ▪ se o FI é equivalente de frases; ▪ se o FI tem lugar reservado nas <i>partes orationis</i>, na sintaxe ou fora do sistema e ▪ se o FI tem natureza psicológica e lógica.
Segunda metade do Século XX aos dias atuais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ se o FI é elemento sintático-semântico, voz holofrástica, lexismo ou ato de discurso; ▪ se o FI é próprio da modalidade oral; ▪ se o FI é, ao mesmo tempo, lexema e enunciado — retomando os embates de períodos anteriores; ▪ se o FI é marcador conversacional; ▪ se o FI tem um <i>status</i> morfossintático definitivo e ▪ se o FI possui um papel textual-discursivo.

Esse quadro, cuja finalidade é uma apresentação sucinta dos questionamentos sobre o FI, reflete as inquietações por que os estudiosos da linguagem passa(va)m. Essas inquietações estão refletidas nas diferentes abordagens de um mesmo fenômeno, em períodos diferentes, porém sucessivos e não excludentes; eles entrelaçam-se e completam-se na tentativa de melhor compreender e analisar o FI.

A noção de língua(gem) e os recursos disponíveis em cada período interferem também na percepção que os autores tinham/têm do FI. Pode-se assim dizer que, nos dois primeiros períodos, predomina uma visão imanentista e/ou representativa da língua(gem) e, por conseqüência disso, a marginalização do FI, já que os recursos disponíveis pareciam ser insuficientes para abrigar um item de natureza lingüístico-cognitiva e interativa. Os estudos centravam-se na impossibilidade de categorizá-lo. Já nos dois últimos períodos, apesar do efeito presente dos dois primeiros, há, embora incipientemente, uma visão de língua(gem) “funcional”, e, por isso mesmo, valorização do texto — a comunicação do homem se

dá por meio de textos, e não por meio palavras. Os estudos centra(va)m-se na transição do foco categorial para o textual, o uso de palavras em situações mais reais, nas quais concorrem, além de outras manifestações, as de natureza emotiva, sejam elas por meio de elementos lexicais ou não.

Apesar dos grandes avanços nos estudos lingüísticos, ainda impera o silêncio ou o adiamento; ou seja, se se perguntar aos estudiosos sobre o fato de o FI pertencer ou não a um sistema lingüístico de uma dada língua, ou ainda, mais detalhadamente, quanto ao seu estatuto categorial, sintático ou textual-discursivo, observa-se que preferem omitir a dar uma resposta definitiva. As contribuições da Antigüidade Clássica ainda decidem, em muitos aspectos, os caminhos dos estudos atuais.

1.2 A visão gramatical acerca do Fenômeno *Interjeição*

De Aristóteles, perfilando por Dionísio da Trácia, às gramáticas tradicionais atuais poucas mudanças ocorreram. O princípio da “continuidade” é, a rigor, mantido nos estudos acerca do FI. Tais estudos restringem-se, de modo geral, apenas a conceituá-lo, posicioná-lo no final do *continuum* das *partes orationis*, estabelecer uma diferença gramatical em relação às locuções interjetivas e, por último, uma enumeração e classificação aleatórias. É consensual, por parte dos gramáticos tradicionais, que o FI é uma atitude afetiva e/ou sentimental do falante, a qual é de admiração, espanto, dor, alegria, irritação, surpresa, aplauso etc. É consensual também que, apesar de suas classificações, não é permitido um valor exclusivo a uma dada manifestação interjectiva — a situação é que permitirá aos falantes perceberem as atitudes afetivas dos (interl)ocutor(es). Parece haver um “acordo tácito” entre os gramáticos acerca do FI — acordo esse que silencia, mas que também instiga!

A seguir, tem-se um quadro que visa a uma sistematização do FI a partir de algumas gramáticas de língua portuguesa — sistematização essa que engloba o gramático, sua concepção de gramática, língua e linguagem. Após o quadro, seguem-se as resenhas das obras mencionadas, quanto à abordagem do FI. Embora o presente trabalho focalize como objeto de análise o FI no português do Brasil, a atenção dada a gramáticas de português de Portugal deve-se, sobretudo, a questões históricas de composição de gramáticas brasileiras; a interferência portuguesa na organização de

gramáticas brasileiras é, antes, uma questão ideológica, política, do que “apropriação” didática, acredita-se. Pretende-se, também, por meio desse quadro, evidenciar o que se denominou anteriormente de “acordo tácito”.

QUADRO 2 - Da visão gramatical acerca do FI

GRAMÁTICO	CONCEPÇÃO DE 1) GRAMÁTICA, 2) LINGUAGEM E 3) LÍNGUA	DEFINIÇÃO DADA DO FI
Barbosa (1881)	1) “Grammatica é a arte de fallar e escrever correctamente a propria lingua.” (p. 1) 2) (Não apresenta concepção explícita) 3) “A Língua compõe-se de orações, as orações de palavras, as palavras dos sons articulados, e tudo isto se figura aos olhos e se fixa por meio da escriptura.” (p. 1)	“As Interjeições são umas partículas desligadas do contexto da oração, exclamativas e pela maior parte monosyllabas e aspiradas, que exprimem os transportes da paixão com que a alma se acha ocupada.” (p. 70)
Ribeiro (1923)	1) “Grammatica é a coordenação das fórmulas, leis ou regra da linguagem literaria ou polida.” (p. 3) 2) (Não apresenta uma concepção explícita) 3) (Não apresenta uma concepção explícita)	“A Interjeição é mais phrase do que simples vocábulo. É expressão breve da emoção, do sentimento.” (p.37)
Pereira (1926)	1) Gramática (gr. Gramma = letras) é a sistematização dos fatos da linguagem.” (p. 17). 2) “Linguagem é a expressão do pensamento por meio de palavras.” (p. 15) 3) “Língua é um sistema natural de palavras de que se servem os agrupamentos de homens para entre si comunicarem seus pensamentos.” (p. 15)	“É a palavra invariável que exprime os afetos vivos e súbitos da alma, como a dor, a alegria, o espanto etc.” (p. 175). “ Interjeição é um brado subitâneo.” (p. 375)
Carneiro Ribeiro (1957)	1) “GRAMMATICA é a sciencia de enunciar os nossos pensamentos segundo as regras estabelecidas pela razão e pelo bom uso; mais geralmente, porem, considerada, pode-se definir a grammatica a sciencia da linguagem.” (p.159) 2) “Linguagem é o conjunto dos signaes pelos quaes o homem manifesta seus pensamentos.” (p. 390) 3) (Não apresenta uma concepção definida)	“ <i>Interjeição</i> é uma especie de grito, de que usamos, para exprimir as paixões, os sentimentos subitos de nossa alma. É um sinal da linguagem sythentica, lançado no meio (<i>inter</i> e <i>jacere</i>) dos signaes da linguagem analytica, para animal-a e coloril-a, completando a enunciação do quadro do pensamento com os toques vividos das sensações, dos sentimentos e das paixões”. (p. 471)

GRAMÁTICO	CONCEPÇÃO DE 1) GRAMÁTICA, 2) LINGUAGEM E 3) LÍNGUA	DEFINIÇÃO DADA DO FI
Melo (1970)	1) “Gramática é a sistematização dos fatos contemporâneos de uma língua” (p. 80). 2) (Não apresenta uma concepção). 3) (Não apresenta uma concepção explícita)	“INTERJEIÇÃO é a voz expressiva de emoções, apelos ou idéias mal estruturadas...” (p. 80)
Cunha & Cintra (1985)	1) (Não apresenta uma concepção explícita) 2) “Linguagem é ‘um conjunto complexo de processos — resultado de uma certa atividade psíquica profundamente determinada pela vida social — que torna possível a aquisição e o emprego de uma LÍNGUA qualquer” . (p.1). 3) “LÍNGUA é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência, a LÍNGUA é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age.” (p. 1).	“Interjeição é uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções (...) depende fundamentalmente do contexto e da entonação” (p. 577 - nota de rodapé). “Com efeito, traduzindo sentimentos súbitos e espontâneos, são as interjeições gritos instintivos, equivalendo a frases emocionais” (p. 577)
Bechara (2001)	1) (Não apresenta uma concepção explícita). 2) “Entende-se por linguagem qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar idéias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência”. (p. 28). 3) “A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de <i>línguas</i> ”. (p. 28)	“ Interjeição — É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações.” (p.330)

Neste quadro, a noção de *representacionalismo* da linguagem subjaz, de modo geral, a concepção de gramática e de língua(gem). Essa noção refere-se ao pensamento apoiado na congruência linguagem/mundo, palavra/coisa. Desse modo, o FI formaria um micro-sistema, na representação dos estados afetivos do falante. Essa visão representacionalista não é, pois, suficientemente adequada para apoiar estudos de elementos de natureza afetiva.

Barbosa (1881, p.70), em sua *Grammatica philosophica da lingua portugueza*, estabelece um sistema etimológico das *partes orationis*, distribuindo-as em dois grupos, que são dois “modos contrarios de dar a conhecer pela linguagem os pensamentos”, por meio de um “methodo natural e summario” e de outro “artificial e anlytico” — o que leva Barbosa a uma divisão mais geral das palavras em duas

classes: “Uma das palavras interjectivas ou exclamativas, e outra das discursivas ou analyticas”. Essa divisão proposta por Barbosa torna-se saliente por, pelo menos, três aspectos, a saber: 1) o FI não pode ser analisado apenas pelo âmbito gramatical — embora Barbosa não tenha feito apontamentos nessa direção; 2) o FI não é uma “classe” periférica ou marginalizada; ele está na ordem primeira das diversas manifestações da linguagem humana — e, por isso, para Barbosa, seu estudo deve ocupar essa mesma ordem na gramática, mais especificamente, nos estudos das *partes orationis*⁵; e 3) resultante desses dois aspectos, o FI deve ser analisado sob critérios semânticos, topológicos, formais, fonéticos e prosódicos. Barbosa (1881, p.71) ainda defende a idéia de que “[as interjeições] são discursivas, e se algumas vezes se empregam sós interjectivamente é porque são umas orações ellipticas, que com o suplemento de um verbo se completam facilmente e se reduzem ao que são”.

Ribeiro (1923, p. 37), em sua *Grammatica portugueza*, destina poucas linhas ao estudo do FI, conceituando-o a partir de critérios semânticos, mas apropriando-se de outros — formais e fonéticos — para dividi-lo em simples e primitivo, secundário e derivado e em locuções interjectivas. Destina o estudo acerca do FI à última posição no *continuum* das *partes orationis*. Compartilha com a idéia de outros gramáticos de que “[a interjeição] não entra na construção do discurso. É uma proposição por si mesma de caracter elliptico, frequentissima nas linguas primitivas”. Em Ribeiro, ocorre uma imprecisão entre o que é o FI e o que é onomatopéia, já que há “certas interjeições que apenas se empregam quando o homem trata os animais: bit! sape! E até outras cujos ruidos quase não podem ser representados pela escrita”. Em seus estudos, Ribeiro aborda o fato de as manifestações interjectivas serem palavras invariáveis “formadas de outras palavras, verbos, adjectivos, etc.”; portanto, há manifestações interjectivas impróprias, isto é, manifestações cuja “origem está em varios vocabulos que se perderam ou se desviaram de sua categoria grammatical”. Por exemplo, têm-se *salve!* e *basta!* (verbo), *acima!* e *afóra!* (partículas) e *silêncio!* e *coragem!* (nomes).

Pereira (1926, p. 375), em sua *Gramática expositiva*, na sessão *Morfologia — Taxeonomia*, compartilha com outros gramáticos tradicionais as idéias consensuais acerca do FI: uma conceituação, seguida de alguns sentimentos expressos,

⁵ Barbosa foi o primeiro gramático de língua portuguesa que se dedicou mais acuradamente ao estudo do FI. Além disso, em Barbosa, pela primeira vez nas gramáticas de língua portuguesa, o FI abriu a lista da *partes orationis*.

ressaltando a situação de uso e, finalmente, uma classificação em imitativas ou onomatopaicas, e, quanto à forma, em simples e compostas, que são as locuções interjetivas. Além disso, ainda se observa em Pereira a tese de que o FI encerra em si mesmo uma oração implícita. Já na seção *Sintaxe — Das particularidades sintáticas sobre as categorias gramaticais*, dialoga com outros gramáticos sobre a tese de o FI ser oração implícita, apresentando, para defesa de tal tese, uma mistura de critérios semânticos, fonéticos e formais, além de sintáticos: “É mais um grito instintivo animal, do que uma palavra (...) e, portanto, está fora da esfera gramatical (...), é uma palavra sintética: não está, pois, inteiramente fora da alçada gramatical”. Acrescenta que, “sendo a expressão sintética de um pensamento, deve encerrar uma oração implícita, que é o desdobramento desse pensamento, sua expressão analítica”.

Carneiro Ribeiro (1957, p. 473-474), em sua *Grammatica portugueza philosophica*, na seção *Lexicologia*, enfatiza em seu estudo acerca do FI dois aspectos, a saber: 1) conceitual, em que se pode perceber uma distinção entre linguagem *synthetica* e linguagem *analytica* e 2) classificatório, em que se pode perceber uma preocupação muito mais didática do que uma análise de cunho discursivo. Após definir o FI (ver Quadro 2), aborda essa distinção. Para esse gramático, o FI é sinal de linguagem sintética, porque pode só por meio de um “golpe e de um só lance exprimir certos estados, certas situações d’alma, em que a perturbação instantânea, a vivacidade da commoção, salteando nosso espírito, dá-lhe apenas tempo de traduzir-se e manifestar-se por uma destas explosões naturaes”. A linguagem analítica, na visão do gramático, é “muito lenta em sua marcha” — o que impediria o falante de manifestar sensações súbitas. A par dessas considerações, Carneiro Ribeiro estabelece uma distinção entre *interjeições propriamente ditas* ou *naturaes* (sinais de linguagem sintética) e *analyticas* ou *convencionaes* (sinais de linguagem analítica). Apesar dessa distinção, Carneiro Ribeiro acrescenta ainda que “afóra as interjeições naturaes e convencionaes, ha locuções e phrases empregadas como interjeições...”. Para Carneiro Ribeiro, as onomatopéias ou mimologismos são “impropriamente denominados de interjeições”, já que, para ele, as manifestações interjectivas indicam sensações e as onomatopéias indicam percepções. As “onomatopéias traduzem a realidade material fóra de nós; as interjeições revelão a realidade imaterial dentro de nós...”.

Melo (1970, p. 177), em sua *Gramática fundamental da língua portugueza*, não considera o FI uma classe de palavras, uma das *partes orationis*, já

que “[as interjeições] ou são gritos instintivos sem intenção comunicativa — e não pertencem à linguagem pròpriamente dita —, ou são equivalentes de oração — e não podem ser consideradas ‘partes do discurso’”. Mas, por “razões didáticas”, segundo ele mesmo, adota o esquema da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) definindo o FI (ver Quadro 2) como “palavras ou conjunto de palavras que exprimem emoções súbitas, apelos, idéias confusas, estados de espírito não filtrados ou controlados pela razão”. O autor demonstra também preconceito em relação ao FI: “Escusado acrescentar que os palavrões que pontilham a conversação das pessoas mal habituadas se situam neste capítulo [Da Interjeição]...”. Segundo o autor, o FI, excluído das *partes orationis*, deve pertencer à linguagem afetiva; assim comunga com outros gramáticos a tese de que ele forma orações elípticas, desde que tenham uma “intenção comunicativa”. O gramático exemplifica suas colocações com as manifestações *socorro!* e *fogo!*. Para ele, “são realmente frases inteiras, reduzidas, mutiladas, porque no caso a emoção predominou fortemente sobre a inteligência. Pertencem elas à chamada linguagem afetiva...”. Acrescenta ainda que, “se tais interjeições, se tais vozes são ‘equivalentes de oração’, se funcionam como ‘comprimidos de oração’, não podem elas ser, como é óbvio, partes do discurso, pela simples razão que o todo não pode ser parte de si mesmo”.

Cunha & Cintra (1985, p. 577), em *Nova gramática do português contemporâneo*, apresentam uma definição para o FI (ver Quadro 2) seguida de uma relação de onze “sentimentos” que o FI pode denotar e de um parecer sobre as locuções interjetivas, as quais, segundo eles, são “[interjeições] formadas por grupos de duas ou mais palavras”. De modo geral, as colocações de Cunha & Cintra refletem o pensamento de todos aqueles que escreveram sobre o FI, o que, na maioria dos casos, não passa de única página. Se não fossem as notas de rodapé, Cunha & Cintra estariam apenas evidenciando um estudo sem grande grau de complexidade. Nessas notas de rodapé, Cunha & Cintra (1985, p. 577) fazem colocações sucintas a respeito da (im)possibilidade de o FI compor ou não uma classe de palavras. Veja-se:

1ª) Não incluímos a INTERJEIÇÃO entre as classes de palavras pela razão aduzida no Capítulo 5.

Com efeito, traduzindo sentimentos súbitos e espontâneos, são as interjeições gritos emotivos, equivalendo a frases emocionais.

2ª) Na escrita, as interjeições vêm de regra acompanhada do ponto de exclamação (!).

Cunha & Cintra, apesar de assinalarem no capítulo 17, *Interjeição*, em nota de rodapé, que não incluíram o FI entre as classes de palavras, no Capítulo 5, *Classe, Estrutura e Formação de Palavras*, em que se busca “a razão” para tal atitude, não explicitam mais detalhadamente os motivos que os levaram — e a outros gramáticos também — a “excluírem” o FI das *partes orationis*. Na seção *Classe de Palavras* (p. 77), do Capítulo 5, Cunha & Cintra, depois de estabelecerem, nas seções anteriores a essa, a distinção entre morfema lexical (os substantivos, os adjetivos, os verbos e os advérbios de modo) e morfema gramatical (os artigos, os pronomes, os numerais, as preposições, as conjunções e os demais advérbios, bem como as formas indicadoras de número, gênero, tempo, modo ou aspecto verbal) apresentam a distinção entre palavras variáveis (os substantivos, os adjetivos, os artigos e certos numerais e pronomes e o verbo) e invariáveis (os advérbios, as preposições, as conjunções e certos pronomes), de acordo com a (im)possibilidade de se combinar com os morfemas flexionais ou desinências. Ao FI, para o qual se procuram as razões que não o incluam nas classes de palavras, e, portanto, na morfologia, Cunha & Cintra reservam o seguinte comentário: “A interjeição, vocábulo-frase, fica excluída de qualquer das classificações”. Impera, em Cunha & Cintra, bem como em outros gramáticos, um silêncio sobre o FI.

Para Bechara (2001, p. 109), em sua *Moderna gramática portuguesa*, mais especificamente na segunda parte — *Gramática descritiva e normativa: as unidades do discurso* —, em que se podem perceber morfologia e sintaxe juntas, e com base nos estudos de Coseriu, “quase sempre a gramática engloba numa mesma relação palavras que pertencem a grupos bem diferentes: *substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição*”. Ainda segundo Bechara, é necessário um exame atento quanto a essa relação, uma vez que ela engloba, com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos, palavras de natureza e funcionalidade diferentes. “E o elemento que as diferencia são os diversos significados que lhes são próprios”. Esses significados são o lexical, o categorial, o instrumental, o sintático e o ôntico, postos em relevo pela sintaxe. Assim, de acordo com Bechara, há um imbricamento entre classes de palavras, sintaxe e sentido e, nesse entrelaçamento, os significados léxico, categorial e instrumental permitem que se faça uma divisão das palavras em: 1) lexemáticas (substantivos, adjetivos, verbo e advérbio — os quais compõem a classe verbal ou categorias gramaticais); 2) categoremáticas (pronomes e numerais — os quais são “formas em substâncias”,

apresentando, primeiramente, um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralingüística; por isso, são também da classe verbal) e 3) morfemáticas (artigos, preposição e conjunção — os quais são elementos que pertencem ao universo da gramática). Bechara faz apenas uma ressalva, que é em relação ao FI: “Da lista tradicional das classes de palavras só nos falta falar da *interjeição*, que a rigor, nem é pura *palavra*, mas uma *palavra-oração*, que só por si pode valer por um conteúdo de pensamento da linguagem emocional” (p. 112). Vê-se, portanto, que Bechara compartilha com outros gramáticos a idéia de o FI ter “existência autônoma” (ver Quadro 2) e, a rigor, constituir por si “verdadeiras orações”. Ainda acrescenta: “o tipo mais simples de frase é o constituído por *interjeição*. Já é antiga em gramática a idéia de a *interjeição* não ser, a rigor, uma ‘palavra’, mas que equivale a um enunciado independente ou a uma oração inteira”. (p. 540)

Por essas resenhas, nota-se que os “rótulos” conferidos ao FI apenas silenciam e/ou suavizam as dúvidas. Se se detiver a vista nas poucas páginas ou linhas reservadas ao FI nas gramáticas tradicionais, serão percebidas análises que primam pela fragilidade e/ou incompletude — o que assegura a condição periférica, anômala ou a sua quase exclusão do sistema gramatical de uma língua. Não só as poucas páginas destinadas à descrição do FI, bem como o parecer negativo e simplista de alguns gramáticos, refletem um (possível) descaso⁶.

As concepções acerca do que é o FI nas gramáticas tradicionais como expressão de um sentimento, de uma emoção, da alma etc. devem-se, sobretudo, à visão de língua(gem) como representação transparente, como expressão do pensamento. No *continuum* das *partes orationis*, o FI, na maioria das gramáticas tradicionais, está no pólo final — ao contrário das gramáticas filosóficas, em que se encontra no pólo inicial pelo fato de ser considerado a origem da linguagem — o que significa tratar-se de um “rudimento de discurso”, ocupando um lugar periférico e secundário. Se ao FI cabe o limite da hierarquia das *partes orationis*, significa dizer também que as outras *partes* têm seus lugares definidos. Assim, o nome ocupa a posição inicial, uma vez que, de acordo com a noção de representacionalismo, para o qual concorre uma concepção de linguagem enquanto reflexo do mundo, é a categoria

⁶ Sobre esse parecer simplista, ver as citações que se encontram no primeiro parágrafo da Introdução do presente trabalho.

que mais evidencia a “linguagem-lugar da transparência referencial” (GONÇALVES, 2002, p. 37). O verbo também é uma categoria que muito cristaliza essa noção.

Nas gramáticas selecionadas para compor o Quadro 2, e pelas resenhas dessas gramáticas no que se refere ao FI, nota-se que a preocupação comum é a de se estabelecer uma classificação do FI com base apenas na intuição do gramático. Nas classificações propostas, há uma relação empírica de dados, sem que se considere o valor pragmático de cada item. Embora Cunha & Cintra (1985, p. 577) afirmem que o FI “depende fundamentalmente do contexto e da entonação”, as classificações e a relação empírica de exemplos são aleatórias.

Tem-se, a seguir, um quadro geral dessas classificações. O objetivo desse quadro é o de reunir os exemplos arrolados pelos diversos autores e a classificação dada — classificação essa descontextualizada. Veja-se:

QUADRO 3 - Da classificação e exemplificação (gramatical) do FI

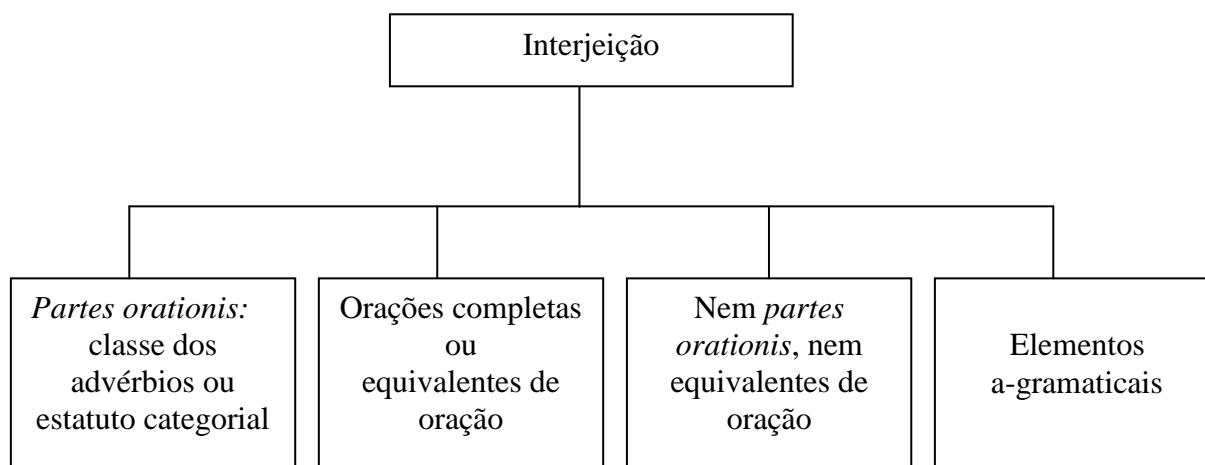
CLASSIFICAÇÃO	INTERJEIÇÃO OU LOCUÇÃO INTERJECTIVA
Admiração ou espanto	Ah! Oh! Oi! Ui! Hem! Uai! Xi! Caramba! Puxa! Arre! Nossa! Opa! Credo! Macacos me mordam! Meu Deus! Nossa Senhora! Puxa vida! Virgem Maria! Santo Deus! Safa! Quê!
Advertência	Fogo! Olha! Olha lá! Cuidado! Atenção! Calma! Alerta! Sentido! Alto! Devagar! Vê bem!
Afugentamento, indignação e repulsa	Sai! Fora! Passa! Rua! Chit! Arreda! Xô! Fora! Morra! Abaixo! Não! T'esconjuro!
Agradecimento	Obrigado! Grato! Agradecido! Valeu! Muito obrigado! Graças a Deus!
Ajuda, apelo ou chamamento	Socorro! Psiu! Alô! Hei! Oi! Ó! Valha-me Deus! Olá! Eh! Ei! Misericórdia!
Alegria	Ah! Oba! Viva! Oh! Eh! Eta! Aleluia!
Alívio	Ufa! Uf! Arre! Oh! Ah! Eh!
Animação	Avante! Eia! Sus! Vamos! Coragem! Força! Ânimo!
Aplauso	Bravo! Bis! Parabéns! Apoiado! Ótimo! Viva! Isso! Muito bem! Bem! Boa!
Concordância	Sim! Ótimo! Claro! Pois não! Pudera! Ótimo! Ta! Hã-hã!
Desejo	Tomara! Oxalá! Pudera! Oh! Queira Deus!
Desapontamento	Ué! Uai!
Dor	Ai! Ui! Ah! Oh!
Dúvida ou incredulidade	Qual! Hum! Qual o quê! Pois sim! Epa! Que esperança!
Impaciência ou contrariedade	Hem! Raios! Ora bolas! Droga! Arre! Irra! Apre! Puxa! Vote!
Pena, comiseração ou lamento	Coitado! Oh! Ai! Pobre de mim! Que pena! Triste de mim! Xi! Perdão!

CLASSIFICAÇÃO	INTERJEIÇÃO OU LOCUÇÃO INTERJECTIVA
Reprovação ou desacordo	Ora! Ora essa! Qual! Francamente! Essa não! Não apoiado! Fiau! Chega! Entretanto...
Satisfação	Upa! Oba! Boa! Que bom! Opa!
Saudação	Salve! Oi! Olá! Ave! Viva! Adeus! Tchau! Bom dia! Até logo!
Silêncio	Psiu! Basta! Silêncio! Alto! Chega! Psit! Caluda! Bico calado!
Surpresa	Oi! Ave! Olá! Ah! Ó! Oh! Quê! Cruz credo!
Terror, medo	Credo! Cruzes! Uh! Ui! Barbaridade! Que horror!
Zombaria	Fiau! Nhênhê!

A partir do percurso histórico e da visão gramatical do FI, fica evidente a sua condição periférica ou anômala quanto ao seu estatuto categorial. A condição de *limbo* do FI percorre, mesmo que de formas diversas, e até de maneira cíclica, toda a sua trajetória, uma vez que o tratamento ou não como categoria gramatical acaba por contaminar o seu próprio caráter lingüístico, dificultando as análises que se pretendem no nível textual-discursivo. Os questionamentos levantados visam, portanto, à localização histórica do FI, para que se possa, nesta pesquisa, considerá-lo como algo vivo e dinâmico da língua — e como tal, uma análise em que se valorizem os (inter)locutores, o texto e a situação.

Enfim, a visão acerca do FI, desde a tradição grega e latina até as gramáticas selecionadas para a composição do Quadro 2, pode ser esquematizada da seguinte maneira:

DIAGRAMA 1: Da síntese das visões acerca do FI ao longo do tempo



FONTE: Gonçalves, (2002, p. 285) - Adaptação⁷.

⁷ A adaptação feita de Gonçalves (2002) refere-se à disposição gráfica do diagrama.

Esse diagrama evidencia muito mais as decepções do que os avanços dos estudos acerca do FI, uma vez que, desde os gregos e latinos, pouca ou nenhuma inovação ocorreu. Os gramáticos tradicionais, raras exceções, apenas procrastinaram as idéias clássicas acerca dos “gritos súbitos da alma”. As inquietações e flutuações sobre o FI refletem a secular indecisão dos gramáticos acerca de seu estatuto. Tais indecisões podem denotar: a) descompromisso, porque há hesitação em conceituar o FI: palavra, partícula ou grito (voz); b) contradição, porque, simultaneamente, o FI é considerado como oração e como parte da oração e c) conservadorismo, porque mantêm-se, desde os gregos e latinos, as razões aduzidas em (a) e (b). Na inter-relação dessas três posturas, encontra-se, pois, um “acordo tácito” que apaga a complexidade de um *fenômeno* que mais patenteia o dinamismo vivo, e(a)fetivo e ativo de uma dada língua do que instaura “meros gritos subitâneos”.

1.3 A visão lexicográfica acerca do Fenômeno *Interjeição*

A palavra *interjeição* vem do latim “*interjectione*, por via semi-erudita. É propriamente a ação de *atirar no meio*; palavra que se *solta no meio* do discurso” (NASCENTES, 1966, p. 414). Tal significado etimológico está presente, (in)diretamente, em todas as definições de dicionaristas, gramáticos, filólogos e lingüistas. A idéia clássica é a de que o FI é uma palavra ou voz que exprime de um “modo enérgico e conciso os afetos súbitos da alma tais como a dor, a alegria, o medo, a admiração, etc. (...) Há interjeições que são meros gritos, como *ó! ui! ai!*. Outras são palavras contratas e até frases elípticas, como *oxalá! irra! misericórdia!* (...)” (AULETE, 1964, p. 2210). Já Marouzeau (1961, p. 124), além da descrição etimológica, assinala o que o FI traduz a atitude do falante. Veja-se:

Palavra invariável susceptível de ser empregada isoladamente e como tal inserida (lat. *interiectus*) entre dois termos do enunciado, para exprimir por exemplo um chamamento (*ohé!*), uma ordem (*aqui!*), uma proibição (*chut!*), de modo geral para traduzir de maneria viva uma atitude do sujeito falante.⁸

Em dicionários filológicos e de lingüística, a visão acerca do FI não difere das visões dos gramáticos. Em tais dicionários, os “dicionaristas” comungam, de

⁸ **Interjection.** Mot invariable susceptible d’être employé isolément et comme tel inséré (lat. *interiectus*) entre deux termes de l’énoncé, pour exprimer par exemple un appel (*ohé!*) un ordre (*ici!*), une défense (*chut!*), d’une façon générale pour traduire d’une façon vive une attitude du sujet parlant.

maneira velada, com a idéia de que o FI ocupa o *limbo* do sistema lingüístico. Há, portanto, um acordo entre os “dicionaristas”, e entre eles e os gramáticos. Carreter (1968) e Câmara Júnior (1986) reproduzem, sucintamente, a visão histórica e a visão gramatical do FI, vistas anteriormente.

Em Carreter (1968, p. 243), tem-se:

Interjeição: sinal que pode contradizer as leis fonológicas de uma língua (espanhol *uf, paf*), e também possuir uma estrutura fonológica correta (*ay, oh*), sem valor gramatical, que desempenha as funções lingüísticas de um modo elementar. Há, portanto, **interjeições apelativas** (*eh, chist, ps*), **expressivas** (*oh, ah, ay*) e representativas (*zas, paf, pum*). Estas últimas são, às vezes, verdadeiras onomatopéias. Os gramáticos gregos classificaram as interjeições entre os advérbios. Os latinos as separaram, constituindo com elas uma parte das orações. Donato (século IV d. C.) a definiu: ‘anunciando a vontade da alma’. O termo latino *interiectio* alude a que é costumeiro vir entre os termos do enunciado, com independência tonal. Vossio (1635), a definiu como um equivalente de frase. Esta idéia, presente ainda em muitos gramáticos, foi atacada por Karcevski (1941), o qual faz ver como toda frase pode ser enunciada em estilo indireto, mas a interjeição, não⁹.

Em Câmara Júnior (1986, p. 147), tem-se:

INTERJEIÇÃO — Palavra que traduz, de modo vivo, aos estados d’alma. É uma verdadeira palavra-frase, pela qual o falante, impregnado de emoção, procura exprimir seu estado psíquico num momento súbito, em vez de se exprimir por uma frase logicamente organizada. As interjeições são palavras especiais e se distinguem das EXCLAMAÇÕES, vocábulos soltos, emitidos no tom de voz exclamativo, ou frases mais ou menos longas que em regra começam pelas partículas *que, como, quanto, quão*, e constituem orações de um tipo especial, ou fragmentos de oração, ou monorrema. Exs.: *Admirável! — Que quadro de amarguras!*

As interjeições são de três tipos: a) certos sons vocálicos, que na escrita se representam de uma maneira convencional fixa; ex.: *ah! — oh!* (onde a letra h em posição final marca uma aspiração pós-vocálica, que só aparece em português nesse caso); b) verdadeiros vocábulos, já no domínio da língua; ex.: *arre! — olá!*; c) uma locução interjectiva; ex.: *ora bolas! — valha-me Deus!*

Em Carreter e em Câmara Júnior, fica evidente o caráter prosódico do FI; o FI pode ser formado por “vozes” que se ajustam ou não às leis fonológicas de uma

⁹ **Interjección.** Signo que puede contradecir las leyes fonológicas de una lengua (español *uf, paf*), o bien poseer una estructura fonológica correcta (*ay, oh*), sin valor gramatical, que desempeña las funciones lingüísticas de un modo elemental. Hay, por tanto, **interjecciones apelativas** (*eh, chist, ps*), **expresivas** (*oh, ah, ay*) y **representativas** (*zas, paf, pum*). Estas últimas son, a veces, verdaderas onomatopeyas. Los gramáticos griegos clasificaron las interjecciones entre los adverbios. Los latinos las separaron, constituyendo con ellas una parte de la oración. Donato (siglo IV d. J. C.) la define: “significans mentis affectum”. El término latino *interiectio* alude a que suele ir entre dos términos del enunciado, con independencia tonal. Vossio (1635) la definió como un equivalente de frase. Esta idea, viva aún en muchos gramáticos, ha sido atacada por Karcevski (1941), el cual hace ver cómo toda frase puede ser enunciada en estilo indirecto, pero la interjección, no.

língua. Percebe-se também que há uma tentativa (imprecisa) de classificação, destacando-se o embate entre as onomatopéias (principalmente em Carreter) e as manifestações interjectivas. Destaca-se ainda em Carreter o combate à idéia de que o FI possa ser equivalente de frase, já que para Karcevski toda frase pode ser enunciada em discurso indireto e o FI não pode. Se se considerar o FI de natureza assintática, como ele pode se ajustar ao estilo indireto? Em Câmara Júnior, nota-se também a relação entre o FI e as orações exclamativas ou optativas. Enfim, Carreter e Câmara Júnior sustentam também o “acordo tácito”.

A noção de linguagem como representação — e suas conseqüentes concepções de gramática — gera dificuldades também para os lexicógrafos quando da definição de manifestações interjectivas ou com traços interjectivos. O quadro, a seguir, apresenta os dicionaristas, suas definições do verbete *interjeição* e, finalmente, a “leitura” deles da manifestação interjectiva *oh* — a escolha dessa manifestação, para a composição do quadro, deve-se ao fato de ela estar presente em quase todas as gramáticas e livros didáticos. Veja-se:

QUADRO 4 - Da visão lexicográfica do FI

DICIONARISTA	VERBETE <i>INTERJEIÇÃO</i>	VERBETE <i>OH</i>
Ferreira (1986)	Interjeição. [Do lat. <i>Interjectione.</i>] <i>S.f. Gram.</i> Palavra ou locução com que se exprime um sentimento de dor, de alegria, de admiração, de aplauso, de irritação, etc.	Oh. [Do lat. <i>o.</i>] <i>Interj.</i> Exprime espanto, surpresa, alegria, tristeza, admiração, lástima, repugnância e outras impressões vivas ou súbitas: <i>Oh! você por aqui?</i> ; “Oh! que saudades que tenho / Da aurora da minha vida. / Da minha infância querida / Que os anos não trazem mais!” (Casimiro de Abreu, <i>As Primaveras</i> , p. 33); <i>Oh!</i> , excelentíssima! Poupe-me... o dissabor de vir trazer o sono a uma sociedade tão divertida.” (Artur Azevedo, <i>Contos Efêmeros</i> , p. 83).
Houaiss (2001)	Interjeição <i>s.f.</i> GRAM palavra invariável ou sintagma que, com entonação peculiar, ger. sem combinar-se gramaticalmente com elementos de oração, formam, por si sós, frases que exprimem uma emoção, uma ordem, um apelo ou descrevem um ruído (p. ex.: <i>psiu!</i> , <i>oh!</i> , <i>coragem!</i> , <i>meu Deus!</i>). [O verbete continua, mostrando vários tipos de interjeição. No final, evidencia o etimologia: “ <i>interjectio</i> , <i>ōnis</i> ‘inserção, interposição’”].	oh /ó/ <i>Interj.</i> expressa surpresa, desejo, repugnância, tristeza, dor, repreensão. ETM lat. <i>ō</i> ou <i>ōh</i> exprime ‘espanto, admiração, alegria, dor, repreensão’.

Tanto Ferreira quanto Houaiss (re)apresentam na definição do FI a concepção representacionista dos estados afetivos. Parece haver uma dificuldade de descrever, lexicograficamente, itens de natureza expressiva, já que inexistem, epistemologicamente, uma metalinguagem apropriada para mostrar a abundante diversidade pragmática desses itens. A proposta de Gonçalves (2002) quanto ao fato de o FI compor um micro-sistema, em que se representariam os estados afetivos do sujeito falante, os quais se ligam à função expressiva da linguagem, não tem nos estudos gramaticais e lexicográficos uma penetração tranquila e palpável.

Devida à escassez de tratamento que caracteriza a descrição de manifestações interjectivas, pode-se dizer que a lexicologia e a filologia ainda se encontram na “estaca zero”. Apesar do princípio de economia do método lexicográfico, não se pode deixar de apontar algumas falhas quanto à abordagem de itens de função expressiva. Nas definições de Ferreira e Houaiss para a manifestação *oh*, evidencia-se que o valor pragmático não é descrito de modo satisfatório — não se alinham descrição lexicográfica, função pragmática e metalinguagem.

Decorrente disso, apontam-se, sucintamente, alguns problemas que patenteiam as definições lexicográficas, sobretudo quanto às formas interjetivas: apagamento do locutor; desconhecimento do caráter enunciativo do item; ênfase à enumeração das qualidades enunciativas do item em relação às funções pragmáticas e assimetria entre as funções enunciadas e as ilustradas.

1.4 O Fenômeno *Interjeição* na Nomenclatura Gramatical Brasileira

No Brasil, a Portaria Ministerial n. 152, de 24 de abril de 1957, assinada pelo ministro Clóvis Salgado da Gama, designou os professores Antenor Nascentes, Clóvis do Rego Monteiro, Celso Ferreira da Cunha, Carlos Henrique da Rocha Lima e Cândido Jucá (filho) para que eles estudassem e propusessem um projeto que simplificasse e unificasse a nomenclatura gramatical, para uso dos estabelecimentos de ensino e da literatura didática. O Anteprojeto de Simplificação e Unificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira foi apresentado ao Ministério da Educação e Cultura em 13 de agosto de 1957. Os professores propunham, sobretudo, a exatidão científica do termo e a eliminação de denominações múltiplas. O ministro Clóvis Salgado, de posse do Anteprojeto, repassou-o a diretores de colégio e a reitores de universidades para que fosse avaliado, apontando soluções.

Vários foram os apontamentos feitos. Dentre eles, destacam-se aqueles referentes ao FI. No Anteprojeto, ele aparece como uma classe de palavra, designada assim: “Não há divisão para as interjeições”. Na outra linha: “Locução interjectiva”. Em seus apontamentos, Chediak (1960, p. 68) ressalta ainda que: “As interjeições classificam-se no contexto, conforme a atitude do sujeito falante. Pode não haver ‘divisão’, mas há classificação”. Veiga (1958, *apud* CHEDIK, 1960, p. 215) sugere que são nove as classes de palavras, portanto deveria retirar o FI. Ainda acrescenta a seguinte nota: “A Interjeição não constitui um elemento da oração, mas equivalente de uma frase que não desenvolveu sua estrutura, — porque a emoção afogou a serenidade da elocução”. Veiga sugere que o FI seja estudado nas “frases exclamativas como supremo grau de condensação. É partícula que exprime sentimento. Ponto tão pacífico que nem necessitaríamos de abonação para justificá-lo”.

Depois de todos os apontamentos recebidos, ficou aprovada pela Portaria Ministerial n. 36, de 28 de janeiro de 1959, a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Pelo processo democrático de elaboração da NGB, fica evidente que não houve, em nenhum momento, preconceito (ou distanciamento) por uma classe de palavras ou sua função na frase. Houve, sim, o objetivo de oferecer um tratamento particular ao ensino de Língua Portuguesa, já que “tal ensino tem residido na complexidade e falta de padronização da nomenclatura gramatical em uso nas escolas e na literatura didática” (GAMA, 1957, *apud* CHEDIK, 1960, p. 7).

Lá, na Antigüidade (gregos e latinos), o FI, *ah!*. *Cá?* Apesar dos avanços dos estudos lingüísticos, *bah!* quanto ao tratamento ao FI.

CAPÍTULO II

DO *LIMBO* ÀS IMENSIDADES DO DISCURSO REAL: DELINEAMENTO DO CAMINHO METODOLÓGICO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Horror

Com seus OO de espanto, seus RR guturais, seu hirto H, HORROR é uma palavra de cabelos em pé, assustada da própria significação. (QUINTANA, 1995, p. 50)

2.1 A gramática não está pronta...

Não é necessário ter um vasto conhecimento acerca dos mecanismos da língua(gem) para colocá-la em funcionamento. No entanto, para enxergar o fio tênue que faz a tessitura do trinômio (inter)locutor/enunciado/contexto, é necessário que os estudiosos da língua (portuguesa) se tornem lingüistas e paradoxalmente se distanciem desse compromisso de o ser — a vivência com quaisquer tentativas de análise sistemática da língua é uma atividade em que os estudiosos podem se apoiar para as reflexões mais acuradas acerca do funcionamento da língua(gem). A curiosidade também está imbricada nos estudos lingüísticos. Perini (1997, p. 9) aponta que aprendeu a avaliar os seus “colegas de profissão não em função do quanto sabem da teoria lingüística, mas em função do quanto são dominados pela paixão do estudo da linguagem .”

Por isso, talvez, Perini (1997, p.85) escreve que,

para quem gosta de certezas e seguranças, tenho más notícias: a gramática não está pronta. Para quem gosta de desafios, tenho boas notícias: a gramática não está pronta. Um mundo de questões e problemas continua sem solução, à espera de novas idéias, novas teorias, novas análises, novas cabeças.

Como se pode perceber, o mesmo argumento — “a gramática não está pronta” — atende a duas visões: ao estruturalismo em que a *certeza* e a *segurança* foram/são as armas em defesa da imobilidade/normatividade dos estudos lingüísticos

e, de outro lado, ao funcionalismo em que *idéias, teorias, análises e cabeças* não são armas, instrumentos de guerra, mas *possibilidades* que estão em constantes movimentos devido ao fato de enunciado, contexto e (inter)locutores se imbricarem íntima e discursivamente.

Os desafios na busca de respostas, mesmo que efêmeras, às *questões e problemas* na intrincada relação língua/gramática/usuário deveriam ser um traço peculiar do estudioso e/ou professor de língua portuguesa. Concorre para os estudos acerca dessa relação um movimento simultâneo de *ir ao encontro* da visão tradicional da gramática e *de encontro* a ela para perceber que nesse movimento de *(des)encontros* estejam as *possibilidades* de uma tentativa de “sistematizar” o uso lingüístico que o falante negocia num determinado evento de comunicação.

2.2 O caminho: objetivos, justificativa, hipótese, método, colaboradores

2.2.1 Os objetivos

As questões levantadas até aqui apontam para a necessidade de uma “organização” *(des)comprometida* de falante e de professor de língua portuguesa para investigar o FI. Este trabalho, portanto, tem como objetivo mostrar, à luz do Funcionalismo, que as considerações acerca do FI na pouca literatura destinada a elas não levam em conta o jogo interacionista em que a língua(gem) é o meio para se chegar à comunicação eficiente, expressiva e emocionalmente. As manifestações interjectivas são fenômenos vivos e e(a)fetivos da língua — são o lugar privilegiado da expressividade. Como tal, devem ser reconhecidas. Há, pois, uma proposta de ruptura com os estudos gramaticais para que se compreenda — e se perceba — o FI como a presença do enunciador na enunciação. Um “acordo tácito”, hoje, adiaria mais o reconhecimento de que o FI é uma das marcas de envolvimento própria das (inter)locuções.

Pretende-se ainda, ao final deste trabalho, apresentar um feixe de traços definidor do FI. Afinal, “Pobre de mim!” e “Macacos me mordam!” constituem uma manifestação lingüística, atitudinal/modalizadora do falante, a qual demanda uma investigação mais consistente. Um estudo, com o mesmo empenho devotado aos marcadores discursivos, mostrará algumas de suas peculiaridades, inclusive em relação às onomatopéias e ao grau de envolvimento do falante em relação ao

(inter)locutor, à mensagem e à situação. O agrupamento de alguns traços definidores do FI visa a uma montagem de um quadro da prototipicidade à não-prototipicidade, por meio do qual fica salientado o envolvimento expressivo e emocionante do falante no evento comunicativo em que se encontra.

2.2.2 A justificativa

A justificativa para o estudo do FI é que as definições gramaticais acerca do FI são generalizadas, e, por isso mesmo, com baixo grau de operacionalidade. Como são abrangentes, não são suficientemente capazes de abarcar as condições pragmáticas dos componentes enunciativos. As pulverizações conceituais e operacionais decorrentes dos estudos acerca do FI resultam numa definição globalizante. Critérios semânticos, pragmáticos e discursivos ficam à margem das definições clássicas. Resta a posição final da *partes orationis*, a qual, já é sabido, é destinada ao anormal, ao desconhecido — é uma espécie de *limbo* para questões lingüísticas de cunho eminentemente pragmático.

Acrescente-se ainda o fato de o FI não ter sido estudado no uso, pelo menos no português do Brasil. Os estudos empreendidos restringem-se a situações limites, qual seja a frase. Manter estudos de fenômenos vivos e e(a)fetivos nos limites das frases significa, como no caso do FI, descompromiso e conservadorismo. Como consequência dessa postura descomprometida e conservadora, intensifica-se o “acordo tácito”, presente, como já visto, nas gramáticas da Antigüidade e nas de hoje. Tal “acordo”, que considera o FI como *partes orationis*, grito subitâneo e palavra-frase, instiga, já que a língua(gem) tem a função de comunicar a própria vida, emocional e expressivamente.

Neste trabalho, adota-se, portanto, uma abordagem funcional-discursiva, abrangendo a semântica e a pragmática. Acredita-se que as várias ocorrências dessa *linguagem marcada pela afetividade* extrapolam — e muito! — o que está descrito e prescrito pela gramática tradicional. Nas análises empreendidas pelos gramáticos, por não considerarem o discurso, ficam à margem fatores pragmáticos, a intencionalidade dos usuários, a funcionalidade comunicativa, a situacionalidade, prevalecendo o aspecto formal. O FI é marca expressiva/envolvente do usuário na situação enunciativa.

2.2.3 A hipótese

Este trabalho baseia-se na hipótese de que o FI, a partir de domínios preestabelecidos (domínio lingüístico e textual-discursivo e seus respectivos parâmetros)¹⁰, apesar das pulverizações conceituais, taxionômicas e operacionais ao longo do tempo, as quais o reduziram ao rótulo “palavra-frase” ou “grito subitâneo”, *é uma manifestação de caráter emotivo/expressivo que não é descrita metalingüisticamente pelo falante, como <eu estou surpreso, vou reagir abruptamente> ou <não estou (tão) surpreso, não vou reagir abruptamente>; é presentificada, com maior ou menor envolvimento, atitudinalmente pelo falante diante de diferentes “objetos”, quais sejam, o (inter)locutor, a mensagem e a situação.*

Se há um “acordo tácito”, há uma falta de acordo no nível teórico sobre o FI. Diante disso, a hipótese formulada busca conjugar aspectos gramaticais, semânticos, pragmáticos, discursivos enfim, para que, na análise pretendida aqui, sejam considerados os princípios da gramática funcional, os quais dizem respeito ao modo como o usuário organiza seu discurso a fim de torná-lo comunicativamente expressivo e envolvente. “Toda situação interativa entre duas pessoas envolve alguma comunicação afetiva, mesmo que em menor extensão” (BULL, 1983, *apud* KARAHAN, 2003, p. 75).

A explicitude do caráter de envolvimento afetivo do FI também sofre alterações quanto a sua “extensão”. Na hipótese acima formulada, as “falas” entre as bráquias apontam para a noção de *continuum* de termos de natureza interjectiva. Tal noção liga-se às idéias de Taylor (1989) acerca da teoria da prototipicidade, representadas pela seguinte equação: [categorias + prototípicas ou + centrais] ↔ [categorias - prototípicas ou - centrais]

Têm-se, a seguir, os seguintes fragmentos ilustrativos:

¹⁰ Esses domínios são esclarecidos no capítulo IV.

Fragmento 1:

L1: meu marido chega quarta-feira

L2: a::i: que delí:cia

L1: é::: (FD3)¹¹

Fragmento 2:

As cebolas já estão acabando, a (nome) levou uma restea e eu fiz uns vidros de pickles que ficou uma delícia. (FC4)

No Fragmento 1, a expressão “a::i: que delí:cia” é uma manifestação atitudinal presentificada durante o fluxo conversacional. No Fragmento 2, a expressão “que ficou uma delícia” não é presentificada, mas descrita. No Fragmento 1, houve uma *inserção*, um não-licenciamento para que o falante pudesse exprimir sua emoção diante dos acontecimentos. Não houve uma atitude metalingüística marcada, como: <quero manifestar a minha reação diante da chegada de seu marido>. Já no Fragmento 2, a expressão, embora apresente o parecer do falante, não é presentificada, mas descrita, o que afasta do momento comunicacional o compartilhamento direto, vivo, da emoção. Daí a necessidade de estabelecer parâmetros viáveis à formação de um quadro operacional, o qual possibilite a montagem de um *continuum* das formas [+prototípicas]↔ [-prototípicas] do FI, do mais expressivo/envolvente ao menos expressivo/envolvente.

2.2.4 O método

Segundo Galembeck (1999a, p. 111), o fato de o material de estudo da modalidade falada ser extraído de situações reais de interação espontânea e não-planejada aponta o método empírico-indutivo como metodologia específica. Isso porque a “fluidez e a falta de planejamento prévio requerem uma metodologia específica, que dê conta dos fenômenos peculiares a essa modalidade de língua”. Ainda de acordo com Galembeck, as características da língua falada “excluem um método baseado unicamente em categorias ‘prontas’ e pré-estabelecidas”. Opta-se, assim, pelo método empírico-indutivo para a confecção deste trabalho, já que, segundo Marcuschi (2001a, p. 7), “quanto à característica metodológica básica, a AC

¹¹ O detalhamento sobre essa codificação é apresentado adiante, no final da seção 2.2 deste capítulo.

[Análise da Conversação] procede por *indução*: inexistem modelos *a priori*¹². Ela parte de dados empíricos em situações reais”. Assim, prevalecem na AC as descrições e interpretações de natureza qualitativas.

2.2.5 Os colaboradores

Os dados reais, efetivos, é que orientam o pesquisador. Todavia, a constituição do *corpus* que compõe o presente trabalho não fica restrita a textos exclusivos, típicos da modalidade falada. Há, também, nessa constituição, textos escritos, cuja concepção discursiva é oral. O *corpus* está organizado conforme Marcuschi (2001b), já que este autor considera a distribuição dos gêneros textuais de acordo com a concepção discursiva e o meio de produção¹³. O *corpus* deste trabalho é formado por três tipos de interação: 1ª) *face a face*, com os gêneros *diálogo* e *entrevista*; 2ª) *escrita*, com o gênero *carta pessoal* e 3ª) *locução de rádio*, com o gênero *denúncia*.

A seleção desses três tipos de interação visa à valorização da modalidade falada, embora alguns dos gêneros sejam escritos. Os dois primeiros gêneros — *diálogo* e *entrevista* — ilustram o tipo de interação *face a face*. Foram transcritos de fitas de áudio e retratam situações informais de conversação e situações de conversação entre documentadores e informantes, respectivamente. Os textos selecionados para compor esse primeiro tipo de interação foram extraídos de parte do *corpus* pertencente ao CRAV¹⁴, transcrito de Gonçalves (2000); do Projeto Fala de

¹² A inexistência de modelos *a priori* não significa que o pesquisador da modalidade falada abandone este ou aquele referencial teórico ou metodológico. As peculiaridades da língua falada é que orientam a análise, impedindo desse modo um tratamento equivocado dos fenômenos a serem estudados. Contemplam-se, dessa maneira, os postulados da gramática funcional, os quais referem-se, sobretudo, à interação dos falantes e a sua competência comunicativa.

¹³ Para Marcuschi (2001b, p. 39-40), no *continuum* dos gêneros, há postulados que apontam para as noções de *meio* e *concepção*. Assim, “a fala é de concepção oral e meio sonoro, ao passo que a escrita é de concepção escrita e meio gráfico”. Portanto, há os textos prototípicos da modalidade escrita e da modalidade falada — além dos textos intercambiáveis. Os textos que compõem o *corpus* deste trabalho pertencem todos à concepção oral, meios oral e escrito, mais ou menos prototípicos.

¹⁴ Centro de Referência Áudio-Visual, mantido pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, da Prefeitura de Belo Horizonte. O projeto “Anônimos Notáveis”, desse Centro, visa a recuperar a história de Belo Horizonte por meio de narrativas testemunhais de pessoas que contribuíram, de maneira anônima, para a sua construção inicial.

Minas Gerais¹⁵, organizado por Ramos (1998); do conjunto de seqüências de mensagens organizado por de Karahan (2003), para confecção de sua tese; do Projeto Nurc¹⁶ — Castilho & Preti (1987) e Preti & Urbano (1998)

O gênero *carta pessoal* ilustra o tipo de interação *escrita*. É produzido graficamente, embora apresente uma concepção discursiva própria da oralidade. Com esse gênero, pretende-se contemplar as duas modalidades da língua, mas enfatiza-se o discurso real, efetivo. Os textos selecionados para compor esse tipo de interação foram extraídos de parte do *corpus* de Silva (2002), para confecção de sua tese.

Finalmente, o gênero *denúncia* exemplifica a interação *em locução de rádio*. Feitas pelo pesquisador deste trabalho, as transcrições desse gênero, na composição do *corpus*, foram feitas a partir de programa popular de rádio sem estabelecimento prévio de uma pauta. Tal programa de rádio tem a proposta de convidar pessoas carentes e/ou desprovidas de bens materiais para que elas denunciem os problemas por que estão passando ou enfrentando — o locutor do programa direciona a entrevista. Optou-se, desse modo, por chamar o gênero de *denúncia*, já que o caráter de entrevista sucumbe aos propósitos políticos da rádio em que o programa é realizado.

A transposição dos textos selecionados para composição do *corpus* deste trabalho obedeceu-se à transcrição original. As alterações havidas foram apenas quanto à disposição gráfica (formatação, tipo de caracteres). Apesar disso, seguem-se as normas estabelecidas pelos autores mencionados na transcrição de seus textos e aquelas estabelecidas pelo pesquisador deste trabalho na transcrição de seus textos selecionados, quanto aos gêneros do tipo de interação *face a face* e ao de *locução de rádio*. O gênero *carta pessoal*, por ter como meio de produção gráfico, segue as normas da tecnologia escrita. Enfim, de modo geral, as transcrições estão de acordo com as normas estabelecidas pelo Projeto NURC.

A constituição do *corpus* — interações *face a face*, *escrita* e *radiofônica* — visa a compreender a manifestação verbal do FI, lexical ou não-lexicalmente. É notório, pois, que a constituição do *corpus* é de natureza heterogênea, ou seja, situações de comunicação da modalidade falada e da escrita. As condições de

¹⁵ Este projeto é um conjunto de dados, recolhidos sob a ótica da Sociolinguística, que constitui um *corpus*, disponibilizado para pesquisas. Este projeto tem como coordenação a Prof^a. Jânia Ramos, da UFMG.

¹⁶ Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta do Brasil, cujo objetivo é o de estudar a ‘norma objetiva’ do português culto falado no Brasil, baseando-se na fala de adultos com nível universitário, de cinco capitais brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Salvador.

produção e de recepção, nessas modalidades, são diferentes. Na relação entre oralidade e escrita, deve-se considerar a diversidade de fatores que concorrem para sua produção. Enfim, o *corpus* é constituído de maneira assistemática. O quadro que se segue evidencia os tipos de interação, os gêneros e o número de fragmentos selecionados para a composição do *corpus*.

**QUADRO 5: Da composição do *corpus*:
tipos de interação e de gêneros selecionados**

TIPO DE INTERAÇÃO	GÊNEROS SELECIONADOS	Nº DE FRAGMENTOS
Face a face	Diálogo	10
	Entrevista	33
Escrita	Carta pessoal	19
Radiofônica	Denúncia	6
Total de fragmentos selecionados		68

No quadro a seguir, especificam-se as normas de transcrição adotadas para a transcrição das interações, sobretudo para as interações do tipo *face a face*. Salienta-se que, para as interações “emprestadas”, foram mantidas as normas usadas; não foram “corrigidos” os textos. Há ainda normas que correspondem às normas de transcrição do NURC, bem como normas estipuladas pelo autor desta pesquisa. Os nomes dos participantes foram suprimidos, sendo substituídos por L (Locutor(a)), Doc. (Documentador(a)), I (Informante), de acordo com a ordem de entradas na situação de comunicação. Os personagens citados, lugares e nomes de estabelecimentos ou instituições ou foram substituídos por nomes fictícios ou pelo nome geral.

QUADRO 6 - Das normas de transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS	ILUSTRAÇÃO
Incompreensão	()	ah () se chama a gente mais pa atender a gente num precisa mais não já morreu né?
Hipótese	(hipótese)	e:: as moças (quer dizer::)... havia muito mais::...
Truncamento ¹⁷	//	Algua//lguma autoridade né... pode ser um vereador...
Entonação enfática	Maiúscula	próprio médico pediatra... achou um abSURdo...
Prolongamento	:: aumentando para ::: ou mais	e sendo eu mesma eu prefiro:: guaraná champanhe
Silabação	—	porque nã::o é:: pos-sí-vel... não é possível o que que está acontecendo aqui
Interrogação	?	quando ele nascê ele vai fazê taequendô?
Qualquer pausa	...	é pena... mas eu tenho que i pra aula agora aula de português
Comentários do transcritor	((minúscula))	detesto asa... pés:: cabeça ((risos)) esses negócios ((riu))
Quebra seqüencial	— — — —	e pagava pelo pé... podia trazê também até... -- já tá cansada coitada... qué água?... --
Superposição de vozes	[ligando as linhas	I2— de muleta aqui na radia e... L — [meu Deus do céu...
Citações	“ ”	quando estávamos no melhor da festa disse “N. meu Deus” eu disse “que é que está acontecendo?”
Segmento referenciado	<u>Grifo</u>	e com isso <u>graças a Deus</u> eu voltei a... ser um...alguém...
Complementação imediata	=	L2: ele tava com a outra= L1: = casados=
Pausa média	(.)	sofrimento eu sofri mu::Ito (.) porque eu gostava dele (.)
Transcrição parcial ou eliminação	/.../	/.../...porque tem uma que vem... logo:: na frente do::... da cabeça do cavalo...
Tom ascendente	/	nossa ele é feio assim/
Tom descendente	\	são essas coisas externas que a gente repara primeito\ repara primeito\

¹⁷ O sinal utilizado pelos colaboradores para marcar o truncamento é uma barra (/). Neste trabalho, para não confundir com o tom ascendente, que também é marcado por uma barra, optou-se marcar o truncamento por duas barras paralelas (//).

Com a intenção de facilitar a referência dos fragmentos selecionados durante a análise, bem como sua localização no anexo, foram usados os seguintes códigos: a) indicação do tipo de interação: F (Face a face), E (Escrita) e R (Radiofônica); b) seguida do gênero: D (Diálogo), E (Entrevista) e D (Denúncia) e c) número do fragmento na seqüência em que se encontra no tipo de interação, no *corpus* em anexo. No exemplo FE12, tem-se um fragmento do tipo de interação face a face, do gênero entrevista, de número doze.

2.3 A estrutura do trabalho

Este trabalho está dividido em quatro capítulos — além da Introdução e da Conclusão. Na Introdução (*Dos brados subitâneos iniciais*), é apresentado o tema de trabalho e uma discussão sucinta acerca da “fenominalidade” do objeto de estudo, que é a *Interjeição*. No Primeiro Capítulo (*Das partes orationis aos acordos tácitos: tradição, anomalia e omissão*), localiza-se historicamente a origem (do problema) do FI, a visão gramatical e lexicográfica acerca do FI, bem como a flutuação de opiniões acerca do FI na NGB. No Segundo Capítulo (*Do limbo às imensidades do discurso real: delineamento do caminho metodológico e organização do trabalho*), explicitam-se os objetivos, a justificativa, a hipótese, os colaboradores e a composição do *corpus*, bem como a estrutura do trabalho. No Terceiro Capítulo (*Das imensidades do discurso real à rede interjectiva: o falante e sua língua(gem) no centro dos estudos lingüísticos*), evidenciam-se os caminhos teóricos — a corrente funcionalista da linguagem, a noção de prototipicidade e expressividade — em que se apóia a análise. No Quarto Capítulo (*Da rede interjectiva aos contornos cênicos: (inter)locutores, prototipicidade, expressividade e envolvimento*), tem-se a análise, destacando-se a noção de Rede Interjectiva, e a montagem do *continuum* de prototipicidade do FI. Na Conclusão (*Dos brados subitâneos finais*) apontam-se os resultados alcançados e alguns questionamentos para pesquisas futuras acerca do FI. Ainda, no Anexo, encontram-se os fragmentos de interação em seus respectivos gêneros selecionados para a composição do *corpus*.

CAPÍTULO III

DAS IMENSIDADES DO DISCURSO REAL À REDE INTERJECTIVA: O FALANTE E SUA LÍNGUA(GEM) NO CENTRO DOS ESTUDOS FUNCIONALISTAS

Uai!

Uai! é o que se diz, se o tempo vai
ou fica preso em nós, e lastimável.
Uai! para a manhã, o outono, o espasmo,
para os muros da infância e o amor sumido.
Dizer uai! uai! agora, e nunca
dizer senão uai! aos que fugiram,
tempos do mesmo uai!desirmanados.

(CÉSAR, 1997, p. 17)

3.1 A corrente funcionalista e a noção de gramática adotada

A investigação lingüística passa a ter reconhecimento de *estudo científico*, sobretudo a partir das idéias de Saussure (1917–1997), as quais, aliás, bastante difundidas e defendidas, ocupa(ram) praticamente todos os espaços dos estudos lingüísticos até hoje. As implicações das idéias de Saussure são notadas em todos os estudos da linguagem. Enfim, na Europa, com Saussure, surge a corrente estruturalista e a Lingüística torna-se verdadeiramente uma ciência, sem, contudo, definir os rumos que os estudos posteriores iriam tomar. Nos Estados Unidos, na década de 1950, com Chomsky, surge a corrente estruturalista gerativo-transformacional, que se tornou um novo paradigma nos estudos lingüísticos.

No período que compreendeu as produções da corrente estruturalista e da gerativista, um grupo de estudiosos organizados, e formadores da Escola Funcional de Praga (EFP), apresentaram análises científicas que ainda hoje são base para muitas pesquisas. A EFP adotava uma noção de linguagem articulada como um sistema de comunicação, com seus usos e funções. Os estudiosos de Praga propalavam uma relação dialética entre sistema e uso. Em termos gerais, segundo Paredes Silva (1997, p. 81), a corrente formal defende a autonomia do sistema gramatical; a corrente funcional defende que o sistema gramatical está condicionado

(ou mesmo determinado) pelas funções comunicativas que realiza, e suas motivações numa esfera fora da língua.

Nas últimas décadas, tanto na Europa quanto na América, essa relação dialética (sistema/uso) foi retomada sob a denominação de *funcionalismo*. Apesar desse “novo olhar”, o termo *funcionalismo* apresenta várias concepções. A pluralidade de visões acerca do termo não descaracteriza seu progresso e seus princípios nucleadores. O traço comum que une a diversidade de vertentes sob o rótulo funcionalista é a rejeição à corrente formalista — o que é uma leitura simplista, mas não totalmente falaciosa. Uma leitura pertinente apresentaria uma das principais contribuições da escola funcionalista, a saber: a língua é um fenômeno eminentemente social, cuja função precípua é servir à comunicação dos usuários. Tal contribuição implica a inclusão, na descrição e na explicação dos fenômenos lingüísticos, do componente social, dos aspectos do evento da fala, da flexibilização das fronteiras entre diacronia e sincronia e entre língua/fala.

Apesar da diversidade de noções que o termo *funcionalismo* adquiriu nos estudos lingüísticos — são tantas as concepções quantos forem os estudiosos que se colocam sob o rótulo funcionalista — predomina, hoje, a idéia de que a questão básica da abordagem funcionalista é a “verificação do modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente” (NEVES, 1997a, p. 2). Se os funcionalistas precursores comungavam a idéia de que a linguagem é um sistema de sinais que instrumentaliza/viabiliza a comunicação, a essa concepção outros trabalhos se acrescentam. A discussão da teoria funcionalista por Bühler levou-o à criação de um modelo triádico das funções da linguagem, as quais se apresentam numa hierarquia, mas coexistem num mesmo evento: a representativa (*Darstellungsfunktion*), a expressiva (*Kundagabefunktion*) e a apelativa (*Appellfunktion*).

Segundo Neves (1997a, p. 9-10), “as diversas propostas de estabelecimento de funções lingüísticas são sempre correlacionadas com a posição de Bühler”. Assim, Jakobson acrescenta às funções de Bühler outras três, compondo, desse modo, um esquema do processo de comunicação, em que seis funções da linguagem concorrem e coexistem a partir dos elementos que compõem um evento de comunicação. As novas funções são a fática, a metalingüística e a poética. A hierarquia das funções da linguagem também está presente em Jakobson, o que assinala que em cada mensagem há um diálogo de funções da linguagem..

Não é fácil a tarefa de investigar o que atualmente se denomina abordagem funcionalista da linguagem. Para Martinet (1978), as línguas são, em essência, instrumentos de comunicação; assim, deve-se observá-las e descrevê-las no seu funcionamento. O posicionamento de Martinet, apesar da diversidade de pensamentos existentes sob o rótulo funcional, parecem povoar e/ou unir todos eles. Dito de outra maneira, o que perpassa em todos os teóricos funcionalistas é a concepção de que a língua é um instrumento de comunicação — e todas as implicaturas decorrentes disso. A vivacidade e o dinamismo de cada língua natural devem estar presentes nas análises funcionalistas, já que toda língua se impõe, tanto em seu funcionamento como em sua evolução, como um instrumento de comunicação da experiência; portanto, é a competência comunicativa que deve guiar o estudioso da linguagem.

A noção de gramática funcional surge a partir das idéias da Escola de Praga. As contribuições de Martinet, influenciado por Saussure e Bally (Escola de Genebra), as quais dizem respeito à conservação e à mudança lingüística, chegam a Halliday (Escola de Londres), que desenvolve seu modelo sistêmico-funcional a partir das metafunções (ideacional, interpessoal e textual), entrelaçando linguagem, situação e cultura, e até a Dik (Escola de Holanda), que situa a expressão lingüística como mediadora entre a intenção do falante e a interpretação do destinatário. A noção de gramática funcional está formada, apesar da paradoxal heterogeneidade de pensamentos, ora divergentes, ora convergentes.

A base de uma gramática funcional reside na competência comunicativa do falante. Na corrente funcionalista, é simultâneo ao estudo da língua o estudo da situação comunicativa, o que envolve, pois, a intenção do ato de fala, os envolvidos no ato (interlocutores) e o contexto discursivo. Estuda-se, também, já que o objeto de estudo é a língua, a descrição sintática e as situações discursivas em que se desenrolam as estruturas lingüísticas e seus usos específicos. Disso conclui-se que, numa abordagem funcionalista, a língua é um instrumento para atender às necessidades de comunicação. A expressão lingüística é função mediadora entre as intenções dos (inter)locutores (cf. NEVES, 1997a, p. 16).

Em Dik (1989), cuja inquietação está relacionada à comunicação eficiente e/ou adequada por meio de expressões lingüísticas, os falantes, além da competência lingüística (para produzir e interpretar corretamente expressões lingüísticas de grande complexidade estrutural em diferentes situações), desenvolvem outras

capacidades, a saber: a capacidade epistêmica (produção e interpretação de expressões lingüísticas em diferentes situações de comunicação); a capacidade lógica (extração, a partir de conhecimento armazenado, de outras parcelas do conhecimento, com princípios da lógica dedutiva e probabilística); a capacidade perceptual (uso perceptual do conhecimento pela percepção da ambiência, a qual pode gerar conhecimentos, tanto na produção e interpretação de expressões lingüísticas) e a capacidade social (adequação do que dizer, como dizer e a quem dizer numa dada situação de comunicação, com objetivos comunicativos particulares). No pensamento de Dik, a gramática funcional entrelaça os níveis sintáticos e semânticos ao nível pragmático; forma, significado e uso integram a proposta de melhor entender a língua como um instrumento viabilizador e/ou mediador da comunicação de seus usuários.

O pensamento de Halliday (1985) pode ser sintetizado pelo seu modelo sistêmico-funcional. Neste modelo, Halliday considera a necessidade de um método que envolve tanto a estrutura lingüística — o sistema — quanto as funções de linguagem. Os objetivos de Halliday (1985) são os estudos dos usos da língua, uma vez que são eles, segundo o autor, que dão forma ao sistema. Numa gramática “natural”, de acordo com a abordagem de Halliday, tudo pode ser explicado com referência ao modo como a língua é usada. Há, pois, um pressuposto teórico subjacente a essa noção de gramática: a evolução da língua atende às necessidades do homem e seu modo de organização é funcional para que essas necessidades sejam concretizadas. Halliday, por isso, defende o princípio da não arbitrariedade do signo lingüístico.

Denominam-se, na teoria de Halliday, metafunções os componentes do significado na língua, os quais são os componentes funcionais. As línguas são organizadas a partir de dois significados principais que garantem os usos da linguagem: o ideacional (ou reflexivo) e o interpessoal (ativo). A essas dois componentes acrescenta-se um outro: o textual, que é puramente lingüístico. Desse modo, a metafunção ideacional estrutura o conhecimento, a experiência, exercendo sua contribuição no modo como o usuário vê o mundo. A interpessoal possibilita ao usuário interagir, com papéis definidos pelos usos da palavra nas diversas situações de comunicação (ordenar, questionar, afirmar etc). Por último, a textual torna possível ao falante/escritor a produção de textos consoante a situação comunicativa, e ao ouvinte/leitor a interpretação (in)coerente dos textos “negociados”.

Na proposta de Halliday há dois pontos básicos: o texto é a unidade de maior funcionamento e os itens são multifuncionais. Quanto ao primeiro, coloca-se em exame a construção de sentido. Como a língua é sistema produtor de sentido por meio de enunciados lingüísticos, ela é também um sistema semântico, o qual se codifica na/pela organização da língua mediante itens lexicais e gramaticais. Quanto ao segundo, coloca-se em exame uma investigação do cumprimento da diversidade de funções da linguagem e outra do funcionamento dos itens de acordo com os limites de unidade, desde o texto a unidades menores que a frase. No tratamento do uso da língua, há, assim, o entrecruzamento de funções e de níveis. Se o “princípio da multifuncionalidade constitui a chave para uma interpretação funcional da linguagem, assenta-se que muitos dos constituintes de uma construção entram em mais de uma configuração construcional” (cf. HALLIDAY, 1985, *apud* NEVES, 1997a, p. 64). Enfim, a noção de gramática funcional, em Halliday, é aquela por meio da qual se constroem todas as unidades da língua (orações, expressões) como “configurações orgânicas de funções, e, assim, tem cada parte interpretada como funcional em relação ao todo” (NEVES, 1997a, p. 63).

Givón (1995, *apud* CUNHA *et al*, 2003, p. 28) estabelece um conjunto de premissas definidoras da abordagem funcionalista da linguagem. Entre outras premissas, destacam-se: a linguagem é uma atividade sociocultural; a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas; mudança e variação estão sempre presentes; o sentido é contextualmente dependente e não-atômico; as categorias não são discretas; a estrutura é maleável e não-rígida; as gramáticas são emergentes e as regras de gramática permitem algumas exceções.

Como neste trabalho estuda-se um fenômeno vivo e e(a)fetivo da linguagem, adotam-se, portanto, os postulados da corrente funcionalista, propostos sobretudo por Halliday. Apesar de não haver um quadro teórico único da corrente funcionalista, esta pesquisa acolhe as idéias desse autor, principalmente pelo fato de considerar que a sintaxe, a semântica e a pragmática estão relacionadas e são interdependentes. Assim, para um estudo em que se pretende focalizar a língua real, em suas manifestações emocionais e expressivas, esses três domínios não devem ser vistos isoladamente.

3.2 A concepção de protótipos nos estudos funcionalistas

A noção de prototipicidade, que é um dos princípios funcionalistas, proposta por Givón (1984), emerge a partir do confronto de dois pontos de vista filosóficos: de Platão, para o qual as categorias lingüísticas são distintas e absolutas; e de Wittgenstein, para o qual as categorias lingüísticas são indistintas e condicionadas (dependentes, subordinadas ou motivadas). A partir desse confronto, Givón aponta que as categorias lingüísticas não são definidas pelo que elas apresentam de diferenças, mas pela concepção de protótipo, que são os traços de maior freqüência e probabilidade.

Givón (1984) considera Wittgenstein o “teórico de protótipos explícito”. Segundo Givón, há em Wittgenstein (1987), em suas *Investigações filosóficas*, uma menção à teoria da prototipicidade, apesar de essa não ser a proposta do filósofo. A sua proposta é a investigação acerca da funcionalidade e do valor da linguagem ordinária (comum). A noção de linguagem em Wittgenstein está respaldada no uso de certos sons e, a partir disso, há uma diversidade de “jogos de linguagem”, os quais são, na concepção do filósofo, os diferentes meios de se usar a linguagem adotando-se regras específicas.

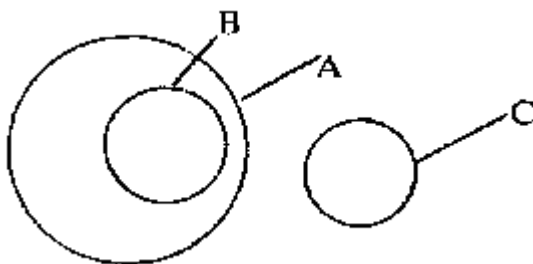
Para Wittgenstein, há inúmeras espécies de frases e inúmeros diferentes empregos do que se denomina signo, palavra, símbolo, frase e proposição. “E essa variedade não é algo fixo, dado de uma vez por todas; mas, podemos dizer, novos tipos de linguagem, novos jogos de linguagem surgem, outros envelhecem e são esquecidos” (WITTGENSTEIN, 1987, p. 26). Para esse filósofo, o sentido de uma palavra não está na sua relação com o objeto; estaria, sim, no modo pelo qual é utilizada. “O significado de uma palavra é o seu uso na linguagem” (WITTGENSTEIN, 1987, p.38). Para se compreender uma palavra num jogo de linguagem, de acordo com Wittgenstein, deve-se colocá-la para participar de outros jogos de linguagem, analisando e/ou observando o deslocamento de significados de um jogo de linguagem para outro.

De acordo com Givón (1984), os “casos normais” e os “casos anormais”, propostos por Wittgenstein, ligam-se, respectivamente, às noções de “representatividade” e “não-representatividade” ou ainda “prototipicidade” e “excepcionalidade”. Além disso, na definição de “norma” está imbricada a idéia de freqüência. Wittgenstein (1987, p. 82) aponta que

somente em casos normais nos é traçado claramente o uso das palavras; sabemos, não temos dúvida do que temos que dizer neste e naquele caso. Quanto mais anormal é o caso, tanto mais duvidoso se torna o que devemos dizer. E se as coisas fossem bem diferentes do modo como realmente são — então não haveria, por exemplo, uma expressão característica de dor, de medo, de alegria; a regra converter-se-ia em exceção, e a exceção em regra; e se ambos os fenômenos fossem de uma frequência mais ou menos semelhante — com isso nossos jogos de linguagem normais perderiam a sua graça.

A leitura de Givón (1984) acerca da visão platônica estabelece que a integração numa ou outra categoria/grupo é pela posse ou não de propriedades criteriais (necessárias ou suficientes). Givón (1984, p. 13) propõe o seguinte diagrama para a visão platônica das categorias distintas:

DIAGRAMA 2: Visão platônica das categorias distintas



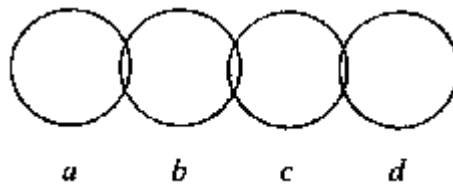
- A — propriedade criterial
- B — membro que possui a propriedade criterial
- C — não-membro, por não possuir a propriedade criterial

Desse modo, A (propriedade criterial) é fator determinante para a integração categorial. Portanto, B (membro que possui a propriedade criterial) mantém com A uma relação de inclusão; C (não-membro, por não possuir a propriedade criterial), uma relação de exclusão. A visão platônica caracteriza-se, sobretudo, pela rigidez ao colocar todos os membros de uma categoria no mesmo ponto categorial, cuja implicatura é a impossibilidade de uma zona de transição entre as diferentes categorias e entre os membros de uma categoria. Se assim são vistas as categorias lingüísticas, vê-se também a instabilidade, a plenitude e a previsibilidade de contextos.

A partir da leitura de Wittgenstein, Givón (1984) estabelece uma categorização natural, ou seja, as classes gramaticais apresentam uma imprecisão de limites, mostrando que há graus diferentes de integração dos membros de uma

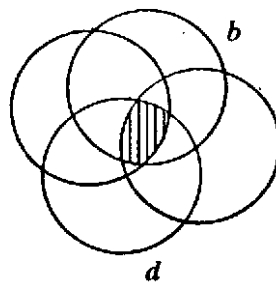
categoria ou entre as categorias. Tem-se, pois, uma visão dinâmica da língua, já que, ao reconhecer as categorias prototípicas, reconhece-se, simultaneamente, o fato de o mesmo elemento ser identificado na diversidade de usos. Tem-se, pois, que há uma relação de semelhança entre os vários membros da mesma categoria — ou entre as várias categorias dentro de uma meta-categoria supra-ordenada — de modo que, enquanto um membro *a* pode assemelhar-se (compartilhar propriedades) com *b*, *b* pode parecer-se com *c*, e *c* pode assemelhar-se com *d* etc., membros *a* e *d* podem não se parecer absolutamente (ou seja, não compartilhar propriedades). Givón (1984, p. 13; 15) elaborou um diagrama a fim de mostrar a interseção em que todos os itens (*a*, *b*, *c* e *d*) são igualmente membros de uma mesma categoria natural, os quais se distribuem uniformemente. Veja-se:

DIAGRAMA 3: Da interseção de membros de categoria natural



A teoria dos protótipos, resultante de uma “tensão filosófica”, determina que parte dos membros de uma categoria compartilha todos os traços ou propriedades dessa categoria, e seriam, portanto, seus protótipos; outra parte dos membros, diferentemente, compartilham apenas alguns traços, distanciando-se da noção de prototipicidade. A conjugação das contribuições de Platão e Wittgenstein, na definição de protótipos, é esquematizada por Givón (1984, p. 14) da seguinte maneira:

DIAGRAMA 4 Da conjugação das idéias de Platão e Wittgenstein



Por esse diagrama, pode-se apontar que as categorias lingüísticas não são necessariamente definidas em termos de uma única propriedade criterial. O que as define são as interseções de propriedades, as quais tendem a coincidir, apesar de isso nem sempre acontecer. A caracterização de uma categoria, portanto, é determinada não pelas diferenças, mas pela noção de protótipos, na qual se incluem as noções de freqüência e probabilidade. O membro que figurar com o maior número de propriedades consideradas mais relevantes, a partir do qual todos os outros membros deverão ser classificados, é o protótipo — aliás, exemplar característico, mais representativo.

Os estudos vinculados à noção de protótipos também encontram em Taylor (1989) um de seus grandes teóricos. Suas idéias comungam, sobretudo, com a de outros lingüistas de orientação cognitivista. Para Taylor, o termo protótipo pode ser considerado em relação ao membro ou bloco de membros mais centrais, definindo-se uma entidade particular, ou em relação à representação esquemática do núcleo conceptual de uma categoria.

Taylor acredita que o nativo de uma dada língua, do mesmo modo que categoriza elementos naturais e culturais, formula categorizações de elementos lingüísticos. Assim, de acordo com Taylor, princípios de ordem psicológica que norteiam o comportamento do homem são os mesmos que regem o lingüístico. Igualmente à categorização de elementos naturais e culturais, a qual pode ser expressa num *continuum* de termos [+centrais] → [-centrais], a categorização lingüística também apresenta, num *continuum*, termos [+prototípicos] → [-prototípicos]. Os termos [+centrais] ou [+prototípicos] são os de nível básico; os [-centrais] ou [-prototípicos] são os de nível não-básico.

Taylor faz uma “advertência” quanto aos critérios distintivos de elementos de nível básico e do não-básico. Essa “advertência” — também em Wittgenstein (1987) e Givón (1984) — refere-se à noção de freqüência, a qual pode ser entendida como sendo a ocorrência de uma categoria no uso. A alta freqüência de um elemento é fator determinante para o aspecto [+prototípico], *embora não deva ser considerado motivador*. Para Perini (1989, p. 58), “qualquer análise feita na base de protótipos tem, como é claro, um valor aproximado, já que não vale para todos os casos”. Os elementos [+prototípicos] de uma categoria são o núcleo, centro sólido dessa mesma categoria e os [-prototípicos], a margem, a periferia dessa categoria — isso se justifica pelo fato de a rigidez ou solidez do núcleo mostrar que elementos

[+prototípicos] são menos flexíveis e que os [-prototípicos], mais flexíveis e, assim, sujeitos à incorporação e/ou sobreposição de novos elementos. Uma análise da prototipicidade do FI deixará, provavelmente, de lado alguns traços relativamente desviantes. Assim, há que se focalizarem não apenas as distinções nítidas, mas também as sobreposições parciais observadas entre os membros menos típicos.

3.3 A expressividade na/da língua(gem)

Os estudos acerca da expressividade, se não ocupam grande parte das preocupações dos estudiosos da linguagem hoje, pelo menos apontam, qualitativamente, que as pesquisas se voltam cada vez mais para as situações de enunciação. Segundo Urbano (1999a, p. 116), “não se pode apreender a complexidade da língua (...) na sua totalidade, se não estudar, ou se não se fizer ao menos referência a sua expressividade”.

A expressividade é objeto de estudo da Estilística. Nesse ramo de estudos lingüísticos, Bally (1951 e 1967) é um grande colaborador para a compreensão da natureza das manifestações expressivas da/pela linguagem. Para Urbano (1999a, p. 116-116), apoiado nas reflexões de Bally, a expressividade “liga-se à capacidade de os falantes — seus produtores — manifestarem suas emoções e de despertarem nos parceiros análogos sentimentos”.

Não é pacífico o uso do termo “expressividade” na literatura. Frequentemente aparecem vários sinônimos, a saber: emotividade, sensibilidade, afetividade e subjetividade. Apesar dessa pluralidade de “rótulos”, “será expressivo todo fato de linguagem associado à emoção”¹⁸ (BALLY, 1967, p. 117). Por essa variedade de sinônimos para o termo “expressividade”, percebe-se a clássica oposição entre denotação e conotação, objetividade e subjetividade.

Furlanetto (2004) tem-se dedicado ao estudo da expressividade. Para a autora, a questão da expressividade deve estar ligada ao conceito de norma. Em seus estudos, Furlanetto defende que um foco pragmático pode ser entrelaçado com a teoria da corrente estruturalista, e opta por uma orientação pragmática em que a oposição entre expressividade e expressão é verificada. Essa oposição é “apropriada”

¹⁸ “será expresivo todo hecho de lenguaje asociado a una emoción”.

de Guillaume (1973), estruturalista europeu que desenvolveu a teoria psicomecânica da linguagem nas décadas 40 e 50.

De modo geral, em Furlanetto, as concepções *expressão* e *expressividade* podem ser assim vistas: a primeira é a demanda, a solicitação à qual a língua responde; a segunda é o imprevisto, o que irá suprir ao que a língua não responde. Configura-se, então, o desvio do que seja norma e/ou do que seja instituído. Um ato de linguagem, nessa perspectiva, portanto, é o resultado da soma da noção de expressão com a de expressividade.

Nesta pesquisa, são levadas em conta as seguintes considerações: a) a expressividade é atributo peculiar da linguagem, em qualquer modalidade, em qualquer registro, por qualquer usuário; b) a atitude “pacífica” dos (inter)locutores diante de manifestações expressivas decorre do uso socialmente padronizado das mesmas manifestações, o que não requer criatividade do falante; c) os recursos expressivos são freqüentes, podem ser inconscientes e automáticos, cujos efeitos, durante um evento de comunicação, são (in)falíveis; d) a linguagem, concomitantemente com seu objetivo comunicacional cognitivo (expressão), possui a função de comunicar as emoções (expressividade).

O FI parece ser, no quadro de uma “teoria da expressividade”, não o *limbo*; todavia, o lugar privilegiado. A ênfase ao usuário implica uma ênfase simultânea a sua capacidade de comunicar eficientemente, ou seja, a capacidade de usar de maneira satisfatória a sua língua na pluralidade de situações comunicativas reais. Diz-se, portanto, que o usuário assim revestido de competência comunicativa age interacional, emotiva e expressivamente em seu grupo.

Desse modo, neste trabalho, o quadro teórico é o Funcionalismo, uma vez que, por ele, as (re)ações do falante em relação ao interlocutor, à mensagem e à situação podem ser melhor compreendidas, já que os dados desta pesquisa se voltam para situações reais de uso ou que pelo menos se aproximem delas. Essa manifestação atitudinal, emotiva e expressiva do falante com diferentes “objetos” será denominada de *Rede Interjectiva*.

Uai, o falante, na corrente funcionalista, não ocupa o *limbo*; mas, o centro de atenções!

CAPÍTULO IV

DA REDE INTERJECTIVA AOS CONTORNOS CÊNICOS: (INTER)LOCUTORES, *CONTINUUM* DE PROTÓTIPOS, EXPRESSIVIDADE E ENVOLVIMENTO

Poutz

Ah, ah...

Uh, uh...

Ah, uh, ah, uh...

Uh, ah, uh, ah...

Ah, ah, ah, ah...

Uh, uh, uh, uh...

AHHHHHHHHHHHHHHH!!!!!!

Vantagem da interjeição. Pouca palavra
[para muito tesão!¹⁹

4.1 A análise interpretativa do Fenômeno *Interjeição*

Um dos primeiros estudiosos de língua portuguesa que percebeu a pouca importância dada ao FI é Said Ali²⁰. “Entre as inúmeras obras de lingüística, antigas e modernas, raramente se aponta tratado ou capítulo que analise as interjeições com paciência e carinho, como é de uso as outras partes do discurso” (SAID ALI, 1971, p.107),

Segundo Said Ali (2001, p. 203), a linguagem afetiva, mais especificadamente as formas interjectivas, são “ditadas pelo sentimento e por certos estados particulares da alma, pronunciam-se com intonação própria, sobressaindo por esta forma no meio da linguagem quotidiana”. Para esse autor, a analisabilidade das diversas manifestações da linguagem afetiva — formas interjectivas, onomatopéias e vocativos, entre outros — não deve recorrer à decomposição

¹⁹ Autor desconhecido. Disponível em: <<http://luazinhasjc.blogger.com.br/>>. Acesso em: 18 de junho de 2004.

²⁰ Esse estudioso não é mencionado no Quadro 2, Capítulo I, justamente por não comungar com as idéias dos gramáticos que compõem tal Quadro.

nos elementos sujeito e predicado. Mas é preciso notar que a *conditio sine qua non* da proposição não é analisabilidade, é antes a circunstância de se exprimir com uma combinação de palavras (ou simples palavra) um pensamento ou sentimento. (...)

Digno de exame é o modo fácil com que o homem se utiliza das vozes ou gritos que involuntariamente costuma pronunciar em certos momentos e, moderando-lhes a tonalidade, os incorpora refletidamente nos seus discursos, a fim de obter efeitos de expressão que não conseguiria com os só recursos da linguagem comum. (p. 204)

Said Ali, ao contrário dos outros gramáticos do Quadro 2 (apresentado no Capítulo I), já preconizava um estudo para o qual concorria a análise funcional-discursiva. Suas inquietações já abarcavam uma tentativa de reformulação dos estudos acerca do FI e seu estatuto nas gramáticas ou compêndios de língua portuguesa. A atualidade dos estudos de Said Ali (2001, p. 205), ao romper com o discurso tradicional, o faz declarar que

o defeito está, repito, na maneira estreita de entender o que seja a proposição, segundo a qual só se contempla a linguagem intelectiva com os termos sujeito e predicado, evidentes ou supríveis pelo senso ou pela imaginação. Para quem está preso a tal critério, necessariamente hão de exorbitar do discurso regular os vocativos e muita outra coisa da linguagem afetiva.

As análises empreendidas ao FI, por muito tempo, estiveram sob a ótica da gramática tradicional normativa de herança greco-latina. Tais análises prendem-se aos limites da frase e/ou oração. As opiniões de estudiosos, ora divergentes, ora convergentes, nessa perspectiva normativa, não consideram aspectos no nível do discurso, já que eles ultrapassam os limites de um enunciado. Os estudos de Sai Ali evidenciam trilhos por que se pode avançar, acarretando uma ruptura (sutil) quanto ao modo como o FI vinha sendo estudado desde gregos e latinos. Tais avanços conduzem, mesmo que sumariamente, a definições mais precisas, capazes de garantir uma montagem de um quadro operacional, pelo qual, a partir de parâmetros preestabelecidos, o FI passe a ser analisado não como uma classe periférica, distinta e fechada, mas como um *fenômeno lingüístico* respaldado pela/na enunciação.

A proposta de “analisabilidade” de Said Ali, indiretamente, aponta para o fato de FI não ser uma classe distinta de palavras à Platão. A análise de um *fenômeno* vivo da língua pressupõe que a noção estanque de *classe* seja, pelo menos, revista, principalmente porque, de acordo com Perini *et al* (1998, p. 125),

rótulos como “nome”, “preposição”, “verbo” etc., no que pese seu uso exclusivo nas análises, só podem ser entendidos como abreviaturas de matrizes de traços. E mais: só podem ser entendidos como termos aproximativos, ou seja, quando classificamos as palavras em dez (ou cem) estamos sempre deixando de lado os casos minoritários ou que se consideram, por alguma razão, menos importante. A única maneira rigorosa de falar das classes é utilizando o conjunto completo dos traços relevantes.

O que se propõe, então, em primeiro lugar, é o abandono da noção tradicional de *classe de palavras*, porque, conforme Hopper (1988, *apud* DECAT, 1993, p. 280), o falante não retira “as palavras de um catálogo por causa de sua adaptabilidade a uma construção sintática particular, mas, ao contrário, a forma categorial que uma palavra assume é um reflexo de sua função num contexto retórico particular”. Isso significa assinalar que a noção de categorialidade não é pré-existente ao discurso, mas é imposta às formas por ele.

O estabelecimento de matrizes definidoras do FI não é uma tarefa fácil. Podem surgir vários candidatos²¹, a saber: a) conjunto sonoro não-lexicalizado (Ah!, Hã-hã!); b) vocábulos de natureza substantiva (Coragem!, Bárbaro!), adjetiva (Ótimo!, Claro!), pronominal (Nossa!, Isso!), verbal (Basta!, Chega!), adverbial (Abaixo!, Devagar!), conjuntiva (Pois bem!, Entretanto...); c) orações (Valha-me Deus!, Macacos me mordam!) e d) onomatopéias (Pum!, Zás!).

Apesar de o FI ser uma “abreviatura” de elementos de constituição diversificada, é inegável sua condição pragmática bem marcada no funcionamento da linguagem humana.

O FI, por si mesmo e pelas oscilações teóricas a seu respeito, é uma “classe” *sui generis*. Esta pesquisa, portanto, não visa a uma classificação, ou manutenção de classificações já propostas, já que as manifestações interjectivas “são frases-sintagmas que pedem, no lugar de análise classificatória, análise interpretativa” (OLIVEIRA, 2002, p. 130). A proposta de uma análise interpretativa, em Said Ali e em Oliveira, requer uma sistematização. Se não houver, não se observará um delineamento de sua especificidade com relação a outros mecanismos de fundo discursivo que, embora possam apresentar pontos comuns com o FI, nem sempre são passíveis de serem enquadrados em/entre ele. O que se verifica, principalmente nas gramáticas ou em pesquisas referentes a expressões da natureza

²¹ Os exemplos arrolados nesse parágrafo foram retirados do Quadro 3, Capítulo I. Há divergências quanto à classificação desses exemplos, proposta pelos gramáticos selecionados, com a proposta deste trabalho, a qual analisa o FI respaldado na enunciação.

discursiva, como marcadores conversacionais e/ou discursivos, é a tendência para a agregação contínua de novos exemplares ao conjunto, que se vai tornando cada vez mais amorfo e heterogêneo.

É necessária, portanto, uma sistematização que contemple as noções tradicionais acerca do FI, para, a partir daí, apresentar um *continuum* de formas [\pm prototípicas] — *continuum* esse visto na enunciação, destacando-se que, num quadro da prototipicidade do FI, está envolvida a noção de expressividade e de envolvimento. Não se procura, desse modo, acrescentar “itens interjectivos” à “classe Interjeição”. Procura-se, sim, comprovar ou refutar a hipótese elaborada.

4.2 Proposta de análise do Fenômeno *Interjeição*: rede interjectiva, domínios e parâmetros

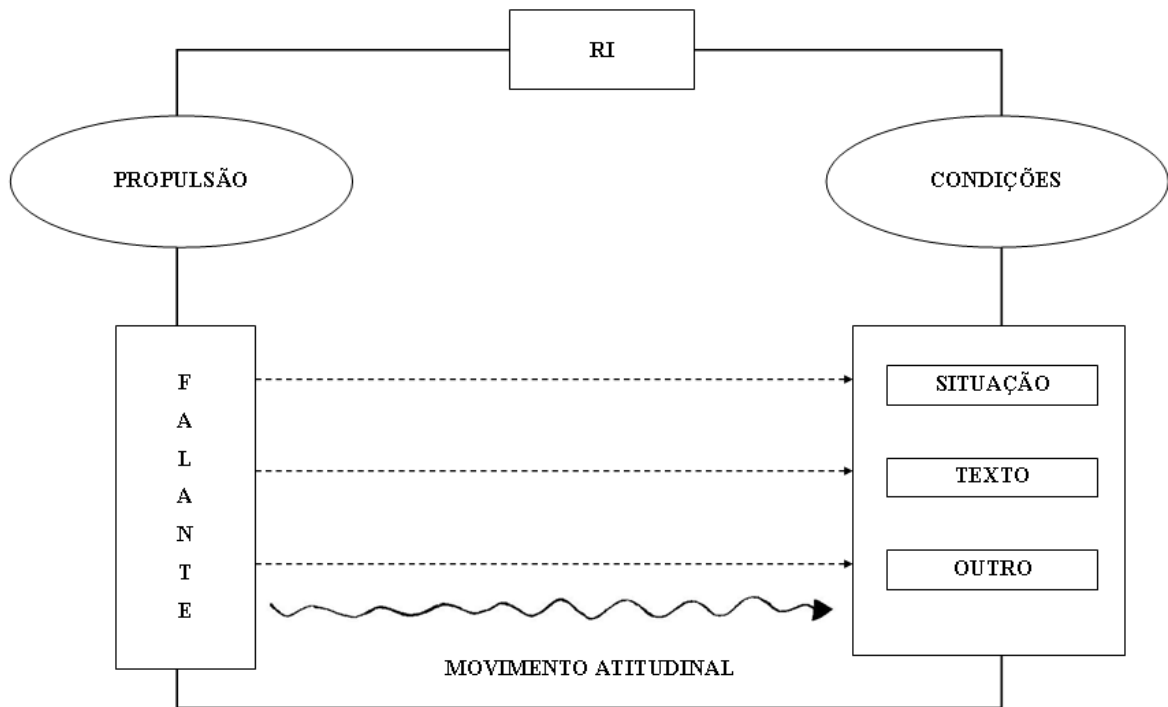
A manifestação atitudinal do falante com diferentes “objetos” será denominada de *Rede Interjectiva* (RI). A noção de *rede*, pelos dicionaristas, refere-se a um entrelaçamento de fios, com aberturas regulares, fixadas com nós, formando uma espécie de tecido. Emprega-se, nesta pesquisa, a metáfora RI, já que, por ela, pode-se visualizar e/ou representar a manifestação atitudinal do falante com diferentes “objetos”, quais sejam o (inter)locutor, o texto e a situação, num dado evento comunicativo. Além disso, como o FI é, neste trabalho, uma marca do falante na enunciação, o discurso (do FI) é uma “**rede** total de eventos comunicativos relevantes, incluindo gestos, expressões faciais, manifestações emocionais e outros” (NEVES, 1997b, p. 20 — destaque do pesquisador)

O envolvimento²² do falante diante desses “objetos” pode ser detectado, entre vários recursos linguageiros, pelo uso de manifestações interjectivas. A *inserção* de uma atitude de espanto, surpresa ou outro sentimento qualquer pode ser medida, acredita-se, pelas opções lexicais ou não-lexicais, das quais o falante dispõe emocionalmente no momento enunciativo. Desse modo, não se pode desvincular uma manifestação interjectiva de seu contexto de uso e, por isso mesmo, a necessidade de

²² Chafe (1983) discute algumas estratégias de envolvimento. Dentre essas estratégias, Chafe destaca o envolvimento do falante consigo mesmo, uma espécie de auto-envolvimento. Neste trabalho, considera-se que o FI é uma marca de envolvimento; no entanto, não se adota o “auto-envolvimento interjectivo” já que a proposta aqui é a de que uma manifestação interjectiva é uma reação externamente desencadeada.

considerá-la entrelaçada a outros “objetos” da rede. O diagrama a seguir visualiza o que se denomina RI:

DIAGRAMA 5: Da Rede Interjectiva



Se se considerar uma manifestação interjectiva como uma *inserção* atitudinal, o falante é, pois, o propulsor de um movimento que traduz seus sentimentos em relação às próprias condições que o levaram às reações emocionais *inseridas*. A situação, o texto (a mensagem) e o outro (o (inter)locutor) são, pois, os fatores desencadeadores desse movimento. A divisão entre o propulsor e as condições da propulsão, além de didática, é um meio de delinear, inclusive, o grau de envolvimento entre as partes que compõem essa divisão. Acredita-se que, se o falante reage atitudinal e emocionalmente diante dos três fatores condicionadores, o grau de envolvimento seja mais elevado. Numa reação com menos elementos, menor envolvimento do falante. Caso seja o FI presentificado no momento de sua *inserção* num evento comunicativo, e não descrito, buscam-se, pois, as manifestações lingüísticas ou não que, na RI, podem ser mais prototípicas e menos prototípicas. A presentificação de uma emoção, sobretudo *inserida*, é uma manifestação expressiva também.

O grau de envolvimento do falante para com os diferentes “nós” da rede implica usos de linguagem afetivos específicos para maior envolvimento e outros

para menor envolvimento. Assim, a noção de *continuum* das manifestações interjectivas deve ser vista na relação de envolvimento do falante com os outros “objetos” da rede. Um quadro da prototipicidade de manifestações interjectivas, além de apontar que recursos lingüísticos ou não-lingüísticos podem revelar maior envolvimento emocional, também evidenciará que recursos são mais expressivos para que o falante, propulsor de atitudes e emoções, presentifique-as.

A noção de RI subjaz à análise que se pretende. Para tal análise, estabelecem-se, pois, dois domínios: o *lingüístico*, cujos parâmetros estabelecidos são as *configurações fônica e lingüística*; e o *textual-discursivo*, cujos parâmetros estabelecidos são a *autonomia comunicativa* e o *preenchimento de afetividade*. Por meio de tais parâmetros, pretende-se mostrar que, para a *inserção* presentificada de atitudes e emoções pelo falante, no evento comunicativo, há formas mais/menos prototípicas e expressivas, de acordo com a RI.

O estabelecimento de dois *domínios* é didático, já que há uma interseção de confluências entre eles — interseção cuja base é o pragmatismo próprio do uso da linguagem, o que aponta para que não se analise o FI apenas como *partes orationis*. Deve-se também considerar que os parâmetros de análises propostos sofrem oscilações quanto a seu estatuto nos seus respectivos *domínios*. Dito de outra forma, um item numa RI se apresenta, material e discursivamente, conforme a pressão do uso. Independentemente da posição a ser ocupada na linha do *continuum*, as manifestações interjectivas são simultâneas à situação de ocorrência — o que varia é o grau de envolvimento do falante com os “nós” da RI.

4.2.1 O domínio lingüístico: configuração fônica e configuração lingüística

O domínio *lingüístico* diz respeito a regras gramaticais aceitas na comunidade lingüística para a formação e realização do FI. O parâmetro *configuração fônica* procura evidenciar a massa fônica de uma manifestação interjectiva, ou seja, a realização extensiva, desde muxoxos até sintagmas desenvolvidos. O parâmetro *configuração lingüística* ou *base gramatical* salienta o fato de as manifestações interjectivas serem um *fenômeno lingüístico* para o qual concorrem vários vocábulos de natureza substantiva, adjetiva, verbal etc. ou mesmo outros fenômenos de natureza não lexical.

4.2.1.1 O parâmetro configuração fônica do Fenômeno *Interjeição*

A extensão fônica, ou massa fônica, de uma manifestação interjectiva não é facilmente mensurável. Isso porque são vários candidatos ao FI, desde segmentos cujo estatuto de palavra é discutível a orações inteiras. Não se pretende, nesta seção de trabalho, “quantificar” o número de sílabas que compõe uma manifestação interjectiva; mas, a partir de sua configuração fônica, lexical ou não-lexical, sintaticamente mais elaborada ou menos elaborada, ou ainda, sua extensão fônica, evidenciar o grau de envolvimento do falante na RI, por meio de “gritos subitâneos”. Ao contrário de Gonçalves (2002), não se pretende aqui analisar a natureza do FI *in statu nascendi*. A configuração fônica pode apontar indícios de como o falante presentifica e/ou particulariza suas atitudes e emoções na RI; ou ainda, particularizar-se.

No Capítulo I, viu-se que alguns gramáticos do início do século XX, na elaboração de suas gramáticas filosóficas, atribuíram ao FI um caráter de origem da linguagem (cf. CARNEIRO RIBEIRO, 1957). Apesar de mudanças quanto às abordagens, os “sinais primitivos da linguagem” acompanham o homem e, por isso mesmo, trazem oscilações e flutuações aos estudiosos da linguagem. “A cada hora o homem velho se manifesta no homem novo, quer nos procedimentos vitais, quer nas expressões de sua alma” (OLIVEIRA, 2002, p. 123). Para Trask (2004, p. 216), “muito pouco se sabe como a linguagem humana passou a existir, embora sejam abundantes as especulações de especialistas numa dúzia de disciplinas diferentes”. A origem da linguagem do homem é tão (in)decifrável quanto a sua alma.

É sabido que há uma clássica divisão entre sons não-articulados e articulados. Quanto ao primeiro, apesar de uma fonte humana, são meros instintos vivenciados pelo homem, realizados por uma performance vocal não-lingüística, sem intencionalidades — são a tentativa de imitação de sons produzidos por animais, de barulhos de sinos, de portas etc. Quanto ao segundo, fazem parte da realidade lingüística, com certo grau de convencionalidade na estrutura fônica, e do discurso; são intencionais a partir da situação enunciativa — são exemplos as manifestações *Oh!* e *Ah!*. Além disso, há expressões já consagradas como manifestações interjectivas, já dicionarizadas como tal e reconhecidas pela comunidade lingüística como modos de presentificação de emoções — são exemplos as manifestações *Credo!*, *Graças a Deus!* e *Que horror!*

Surge, pois, uma dicotomia entre onomatopéia e o FI. Não se pretende aqui uma análise exaustiva quanto à natureza e funcionalidade das onomatopéias, mas tecem-se algumas considerações cuja finalidade é a discussão do papel de uma manifestação interjectiva lançada na RI. Não se pode discutir o FI sem uma relação (in)direta com o fenômeno onomatopaico. Procuraram-se possíveis diferenças e/ou limites entre esses dois fenômenos da linguagem do homem.

Têm-se, a seguir, os fragmentos selecionados do *corpus*, seguidos de análise, a qual busca salientar o grau de envolvimento ou não do falante na presentificação de suas emoções na RI, bem como estabelecer (possíveis) diferenças entre o FI e o onomatopaico.

Fragmento 3:

O Duque anda fazendo serenata. Acho que é saudades... Auuuuuuu!!! (EC6)

Fragmento 4:

No sábado passado, eu e (Nome) íamos da minha casa em direção ao Centro para encontrarmos uns amigos. Eis que, um Chevette veio na contramão e BUM! no nosso carro. O carro do (Nome) simplesmente ficou sem lateral a lateral dele detonou. (EC8)

Pode-se questionar se essas duas extensões fônicas, destacadas nos Fragmentos 3 e 4 são palavras ou não, já que o homem “grita”, apenas, na língua da comunidade lingüística em que está inserido. Esses dois “gritos” são lingüisticamente bem formados, ou seja, a base silábica é vocálica, o que permite apontar que, ao “gritar”, o falante recorre a propriedades fônicas constantes. Desse modo, há uma convenção entre o que é aceito como lingüístico e o que é evocado lingüisticamente.

Esses dois “gritos” são reconhecidos pelo falante como evocações cujos papéis são de imitar um barulho — o latido do cão Duque e a batida do carro Chevette. A soma do domínio do falante em produzir ocorrências como essas com o domínio do leitor em interpretá-las reproduz o contexto ocorrencial, que é o acontecimento em si. Dito de outra maneira: esse contexto é descrito pelo falante e percebido pelo (inter)locutor. Assim, essas duas ocorrências não fornecem uma imagem particularizante do falante quanto à presentificação atitudinal de suas emoções.

Não é tão simples a opção de não considerar ocorrências como essas como manifestações interjectivas, principalmente pelo fato de a tradição gramatical não apresentar uma distinção satisfatória, preferindo englobar as onomatopéias e o FI numa mesma “classe”, qual seja aquela amparada pelo “acordo tácito”. Se, nos Fragmentos 3 e 4, tivesse sido escrito <o Duque está latindo muito> e <Eis que, um Chevette veio na contramão, bateu no nosso carro, fazendo um barulho muito grande>, respectivamente, não se teria o mesmo caráter expressivo do uso de recursos lingüísticos pelos falantes ao optarem por onomatopéias na descrição dos acontecimentos.

Caso tivessem optado por uma descrição metalingüística dos acontecimentos, estariam obedecendo a uma convenção em que, ao construírem seus textos, usariam as partes do discurso próprias para tal, as quais seriam as partes de “vocalização sintática” — poderiam ganhar na expressão, mas perderiam na expressividade. A manifestação lingüística de um grito, barulho ou ruído é arbitrária (da mesma forma que a língua é), o que aponta para o fato de a formação lexical das onomatopéias permitir/autorizar a convenção, cujo efeito é expressivo, mas não presentifica atitudinalmente as emoções do falante em relação às condições propulsoras, quais sejam o assunto, a situação e o (inter)locutor, na RI.

Defende-se, enfim, que a intencionalidade do falante é fator preponderante na inclusão ou não das onomatopéias e do FI sob uma única rubrica. Se há a intenção de descrever um acontecimento, o recurso é onomatopaico; se há a intenção de presentificar a emoção, o recurso é interjectivo²³. Segundo Dutra (1997, p. 167), “a onomatopéia ilustra ou nomeia, em vez de significar”; nesta pesquisa, defende-se a idéia de que o FI demonstra (presentifica), em vez de nomear.

A seguir, outros fragmentos para análise.

Fragmento 5:

L1: peráí, você não tá entendendo

L2: ele tava com a outra=

L1: = casados=

L2: =AAAAAAH

L1: eles tinham se casado no sábado=

L2: =OOOOOOOH

L1: estavam indo para (cidade) para pegar o vôo para (destino) de lua de mel= **(FD1)**

²³ Essa diferença foi visualizada por Carneiro Ribeiro (1957) — ver Capítulo I.

Fragmento 6:

I: engravida não num engravida não eu tenho medo mesmo não mas eu até hoje eu sô virgem

E: é iiiih é mesmo?

I: virgem

E: virgem que barato (FE12)

Fragmento 7:

L1: foi da segunda vez que eu saí que a gente saiu juntos, a gente foi a um bar chiquérrimo assim sabe/ na avenida pauli:sta meu=

L2: =uau=

L1: é:: paulista é assim, é isso que eles freqüentam (.) um bar lindo era tipo happy hour tava de dia a gente tava na calçada, super claro assim tudo iluminado, a gente conversou por horas assim, mas foi daí que deu pra notar as marquinhos, no rosto assim= (FD5)

Fragmento 8:

Doc. e quais os tipos de bebida que você conhece?

Inf. CHI:: agora é que é quais são os tipos? Todos esses que existem à venda por aí ((risos)) então são:: os gim uísque::... o rum::... o vinho né? os refrigeran::tes e entre eles Coca-Cola claro né? ((risos))... e sendo eu mesma eu prefiro:: guaraná champanhe ((riu)) (FE22)

Nos Fragmentos 5, 6, 7 e 8, os “gritos subitâneos” atuam como âncora da afetividade do falante no discurso. Essa afetividade é presentificada, assinalando a participação do (inter)locutor diante do assunto tratado na conversação. Esses “gritos” são um recurso lingüístico aceito convencionalmente pelos falantes por meio do qual se avalia, se comenta, o que torna o falante um ser único, particular, durante o fluxo conversacional²⁴. Nesses fragmentos, o falante, além de presentificar sua (re)ação em face do que está sendo conversado, ainda coopera com o fluxo conversacional.

A (re)ação presentificada é simultânea ao sentimento expresso. Pode-se considerar essa *inserção* de emoção como uma espécie de “alteração da ordem”, embora tal (suposta) “alteração” não quebre o contrato conversacional — ela é uma (re)ação instantânea, imediata, da troca de informações e/ou de emoções entre os

²⁴ Emprega-se *fluxo conversacional*, neste trabalho, como referência à noção “fluxo de atenção”, de Chafe. Para Chafe (1987 *apud* NEVES, 1997b, p. 21), o fluxo de atenção “diz respeito aos aspectos cognitivos e sociais da ‘embalagem’ que as pessoas fazem do conteúdo ideacional, quando falam. Em outras palavras, mais do que com o conteúdo ideacional do enunciado, o fluxo de informação tem que ver com a organização que nele obtêm as categorias como ‘tópico e comentário’, ‘sujeito e predicado’, ‘informação dada e informação nova’, ou ainda ‘unidades de entonação’, ‘orações’, ‘frases’ e ‘parágrafos’. O fluxo de informação determina a ordenação linear dos sintagmas nominais da frase, que se faz na seqüência que o falante considera adequada para obter a atenção do ouvinte, mas alterações da ordem podem atuar para controlar o fluxo de atenção”.

(inter)locutores, ou seja, das condições de propulsão do movimento atitudinal do falante na RI. Desse modo, salientam-se ainda mais os limites entre uma ocorrência onomatopaica e uma interjectiva. O uso de uma onomatopéia no discurso, pelo falante, será o resultado ou a descrição de um acontecimento — se um falante, por exemplo, “mugir”, essa ação de mugir será o resultado de um acontecimento ou a descrição dele. Não se espera que o falante “muja” para se comunicar, mas para descrever algo do mundo circundante.

Nos Fragmentos 5, 6, 7 e 8, as ocorrências assinaladas são manifestações imediatas do envolvimento dos (inter)locutores com as condições desencadeadoras de sua propulsão atitudinal. A presentificação desse envolvimento de natureza, sobretudo, afetiva garante aos (inter)locutores a criação de uma imagem única, particular, inclusive preservando-lhes as faces²⁵, já que se mostram engajados emocionalmente na construção do texto. Por isso, em algumas situações do cotidiano, uma atitude não esperada, presentificada num dado evento de fala²⁶, pode ser mais expressiva que uma construção bem articulada gramaticalmente. Ao invés de o falante dizer <faltam-me palavras para dizer como estou muito emocionado por receber este prêmio>, poderia simplesmente “dizer” <ah!!!>. As ocorrências dos Fragmentos 5, 6, 7 e 8 não teriam os mesmos efeitos expressivos presentificados se tivessem sido traduzidas em partes do discurso com vocação sintática — embora o falante, algumas vezes, justapõe “grito” com uma afirmação de falta de palavras. Veja-se:

²⁵ Segundo Goffman (1967, *apud* ROSA, 1992), “o simples fato de entrar em contato com outros em sociedade rompe um equilíbrio ritual preexistente e ameaça potencialmente a auto-imagem pública construída pelos integrantes. A essa expressão social do eu individual Goffman chamou de *face*; e aos procedimentos destinados a neutralizar a ameaça ou restaurar a face dos participantes da interação Goffman chamou *face-work*, ou processo de figuração. Para Brown & Levinson (1978, *apud* ROSA, 1992), há duas faces complementares da auto-imagem construída socialmente: a face negativa (desejo de não imposição, ou reserva do território pessoal) e a face positiva (desejo de aprovação e reconhecimento). Neste trabalho, a noção de face refere-se, principalmente, à face positiva, porque é um conjunto das imagens valorizadas de si mesmos que os interlocutores constroem e tentam impor na interação e porque cada um procura conservar intactos, e mesmo melhorar, seu território e sua face (positiva) (cf. CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004, p. 235). Há, pois, por parte dos (inter)locutores, um desejo e necessidade de face (*face-want*).

²⁶ Para Trask (2004, p. 103), “um evento de fala envolve **participantes**, que assumem claramente certos **papéis**, e acontece em um **contexto** bem definido. As regras que regem o evento são claramente definidas e conhecidas de todos os participantes; infringir essas regras constitui deslize grave”. Neste trabalho, adota-se essa expressão com uma aplicação mais ampla, como conversas informais, breves trocas de idéias — embora Trask aconselha que não seja recomendável esse uso genérico.

Fragmento 9:

Doc. que tipo de doce você mais gosta?...

Inf. ih agora nem sei lhe dizer viu?... são tantos os doces que a gente gosta quindim:... brigadeiros:... cocadinhas:... doces de confeitaria:: doce enfeitado com *chantilly*:: com esses... éh... toda essa ((riu)) (FE25)

No *corpus* ainda se encontram outras ocorrências de manifestações interjectivas de massa fônica reduzida. Tais manifestações, além de *inseridas* como (re)ação ao decurso do fluxo conversacional, assegurando uma espécie de contrato, podem apontar outras interpretações. Tem-se:

Fragmento 10:

E: é... aconteceu alguma coisa?

I: não ah! teve uma vez que eu fui pruma viagem mais assim num fui pra lá não fui pra Serra do Cipó a Serra do Cipó é só morro né? ai a gente todo mundo sentado calmo ônibus subino aquela serra toda lá a hora que a gente// tinha tipo um morro assim e ela// o ônibus ia circulando pra chegá num sei aonde não ia a hora que a gente tava indo a// o ônibus quase caiu lá de cima do barranco lá em baixo foi graças a uma lata de óleo dessas de... é de dez litro? ou vinte litro não sei (FE7)

Fragmento 11:

I: telefone pra ela aí ela vai pra minha casa

E: aí fica cês dois lá sozinho

I: é fica sozinho

E: e se chega alguém lá

I: ah um dia chego nooo agora que vou ti conta aqui um dia chego eu tava lá em casa sozinho foi num domingo tinha acabado de ir no clube com meu colega né (FE13)

Nos Fragmentos 10 e 11, nota-se que o falante/informante, questionado acerca de algo de seu mundo e/ou conhecimento, traz para o fluxo conversacional um “novo” elemento ou acontecimento, inserido pelo “grito” *ah*. Assim, os falantes, nesses fragmentos, envolvem-se com a situação, evidenciam as suas (re)ações na co-construção textual — além de assumirem uma (possível) ruptura do fluxo conversacional, a qual está marcada pelo “grito” *ah*. Essa *inserção*, além de explicitar as (re)ações dos falantes no fluxo conversacional, pode garantir a permanência da entrevista, já que, pelo “grito” *ah*, os falantes envolvem-se, comprometem-se com o que vai ser dito, que é o “novo”. Seria estranho se os informantes dissessem <esqueci-me do que aconteceu comigo, mas agora me lembrei e vou contar para você>. Por meio da manifestação interjectiva, evita-se a descrição metalingüística do “sentimento” — além de o entrevistador não repetir ou insistir

a/na sua pergunta, pois o informante antecipou-lhe informações. Destaca-se ainda no Fragmento 11 a ocorrência *noooo* (com pronúncia aberta das vogais), que intensifica ainda mais a expectativa do falante de presentificar emocionalmente um acontecimento vivido por ele.

A (aparente) ruptura no fluxo conversacional também pode ser notada nos fragmentos selecionados a seguir. Vejam-se:

Fragmento 12:

As roupas que você mandou estou usando, menos a blusa de frio, está quente por aqui.
Ah! Pretendo devolver a fita do aniversário quando for aí, mas se vocês tem pressa, mando como veio. (EC9)

Fragmento 13:

Para mim ainda o mais difícil é viver verdadeiramente em comunidade, por isso peço a Deus melhor discernimento.

Ah! Participamos de um concurso de músicas inéditas e fomos os vencedores e por isso em agosto vamos representar a Província de Granada em Santiago de Compostela. (EC10)

Nos Fragmentos 12 e 13, pelas ocorrências assinaladas, o produtor/emite da carta, por meio do “grito” *ah!*, introduz um “novo” elemento. O produtor não descreve seus sentimentos em relação à entrega da fita e à participação do concurso: <agora vou contar para você, antes que eu me esqueça, que a devolução da fita será feita...> ou <agora vou contar para você, antes que me esqueça, que participamos de...>, respectivamente. O “grito” *ah*, nos dois fragmentos, marca as (re)ações dos falantes diante da autoria do “novo” elemento, buscando a presentificação de seus espantos diante de seus próprios esquecimentos. A propulsão atitudinal na RI é parcial, já que o falante não (re)age diante dos três elementos condicionadores. O “grito” *ah* traz em si um caráter acidental, garantindo aos falantes o compromisso de manter a continuação/progressão do texto; logo, a preservação da face de (inter)locutores. Desse modo, as manifestações atitudinais podem ser também estratégicas. Veja-se:

Fragmento 14:

Doc.1: o que que o senhor acha... agora o senhor vai falar da última coisa... o que que o senhor acha desse trabalho que a gente faz... de preservar a memória?...

Inf. muito importante... viu?... muito importante... porque:: tem aí aquele museu Abílio Barreto... que tem coisas antiga... meu pai ajudou muito o Abílio Barreto... meu pai tinha um memória muito melhó que a minha... então... ele conhecia Belo Horizonte de rapazinho... num é?... e o Abílio

Barreto... que foi um historiadô... pergunta... “Ô Leite”... meu pai chamava Leite... “isso assim... assim...” então ele contava... ajudava muito o Abílio Barreto a formá aquilo que ele... esse trem lá... e meu pai era danado pra coisa viu?... ah... mas foi... foi condutô e fiscal de bonde... depois foi pra Prefeitura... fiscal da Prefeitura... pra cobrá imposto... depois aposentô... e eu tenho quarenta e três ano de aposentado... à-toa... tô ganhando mais do que quando eu trabalhava... trabalhei trinta e dois ano... tenho quarenta e três ano... à-toa... governo tá me xingano... xingano... mas tá pagano... (FE33)

No Fragmento 14, o “grito” *ah*, além do que já foi dito, tem valor argumentativo. Por meio dele, o falante assegura a introdução do elemento “novo” — tem-se uma justificativa antecipada para o que o entrevistador poderia interpretar como uma contestação à própria avaliação do falante. Não seria “necessário” o “novo” elemento para que o desiderato de entrevistador fosse alcançado; no entanto, o autor do “grito” procura intensificar (ou criar) a imagem positiva de seu pai, dando um papel de autoridade — afinal < me lembrei com emoção repentina que meu pai não é apenas um informante de Abílio Barreto, mas também é fiscal da Prefeitura>. Essa descrição metalingüística subjaz ao “grito”. O caráter de sincretismo do FI é algo que não se contesta. Assim, ao invés de falar em usos polissêmicos de uma manifestação interjectiva, como os “gritos”, é preferível falar em tipos de uso de acordo com o envolvimento do propulsor de atitudes (falante) e as condições para essa propulsão (situação, texto e o outro) na RI. Tal colocação vai de encontro às abordagens gramaticais; no entanto, valoriza as estratégias de envolvimento e expressividade.

4.2.1.2 O parâmetro configuração lingüística do Fenômeno *Interjeição*

Nesta seção, são analisadas manifestações interjectivas e sua base gramatical. Na visão tradicional dos estudos gramaticais, algumas palavras ou expressões perdem o sentido denotativo-referencial previsto nas próprias gramáticas e nos dicionários, canalizando outras “interpretações” dentro de um espaço discursivo que as aceite. Isso pode gerar uma neutralização da referência primeira: o substantivo, o verbo... tornam-se transparentes em função do uso que o falante faz, a partir de sua competência comunicativa, em situações discursivas diversas. Desse modo, algumas manifestações emotivas do falante, *inseridas* em eventos comunicativos diversos, são (re)ações diante das condições propulsoras do movimento atitudinal na RI. Muitas vezes, uma manifestação interjectiva só pode ser reconhecida como tal em contextos específicos.

Perini *et al* (1998, p. 213) salientam que as palavras são potenciais, exercendo um ou outro papel “a partir do exame de enunciados específicos”. Transportando as idéias de tais autores para esta pesquisa, não faz sentido perguntar, sem contexto, se *nossa* é pronome e qual o seu papel sintático; mas faz sentido perguntar, mesmo sem contexto, se *nossa* pode ser pronome ou FI e ainda perguntar se pode ser sujeito ou complemento verbal.

A análise empreendida anteriormente — a configuração fônica — estende-se a esta seção, já que foram vistas apenas manifestações interjectivas traduzidas por “gritos subitâneos”. O principal traço delas é que passam uma imagem única, particularizante do falante, identificando-o subjetivamente — além de estabelecerem uma cooperação comunicativa, mesmo que sejam *inseridas* “abruptamente” no fluxo conversacional. As manifestações estudadas, nesta seção, correspondem à classificação tradicional de *interjeições simples* e *composta*. Independente do rótulo atribuído, elas também são “vozes” acomodadas e introduzidas, perfeitamente, ao sistema da língua, fonética e fonologicamente. São aceitas como palavras da língua, porém não decomponíveis por critérios morfológicos e sintáticos. Numa distinção entre manifestações interjectivas simples e compostas não há que se contemplar o caráter discursivo e pragmático próprio das manifestações emotivas e expressivas do falante, na RI.

A análise empreendida, neste momento, visa a demonstrar que essas “vozes” podem ter uma base gramatical ou lexical — referência às *classes de palavras*. No entanto, a base gramatical ou lexical (substantivo, adjetivo, pronome...) dessas “vozes” não é transparente semanticamente, já que se dilui no discurso em prol do investimento do falante em determinada situação de comunicação, ou seja, o falante na RI. Têm-se os fragmentos selecionados:

Fragmento 15:

Inf. (...)... e as águas do rio Arruda transbordava... enchia as CA::as... molhava as mulherzinha da vida... e saía tudo pra rua... correno por causa d’água... da enchente lá dentro...

Doc. 1. NOSsa::...

Inf. bem... isso é uma partezinha... então a gente:... menino né?... ficava olhando aquela beleza d’água (...) (FE26)

Fragmento 16:

L1: e:: as moças (quer dizer::)... havia muito mais::... diFIculda::de de um ra/ rapaz (era) diFIcilmente um rapaz saía com um moça... era muito difícil... a não ser quando havia muita intimidade... os namorados geralmente namoravam:... () de lon::ge de esquina

L2: [na janela]

L1: de janela

Doc. NO::ssa

L1: [e conversazinha]

L2: [tinha hora para namorar e fechar a janela (FD10)]

Uma manifestação interjectiva *insere* uma imagem qualitativa do falante diante dos fatores condicionadores de sua realização na RI. Nos Fragmentos 15 e 16, os documentadores, além de se particularizarem subjetivamente, manifestam atitudinalmente suas posições de incredulidade diante dos fatos descritos pelos (inter)locutores. Nos dois casos, os documentadores “esquecem-se” do papel formal, o de documentar, para abrirem um “parêntese”, por meio do qual explicitam suas participações como “ouvintes atentos”. A atenção dos documentadores é notada pelos (inter)locutores, já que eles “respondem” à incredulidade dos autores de *nossa*, para, em seguida, continuarem as narrações. No efeito qualitativo da imagem dos autores de *nossa* e, por conseguinte, da imagem que eles criam da situação descrita, subjaz a idéia provável de que eles dissessem <estou incrédulo diante da narração referente ao rio Arrudas e a suas conseqüências> ou <estou incrédulo diante do modo de como se namorava em sua época>, respectivamente.

Os (inter)locutores, diante da imagem criada pelos “documentadores de *nossa*”, deixam transparecer, implicitamente, a idéia de que <não fiquem incrédulos diante do pouco que contamos. Voltando ao assunto...>. A participação cooperada entre os (inter)locutores, a partir da *inserção* de um “item” de valor subjetivo, assegura, pragmaticamente, o fluxo conversacional. A manifestação atitudinal dos documentadores não é descrita metaligüisticamente, e, sim, presentificada no fluxo conversacional. Veja-se outro fragmento selecionado:

Fragmento 17:

E: esse// esse agora cê tá namorano agora?

I: tô dois anos

E: tem dois anos?

I: é mais também eu tive um:: que eu adorei () Serginho pena que num num podemos continuá esse aí eu estudava:: no colégio Pedro II Pedro II não brasileiro

E: NOSSA cê mudô de colégio demais

I: demais aí ele:: gente nós começamo a namorá mais escondido falei assim ó:: (FE14)

No Fragmento 17, é *inserida*, pela manifestação interjectiva nossa, uma imagem qualitativa do entrevistador, subjetivamente particularizante. O que difere a inserção dessa imagem das *inseridas* nos Fragmentos 15 e 16 é o fato de que nessas a incredulidade dos documentadores volta-se ao evento em processo e naquela volta-se a parte do evento. Nem por isso o (inter)locutor deixa de solidarizar-se com a incredulidade do entrevistador, já que há uma confirmação e, em seguida, a volta ao fluxo conversacional, ao tema da conversa do fragmento selecionado. O raciocínio quanto à provável idéia que subjaz à fala do entrevistador e do informante é o mesmo de 15 e 16. Tem-se outro fragmento selecionado:

Fragmento 18:

Doc. se fosse passar um filme para crianças que tipo de filme a senhora acha que deveria ser passado?

Inf. um:: tipo de filme como *O Mágico de Oz* que todo mundo achou maravilhoso parece que está voltando agora... ah:... que:... qual outro filme que... que o público infantil achou gostou... aquele filme dos cachorrinhos como é o nome?... dos dois cachorrinhos... **NOSSA** a criançada adorou o filme... eu tenho uma memória... sei lá eu acho que filme desenhos animados... é que a criançada assiste tanto desenho na televisão né? (**FE16**)

No Fragmento 18, ao contrário das outras ocorrências, a manifestação interjectiva tem como autor o informante que a *insere* no fluxo conversacional. A subjetividade particularizante criada pelo informante por meio do *nossa* antecipa uma possível justificativa para o fato de ter-se esquecido do nome do filme sobre o qual vinha discorrendo. No entanto, a reação emotiva *inserida* apaga a imagem de “pessoa esquecida” para abrir, com ênfase e/ou expressividade, o fato de que “a criançada adorou o filme”. A manifestação *nossa*, além de criar uma imagem qualitativa do autor, funciona como estratégia argumentativa, porque é preferível a emoção (aparentemente) súbita, introduzida pelo *nossa*, de que a criançada tenha gostado do filme a dizer o nome do filme, aliás esquecido.

A palavra *nossa*, quer em termos gramaticais, quer em termos lexicográficos, é classificada como pronome. Nas ocorrências analisadas, esse valor pronominal encontra-se, semanticamente, transparente. No discurso, enfim, adquire uma *função interjectiva* na relação do falante e com os diferentes “nós” da RI.

A subjetividade particularizante do autor de uma manifestação interjectiva envolve o (inter)locutor no discurso. Tal item pode encabeçar uma possível desculpa diante de um esquecimento — como foi visto no Fragmento 18. O fragmento

selecionado a seguir mostra que o informante procura resguardar sua imagem perante o seu (inter)locutor por meio de uma “atitude” interjectiva:

Fragmento 19:

Doc. o::... e aqui na frente se... éh o cavalo é seguro por alguma coisa?

Inf. /.../...porque tem uma que vem... logo:: na frente do::... da cabeça do cavalo... que se chama::... cabeção... depois tem uma que vai mais em cima da própria cabeça do cavalo que é a testada... e além disso tem uma... um outro courinho que sai... de cima... e passa por baixo do... da cabeça... ah... próximo ao pescoço... que também tem um nome ahn::... -- puxa eu não sei como é que eu posso ter esquecido esse nome... -- é alguma coisa como::... gargantilha hoje é... ((risos)) é o que as mulheres usam

Doc. pode ser... daí o exemplo (FE16)

No Fragmento 19, o informante, antes de assumir o esquecimento, busca o envolvimento do documentador pela inserção de *puxa* — se não houvesse marcação *inserida* pelo *puxa*, a face do falante poderia ficar prejudicada. Nessa ocorrência, o elemento *puxa* explicita uma (re)ação do falante diante de sua dificuldade; no entanto, por isso mesmo, torna-se único no fluxo conversacional. Desse modo, o documentador solidariza-se com a imagem emocionalmente “caracterizada” do informante. Isso significa que as imagens *inseridas* emocionalmente acerca de um dos elementos da RI estabelecem uma empatia²⁷ entre os interlocutores.

Nesse caso, em particular, como se não bastasse ao FI um valor expressivo por si só, há uma ruptura acentuada do fluxo da informação; tem-se uma frase-hóspede²⁸, a qual causa um *rallentamento* na progressão discursiva, o que pode gerar um tempo para que o informante se lembre do nome do objeto e, além disso, busque a solidariedade do documentador, o qual se mostra empático ao afirmar, por meio de uma modalização que “pode ser... daí o exemplo”. Quanto à base gramatical, a manifestação interjectiva *puxa* é um delocutivo²⁹ do verbo puxar.

²⁷ Karahan (2003) faz uma análise discursiva da empatia em interações cotidianas. Para a autora, a empatia deve ser entendida como uma co-construção emocional. Em sua análise, Karahan considera o FI como uma manifestação de empatia num dado evento comunicativo.

²⁸ Adota-se, neste trabalho, de acordo com Koch *et al* (2002, p. 127), a noção de que frases-hóspedes “são segmentos de discurso de extensões bastante variadas, que cumprem um propósito definido de comunicação, depois que um fluxo informacional nuclear já se acha em andamento. Sua interposição numa seqüência de informação já iniciada provoca uma espécie de suspensão temporária na linha discursiva, que não chega a afetar totalmente a coesão entre as partes da informação primária. A descida do tom de voz e certo aceleração do ritmo elocucional, que às vezes acompanham sua enunciação, são traços prosódicos coerentes com sua natureza de predicação paralela inserida na comunicação básica”.

²⁹ Este trabalho não pretende discutir a questão da delocutividade do FI. Para maiores informações, ver Gonçalves (2002)

Esse princípio de solidariedade entre (inter)locutores também pode ser visto no fragmento seguinte. Veja-se:

Fragmento 20:

L2: marquinhas tipo de espinha da adolescência/

L1: hahã é\ (.) aí que horror ta falando isso assim pra você\ que vergonha eu não devia nem ta falando uma coisa dessas, tão pequeno

L2: de jeito nenhum\ tem vergonha nenhuma nisso, é o primeiro contato, é assim mesmo, são essas coisas externas que a gente repara primeiro\ (.) quando eu conheci o Lucas eu falei eu não quero esse homem nem dado, credo, eu reparei mas foi em tudo, ficava assustada

L1: nossa ele é feio assim/

L2: não, hoje eu até acho ele bonito /.../ (FD5)

No Fragmento 20, para solidarizar-se com sua amiga, que não estava se sentindo bem diante das marquinhas de espinhas no rosto de seu namorado, L2 descreve seu primeiro contato com seu atual namorado. Na descrição, *insere-se* atitudinalmente sua emoção de espanto em relação à feiúra de Lucas. A imagem negativa *inserida* no fluxo conversacional pelo uso de *credo* é desfeita, para que, no final, haja uma retificação, dizendo que “hoje eu até acho ele bonito”. Dessa maneira, as amigas solidarizam-se, envolvem-se com/no fluxo conversacional; tornam-se empáticas.

Os fragmentos a seguir também ilustram o caráter de solidariedade entre (inter)locutores. A manifestação *coitada*, considerada um qualificativo, perde esse atributo, mas assegura emocionalmente a relação de solidariedade entre documentador e informante. Têm-se:

Fragmento 21:

Doc. 1. seu (nome)... e nos feriados... domingos... o senhor costumava passear fora da cidade?...

Inf. não era muito fácil não... o lugar que a gente ia... era em Sabará... comprá pé de jabuticaba... chegava lá... e comprava um pé... num é trazê o pé... cê podia tira tudo... comê até:... e pagava pelo pé... podia trazê também até... -- já tá cansada coitada... qué água?... --

Doc. 1. não obrigada:... ia de trem pra Sabará? (FE27)

Fragmento 22:

Doc.1. a feira de amos::tra... o senhor freqüentava lá... a FEIra?...

Inf. a gente olhava... cê vê uma vez... não qué vê duas ou três... que tinha muita pedra... muita coisa assim... ((virando-se para a Doc.2) -- --“tá cansada”? -- --

Doc.2. não

Inf. coiTAda::..

Doc.1 ali funcionava também um auditório... não tinha?... lá na Feira de Amostra... no mesmo prédio...

Inf. não...num me lembro disso não... (FE28)

Nos Fragmentos 21e 22, a imagem particularizante criada pelo informante, ao *inserir* atitudinalmente sua comiseração em tom interjectivo, por meio de *coitada*, revela, como foi dito, não apenas sua postura única, singular, mas também, afetado pelas circunstâncias situacionais, “traduz”, subjetivamente, a imagem do documentador. O princípio de solidariedade também se faz presente, o que assegura o fluxo conversacional. Tal princípio emerge das circunstâncias presentes, *rallentando* o fluxo conversacional. O FI, pelo que foi visto, pode ser considerado também, em algumas ocorrências, um *rallentador* do discurso.

Pelos fragmentos já apresentados, pode ser visto que, para o FI, concorrem formações fonético-fonológicas aceitas pela gramática da língua e vocábulos cuja transparência semântica se dilui, pragmaticamente, no discurso.

A seguir, são analisadas ocorrências formadas por mais de uma palavra ou até orações — o que corresponderia ao que a gramática tradicional chama de locuções interjectivas. O caráter oracional dessas locuções não permite, entretanto, decompô-las em elementos como sujeito e predicado. O que se destaca é a combinação de palavras para exprimir uma atitude *inserida* emocionalmente pelo falante na sua relação com os “nós” da RI. Podem compor essa “classe” expressões já consagradas pelo uso — por exemplo, a expressão “graças a Deus”. A seguir, têm-se os fragmentos para análise:

Fragmento 23:

E: e o... seu namorado também faz né?

I: inclusive ele é faxa preta

E: meu Deus do céu como estamos chiques! e seu neném quando ele nascê ele vai fazê taequendô? (FE1)

Fragmento 24:

E: qual que foi a briguinha mais terrível que cês já tiveram?

I: ai... foi uma vez que assim ele foi pruma festa de quinze anos a menina chamô ele pra dança// pra dança valsa com ela e eu num aceitei mais ele falô que já tinha prometido à menina que ia eu fui falei assim “então vai mas a consciência é sua” aí ele foi pra com a menina// dança na festa com a menina eu fui pra pracinha um lugá lá perto de casa e acabo que chegano lá eu fiquei com outro ai ele descobriu ai a gente brigô ai ele terminô comigo mais depois// duas semanas depois// a gente voltou

E: esses namorados meu Deus conheço essa histórias se você fosse escolher um outro esporte pra praticá que outro esporte cê praticaria? (FE4)

Fragmento 25:

E: e quando cê descobriu que cê tava grávida? o que que aconteceu?

I: ah ((tom exclamativo)) não sei fiquei desesperada assim mais que que podia fazê né? num tinha mais jeito minha mãe então Nossa Senhora ((tom exclamativo)) ficou doida mais agora depois de seis meses ela já acostumou um pouquinho com a situação (FE5)

Nos Fragmentos 23, 24 e 25, todas as ocorrências assinaladas oferecem uma imagem emocional dos falantes, *inserida*, particularizante. Essa imagem construída no/pelo fluxo conversacional revela um comportamento de seus autores ligado a leis comportamentais — o FI assinalado, aqui, é, *lato sensu*, uma invocação. No Fragmento 23, a expressão *meu Deus do céu* encabeça o sentimento de que seu autor é favorável à prática de esportes, o que fica mais evidente com o acréscimo “como estamos chiques”. No Fragmento 24, a imagem emocional do falante, no interior de sua própria fala, por meio da expressão *meu Deus*, é a de suas próprias “leis morais”. Esse falante avalia, emocionalmente, o comportamento de jovens namorados. No Fragmento 25, a autora, por meio de *Nossa Senhora*, *insere* uma avaliação emocional apoiada em leis sociais — uma gravidez na adolescência é uma transgressão de comportamentos sociais e religiosos. O uso de *Nossa Senhora* não chega a ser uma invocação, mas demonstra uma auto-indignação perante a situação em que se encontra a informante. Tem-se outra ocorrência similar a esses fragmentos anteriores:

Fragmento 26:

Doc. qual é a comida característica que você conhece?

Inf. DE experiên::cia:: acho que praticamente nenhuma viu? a não... experimentei uma vez -- ai como é que chama aquele negócio que é feito com quiabo? --... aça// acarajé?... não acarajé é bolinho... acarajé eu experimentei uma vez::... para o meu gosto não foi lá uma grande coisa não mas:: dá pra comer né?... ahn::... -- é um negócio que é feito com quiabo meu Deus do céu como é que chama? --... não lembro o nome do

Doc. *uhn uhn*

Inf. do tal do prato... e NÃO gostei... (...) (FE24)

No Fragmento 26, não estão em jogo valores e/ou comportamentos sociais. Diante de seu esquecimento acerca do nome da comida, a informante faz uma invocação, a fim de se lembrar do nome da comida. Enfim, a atitude da informante é uma (re)ação, uma espécie de queixa, diante da situação em que se encontra. Pelos Fragmentos 23, 24 e 25, fica evidente que o sentido que se deve atribuir ao FI encontra-se no discurso, em que (inter)locutores se cooperam, construindo imagens

atitudinalmente emotivas e qualitativas. O FI é, pois, uma manifestação lingüística — “grito” ou não — bastante produtiva quanto a esse aspecto de co-construção textual. Assim, destaca-se a função interpessoal da linguagem, em que se definem os papéis dos falantes diante de suas pretensões no fluxo conversacional; no caso, emocionar por meio do FI.

Algumas expressões já consagradas pela gramática como FI são passíveis de questionamentos, se se considerar, como aqui está sendo considerado, o FI como uma manifestação que gera uma imagem qualitativa do falante em face de um dos elementos da RI. São, por exemplo, as expressões “se Deus quiser” e “graças a Deus”. Vejam-se os fragmentos selecionados:

Fragmento 27:

E: é:: bom Piedade você:: você pretende estudá mais ô:: se prefere ficá :: é::
 I: estudei até a oitava série pretendo:: é:: eu acho que:: o estudo é muito importante na vida da gente principalmente pra quem qué vencê tê:://sê:: um alguém na vida como o meu pai diz né? mas eu pretendo eu só num estudei mais porque:: comecei a trabalhá então ficava mais difícil as coisa né? assim:: não tive como estudá:: em colégio particular estudei mais em colégio estadual municipal aí:: parei meus estudo mais:: se Deus quisé eu aho que um dia eu vô:: continuá:: (FE9)

Fragmento 28:

A mãe ainda não recebeu a aposentadoria, agora ela já nem fala mais. Um dia se Deus quizer sai, não é? (EC3)

Fragmento 29:

A carta ficou interrompida por um tempo. Advinha por quê? Acabo de ser contratada por uma escola particular — o Energia — para dar aulas de gramática e literatura. Seja o que Deus quiser! Sabes que eu nunca ambicionei isso. A oportunidade aparecer agora só me resta lutar para agradar. (EC15)

Nos Fragmentos 27, 28 e 29 a imagem emocional dos falantes das expressões “se Deus quiser” e “Seja o que Deus quiser” é menos marcada que aquelas construídas por “gritos” de sentido afetivo (ah!, ooooh!) ou por algumas manifestações interjectivas cuja extensão fônica seja menor (nossa!, coitada!, puxa!...). Isso porque expressões como essas apontam para modelos de comportamento lingüístico e de uso de estereótipos — o que gera uma imagem menos particularizante, menos singular do indivíduo. O grau de envolvimento do falante com os “nós” da RI é menor. Outros fragmentos:

Fragmento 30:

E: Como é que estão os preparativos pro casamento?

I: ah... tá olha graças a Deus já temos quase tudo né? casa montada e... e assim já tá encaminhado só casar mesmo (FE11)

Fragmento 31:

Inf. e ela ficou no hospital:: durante cerca de vinte dias... e eu fiquei na mão de uma empregada que::QUANdo se lembrava dava mamadeira... quando não se lembrava não dava... quando se lembrava de ver se o leite estava bom ela via se não o leite ia estragado mes::mo...nessas condições quando minha mãe voltou da m// do hospital eu estava num estado de:: subnutrição de fraqueza que o:: próprio médico pediatra... achou um abSURdo... isso... brigou com mina mãe devido o fato de... de me ter deixado esta situação... então ela me fez um um regime de... de engorda fortalecimento durante muitos anos... e com isso graças a Deus eu voltei a... ser um...alguém... (...) (FE17)

Fragmento 32:

Graças a Deus o movimento melhorou. Estamos trabalhando demais. Nem eu e nem a (Nome) não estamos agüentando ou tendo mais paciência com esse tipo de negócio. (EC21)

Nos Fragmentos 30, 31 e 32, os falantes, por meio das expressões assinaladas, cumprem mais um ritual lingüístico de comportamento social do que a criação de uma imagem atitudinalmente emocional e particularizante. Esse comportamento lingüístico não apresenta uma *inserção* abrupta da subjetividade de seu autor; ao contrário, é uma expressão interjectiva de valor estereotipado e/ou formulaico. Essas expressões formulaicas estão ligadas, sobretudo, aos gêneros textuais em que podem ser encontradas. Por exemplo, *Obrigado!*, *Amém!*, *Por favor!* etc. não são *inseridas* abruptamente, mas são reconhecidas como integrantes de textos cujo funcionamento é mais ou menos previsível.

4.2.2 O domínio textual-discursivo: autonomia comunicativa e preenchimento de afetividade

O domínio *textual-discursivo* diz respeito ao sentido adquirido pelo FI na RI — o que implica dizer que, numa relação entre (inter)locutores, o FI apresenta um caráter pragmático.

4.2.2.1 O parâmetro autonomia comunicativa do Fenômeno *Interjeição*

O parâmetro *autonomia comunicativa* aponta para o fato de o FI constituir um enunciado proposicional em si próprio. Muitos estudos empreendidos ao longo do tempo apontam o FI como equivalente de frase (ver Quadro 2). Subjaz a esse modo de perceber o FI a idéia de que ele traz em si mesmo uma significação própria, *inserida* no fluxo conversacional. Simultaneamente a isso, o FI é desgarrado sintaticamente, mas não discursivamente. Pretende-se, pois, tecer, nesta seção, considerações acerca de o FI ser comunicativamente autônomo, em sua manifestação atitudinal presentificada.

Muitos estudos foram empreendidos a partir do corte epistemológico que culminou com a valorização da modalidade falada. Há uma corrente lingüística que estuda a língua falada, suas especificidades lexicais, morfossintáticas, textuais e, sobretudo, seus valores pragmáticos. Tais especificidades são vistas no *continuum* fala/escrita. No Brasil muito já se escreveu sobre a “gramática” da língua falada. Na série **Gramática do português falado**, apesar da diversidade teórica e metodológica, percebe-se que a preocupação básica é a consolidação de uma gramática de referência do português culto falado no Brasil. Nessa série de estudos ainda não foi contemplado o FI.

Risso, Silva e Urbano (2002) propõem um “estabelecimento de traços básicos identificadores do estatuto dos *Marcadores Discursivos*, capazes de conduzir a uma definição mais precisa e operacionalmente viável de sua natureza” (p. 22). Os autores fizeram um levantamento de unidades consensualmente aceitas ou não como marcadores discursivos; nesse levantamento aparecem algumas manifestações interjectivas. A pesquisa trouxe resultados bastante satisfatórios, já que apontou os “pontos de conjunção e disjunção que unem e separam os *M.D.* de outros procedimentos discursivos como os rotulados, no desenvolvimento do trabalho, de ‘unidades limítrofes’” (p. 53).

Dentro dessas unidades limítrofes, que são um “campo bastante heterogêneo” (p. 47), encontram-se manifestações interjectivas, como *ai*, *ué*, as quais não apresentaram traços do “núcleo-piloto dos Marcadores Discursivos”, sendo, portanto, um “desvio”. Um dos traços de tal núcleo-piloto é a falta de auto-suficiência comunicativa dos marcadores discursivos. A pesquisa desses autores mostra que os marcadores discursivos “são insuficientes para constituírem

enunciados completos em si próprios, ou seja, são, do ponto de vista comunicativo, unidades não-autônomas, diferenciando-se, nesse ponto, mas não somente nele, das interjeições, dos vocativos, das palavras-frase” (p. 54).

Segundo Castilho (2000, p. 62), “uma decisão preliminar à reflexão lingüística é sempre a de estabelecer o recorte que vai ser examinado”. Assim, para defender a idéia de que o FI é comunicativamente autônomo, o recorte a ser examinado é a noção de “unidade de idéia” (CHAFE, 1980) — também chamada de “unidade de informação”. Nesta pesquisa, a noção de “unidade de idéia” ou de “informação”, adotadas dos autores citados, aponta para o fato de, na língua falada, os enunciados serem produzidos aos jatos, aos borbotões — e essa produção é intuitiva por parte do falante. Essas unidades ainda são margeadas por marcadores orientados para o texto (margem esquerda) e marcadores orientados para o falante (margem direita).

Pode-se questionar o fato de o *corpus* desta pesquisa abarcar textos escritos, como as cartas pessoais; mas, como já foi dito, são gêneros cuja concepção discursiva é oral. Além disso, Marcuschi (2001b, p. 62) aponta que “tanto na produção oral como na escrita o sistema lingüístico é o mesmo para a construção de frases”. Deve-se considerar que a noção de frase, na língua escrita, apresenta limites, quais sejam a inicial maiúscula e o ponto final; já na língua falada, os enunciados, por serem aos borbotões, esses limites não existem — são intuitivos. O que se acrescenta a isso é o fato de que os meios utilizados são específicos, implicando assim resultados e/ou produtos lingüísticos diferentes.

Para Urbano (1999), as expressões *ah* e *hein* direcionam ou alimentam a conversação. Se há uma ausência de valor semântico, os marcadores de natureza não-lexical, como esses dois exemplos, são adequados para a função fática da linguagem. A dificuldade de se estabelecerem definições operacionalmente precisas para marcadores, principalmente alguns de natureza não-lexical, como os dois acima, leva os estudiosos a apontarem uma terceira “classe” de marcadores, além dos prototípicos e dos não-prototípicos. Essa terceira “classe” seria formada por unidades limítrofes, nas quais se enquadram algumas manifestações interjectivas.

Apesar do impasse — é marcador ou é manifestação interjectiva —, as unidades limítrofes, na decomposição do texto em unidades de informação, ou ocupam a margem esquerda ou a margem direita. Mas, manifestações atitudinais, principalmente lexicalizadas, *inseridas* no decurso verbal, como, por exemplo, *meu*

Deus do céu, formam uma unidade informativa de teor emocional, ou apresentam uma força fática, ou ainda orientam a conversação?

Segue-se um fragmento do *corpus* selecionado para decomposição em unidades de informação, os borbotões, é claro, e delineamento das margens direita e esquerda. Essa decomposição em unidades de informação não é pacífica. Castilho (2000, p. 65) alerta para o fato de que a noção de unidade comunicativa é “problemática, não categórica, e não pode ser assimilada às unidades do sistema gramatical e fonológico (...) concebidos por seus contrastes e oposições com outras unidades, sujeitos portanto, a uma identificação mais controlada”. Assim, a decomposição apresentada, a seguir, é resultado de uma interpretação semântica e discursiva do texto produzido pelo entrevistador e informante. A parte sublinhada é que está decomposta em unidades de informação.

Fragmento 33:

E: eu escorreguei só q’eu num caí de lá de cima não só escorreguei na pedra...

I: aconteceu na praia quando eu fui pra... Marataíses acho que foi no ano passado...((tom interrogativo)) ah ((tom exclamativo)) eu num me lembro eu me lembro que assim a gente nadano na onda lá eu fiquei assim muito na berada né? aí vei aquela onda assim quebro em cima de mim saiu me jogando pra// assim na areia aí eu fui ralando a perna assim da área até chegá // até aonde tinha água me levou aí a hora que vi aquele trem tudo ardeno aquela água salgada né? Nossa Senhora ((tom exclamativo)) Deus me livre ((tom exclamativo))

E: foi a primeira vez que cê tinha ido à praia?

I: não eu já fui em Bahia também antes de i pra Marataíses só q’eu era muito nova acho q’eu só tinha seis ou sete anos (FE6)

A seguir, uma proposta de decomposição de unidades de informação. Na coluna da esquerda, tem-se a margem esquerda; na da direita, a margem da direita. No centro, têm-se a unidade de informação (cujos critérios de delineamento são o jato melódico, ou entonacional de que o falante dispõe, física e socialmente), os números arábicos que representam as sentenças tematicamente centradas. O símbolo [Ø] indica ausência de elementos das margens.

MARGEM DIREITA	UNIDADE DE INFORMAÇÃO	MARGEM ESQUERDA
(A) ∅	(1) <i>aconteceu na praia quando eu fui pra... Marataíses</i>	
	(2) <i>acho que foi no ano passado...((tom interrogativo))</i>	∅
(B) <i>ah</i> ((tom exclamativo))	(3) <i>eu num me lembro</i>	
	(4) <i>eu me lembro que assim a gente nadano na onda lá</i>	
	(5) <i>eu fiquei assim muito na berada</i>	<i>né?</i>
(C) <i>aí</i>	(6) <i>vei aquela onda assim quebro em cima de mim</i>	
	(7) <i>saiu me jogando pra// assim na areia</i>	
<i>Aí</i>	(8) <i>eu fui ralando a perna assim da área até chegá//</i>	
	(9) <i>até aonde tinha água me levou</i>	
(D) <i>aí</i>	(10) <i>a hora que vi aquele trem tudo ardeno aquela água salgada</i>	<i>né?</i>
(E) ∅	(11) <i>Nossa Senhora</i> ((tom exclamativo)) <i>Deus me livre</i> ((tom exclamativo))	∅

Cada unidade informacional possui um tópico conversacional. Em (A), a localização no espaço e no tempo em que ocorreu o fato; em (B) a busca de lembranças a serem relatadas; em (C), a chegada da onda e os efeitos de sua força; em (D), a percepção das conseqüências geradas pela força da onda; e, em (E), a presentificação atitudinal diante do ocorrido e também diante dos efeitos gerados.

Ao considerar (E) uma unidade informacional, está em circulação a idéia, já clássica, de que FI significa mais do que a sua própria materialidade — ou seja, a noção de palavra-frase. Isso quer dizer, portanto, que a configuração do FI (extensão de massa fônica e base gramatical, convencional ou não) são pistas para a construção e/ou reconhecimento do papel textual-discursivo. Na moda, menos é mais; ao estudar o FI, essa máxima é garantida. Desse modo, a função textual-discursiva, combinada com elementos paralexicaís (tom exclamativo) em (E), apesar do caráter de anacoluto — e, por isso mesmo, o caráter de *inserção* — aponta para uma significação subjacente, em que a percepção notada em (D) é interrompida, já que completa de significação tópica, para que o informante manifeste atitudinalmente suas emoções em face das condições desencadeadoras de (re)ações na RI. Poderia o falante descrever metalingüisticamente sua emoção, o que deixaria de ser *inserção*, ganharia na expressão, mas perderia na expressividade. A descrição daria seqüência a (D), já que o falante poderia se expressar assim: <fiquei perplexa de tanta dor e além disso (ou por isso) invoquei Nossa Senhora e Deus>. Ainda, a seqüência de duas manifestações interjectivas em (E) não gera duas unidades de informação, já que assinalam uma mesma emoção — a seqüência torna mais expressiva a emoção vivida, presentificada.

A idéia de que o FI possui, ao contrário dos marcadores discursivos, autonomia de informação, o que lhe garante a constituição de uma unidade discursiva, vem apresentada também por meio do fragmento seguinte.

Fragmento 34:

Doc.1. o senhor acha que a cidade era mais bonita nesse tempo... a cidade fisicamente falando?...
 Inf. não... ela era uma cidade suave né?... suave... cheia de... de flor... (...) era melhó... quer dizer... eu achava... agora... tá limpa... agora tem um jardim... muita flor bonita... mas tudo pequenininho... parecendo cemitério do Colina... que é tudo desse tamanho na Colina... não tem tem aqueles trem não::... ô cemitério triste gente... não sei se ocês conhece Bonfim... Nossa Senho::ra... cê vai lá... um dia eu fui lá... aqueles Jesus ó... NOSsa... tomei um ME::do... eu sozinho naquela sepultura... aqueles santo... uns carregando uma cruz... tudo de mámore preto... (FE29)

Tem-se a seguinte proposta de decomposição:

MARGEM ESQUERDA	NÚCLEO	MARGEM DIREITA
(A)	(1) <i>não... ela era uma cidade suave.....</i>	<i>né?...</i>
	(2) <i>suave... cheia de... de flor (...) era melhó...</i>	
<i>quer dizer</i>	(3) <i>... eu achava...</i>	∅
(B) <i>agora</i>	(4) <i>... tá limpa</i>	
<i>Agora</i>	(5) <i>tem um jardim... muita flor bonita</i>	
	(6) <i>...mas tudo pequenininho... parecendo cemitério do Colina...</i>	
	(7) <i>que é tudo desse tamanho na Colina</i>	
	(8) <i>... não tem tem aqueles trem não::...</i>	
	(9) <i>ô cemitério triste</i>	<i>gente...</i>
(C) ∅	(10) <i>não sei se ocês conhece Bonfim</i>	∅
(D) ∅	(11) <i>Nossa Senho::ra...</i>	∅
(E) ∅	(12) <i>cê vai lá.....</i>	
	(13) <i>um dia eu fui lá... aqueles Jesus ó...</i>	∅
(F) ∅	(14) <i>NOSsa</i>	∅
(G) ∅	(15) <i>tomei um ME::do...</i>	
	(16) <i>eu sozinho naquela sepultura... aqueles santo... uns carregando uma cruz... tudo de mámore preto...</i>	∅

No Fragmento 34, o informante emite suas opiniões sobre a cidade de Belo Horizonte. Em (A), tem-se sua impressão acerca da cidade de há anos; em (B), a comparação da cidade com o cemitério do Colina; em (C), a interlocução com o documentador; em (E), a visita ao cemitério; em (G), o medo de se encontrar no cemitério. Nesse fluxo conversacional, o informante *insere* sua emoção a respeito dos fatos narrados. Assim, em (D), há presentificação vívida no que se refere ao cemitério; em (F), no que se refere aos santos do cemitério. Sobre a unidade 9, nota-se uma descrição pessoal do cemitério e não uma emoção presentificada. Como

essas presentificações são *inseridas* em decorrência do fluxo conversacional, elas significam no discurso. Desse modo, o FI tem sua autonomia comunicativa respaldada na enunciação, na intenção do falante. Em (D) e em (F), comunica-se o “estado” do falante, que é a expressão, e, simultaneamente, comunica-se a emoção vívida, envolvente, que é, pelo modo apresentado, a expressividade.

Nos Fragmentos 33 e 34, selecionados para demonstrar que o FI é uma unidade informacional e, por isso mesmo, detentor de uma autonomia comunicativa, considerou-se apenas a fala de um dos informantes, apenas o turno de um deles. No entanto, há, no *corpus*, ocorrências do FI, na fala do (inter)locutor — os turnos, nessa ocorrências, são formados apenas da manifestação atitudinal do interlocutor. Têm-se como exemplos:

Fragmento 35:

Inf. (...)... e as águas do rio Arruda transbordava... enchia as CA::as... molhava as mulherzinha da vida... e saía tudo pra rua... correno por causa d’água... da enchente lá dentro...

Doc. 1. NOSsa::...

Inf. bem... isso é uma paterzinha... então a gente:... menino né?... ficava olhando aquela beleza d’água (...) (FE26)

Fragmento 36:

Doc. 1. tinha que lavar o defunto?...

Inf. lavá o defunto...

Doc. 1. quem fazia isso?... uÉ::... alguns faziam isso?...

Inf. quem fazia era algum da casa... algum da casa... tinha que dá o banho... ((risos)) imaGI::na...

Doc.1. ai... meu DEUS do céu...

Inf. isso eu me lembro porque eu assisti... assisti toma o banho... (...) (FE30)

A noção de turno empregada, nessa análise, refere-se a “qualquer tipo de intervenção dos interlocutores (participantes do diálogo), de qualquer extensão” (GALEMBECK, 2001, p. 60). Para esse autor, as intervenções podem ter valor referencial ou informativo, as quais desenvolvem o assunto tratado no fragmento conversacional, e intervenções breves, as quais assinalam para o fato de que o falante está acompanhando a fala de seu (inter)locutor e, por isso, não possuem valor referencial.

Nos Fragmentos 35 e 36, os turnos sublinhados ilustram, de acordo com Galembeck, as intervenções breves, ou turnos inseridos. Para esse autor, os turnos inseridos desempenham a função interacional, acompanhando, alimentando o assunto tratado, e a função de contribuir com o desenvolvimento do assunto, antecipando ou

resumindo a fala do (inter)locutor. Assim, os turnos destacados anteriormente podem ser enquadrados na segunda definição, até porque o FI, por natureza, já é uma *inserção*. Deve-se considerar, portanto, que os “turnos interjectivos” são autônomos comunicativamente (expressam o “estado” do falante e são expressivos por presentificarem as emoções do falante, bem como demonstram o envolvimento do ouvinte no desenvolvimento do assunto).

Nos Fragmentos 35 e 36, os documentadores manifestam atitudinalmente suas emoções diante do assunto tratado. A manifestação atitudinal dos falantes nesse tipo de ocorrência (na (inter)locução) é completa, já que se envolve com todos os “nós” da RI. A atitude de emoção presentificada (“NOSsa:...” e “ai... meu DEUS do céu...”) relaciona-se ao desenvolvimento do assunto, bem como com a situação descrita, revelando um sentimento de espanto. Além disso, explicitam o envolvimento dos (inter)locutores, assegurando-lhes um papel de “bom ouvinte”, garantindo aos informantes o “sucesso” no desenvolvimento do fluxo conversacional. Finalmente, esse envolvimento dos (inter)locutores, alimentando subjetivamente o assunto, assinala que o FI é um propulsor de situações, de contextos. Gonçalves (2002, p. 579), em suas considerações finais, questiona isso: “Não haverá situações em que é exactamente a interjeição a dar valor ao contexto?” Que atmosfera veicularia, nos Fragmentos 35 e 36, sem a *inserção* do envolvimento emocional e expressivo dos (inter)locutores? Apenas uma atmosfera de função ideacional ou referencial?

4.2.2.2 O parâmetro preenchimento de afetividade do Fenômeno *Interjeição*

Para Marcuschi (1993, p. 227), “não se pode falar de um modo categórico em relação ao status sintático das interjeições”, já que “são um elemento de puro efeito discursivo sem um status sintático definido”. No entanto, Marcuschi propõe, como traço diferenciador do FI em relação a outros fenômenos da “prática discursiva”, a estrutura e posição. Sob o ponto de vista da estrutura, segundo o autor, “a interjeição não se situa no interior da estrutura dos sintagmas, mas forma uma oração isolada” (p. 232). Já do ponto de vista posicional, o FI “vem no início de um sintagma ou oração e raramente no interior, sendo que às vezes ocorre no final” (p. 232). Desse modo, o autor estabelece diferenças, mesmo que sucintas, entre o FI, a hesitação e os marcadores. O quadro abaixo mostra isso:

QUADRO 7: Da estrutura e da posição de fenômenos de prática discursiva

FENÔMENO \ POSIÇÃO	INICIAL	MEDIAL	FINAL
Interjeição	XXX		
Hesitação		XXX	
Marcador c.	XXX		XXX

FONTE: Marcuschi, (1993, p. 232) - Adaptação³⁰

De acordo com Marcuschi, as posições assinaladas no Quadro são as mais comuns, as mais canônicas dos três fenômenos aí destacados. “A interjeição encabeça uma estrutura sintática com a qual não mantém relação. A hesitação rompe uma estrutura sintática. O marcador emoldura a construção sintática, mas não se insere nela” (MARCUSCHI, 1993, p, 232).

Se o FI é apenas um “puro efeito discursivo sem um status sintático definido”, por que estabelecer posições (início, meio e fim)? Ou ainda: qual o limite e de que limite de frase, oração ou enunciado o FI pode ocupar o início, meio ou o fim? O que significa dizer que o FI “forma uma oração isolada”? Não estaria esse autor sendo contraditório, já que propõe que o FI seja visto no discurso (“puro efeito discursivo”), mas admite que “o lugar canônico da interjeição é o início e o final de orações ou estruturas sintáticas”? Talvez, as dúvidas geradas venham do fato de o autor não ter estabelecido sua noção de frase, oração ou estrutura da língua.

Caso tome o turno como unidade de análise — considerando também que um turno pode apresentar mais de uma unidade informacional, a qual, nesta pesquisa, pode ser formada por uma manifestação interjectiva —, como estabelecer uma posição (início, meio e fim) para o FI quando ele mesmo forma um turno sozinho? Além disso, o FI pode ocorrer em contexto em que o falante não se encontra em diálogo com outro — como, por exemplo, pode proferir um *Meu Deus!* ou *Que droga!* diante de um acontecimento do mundo real.

Marcuschi (1993, p. 228) considera “complexos” os casos em que o FI é “objeto de referência de um enunciado”. Do *corpus* desta pesquisa tem-se o seguinte exemplo dessa “complexidade”:

³⁰ A adaptação feita de Marcuschi (1993) refere-se à disposição gráfica do diagrama

Fragmento 37:

L — tá vendo... eu queri::a que alguém da saúde PÚBLICA daqui de Patos viesse aqui ao estúdio agora pra ver o que essa senhora tá passando... pra ver o que essa senhora tá sentindo... eu queria pedir

Il — [ahn...ahn... ((suspiros de dor))

L — aí PELO AMOR DE DEUS por essa senhora... pela dona Adriana Silva... algu//alguma autoridade né... pode ser um vereador... pode ser um secretário... pode ser qualquer pessoa que influência aí na área da saúde pública daqui de Patos... tô pedindo aqui um pelo amor de Deus pela senhora Adriana Silva... (RD2)

No Fragmento 37, as duas ocorrências de *pelo amor de Deus* são objeto de referência do próprio enunciado em que se *inserem*, apresentando-se como complemento da locução “queria pedir” e “tô pedindo”, respectivamente. Aí, sim, há uma integração da manifestação interjectiva com o contexto sintático. Apesar dessa “integração”, há o envolvimento do falante com o assunto, já que lança mão de recursos fônicos (elevação de voz), na primeira ocorrência, e de “apropriação” de uma locução interjectiva, seu sentido usual previsto pela gramática e pelo dicionário como complemento verbal — houve uma “reaplicação” de um sentido primeiro, o que gerou uma acomodação semântica. Nos dois usos, pelo que foi exposto, há, portanto, o envolvimento expressivo do falante.

Sobre os “suspiros de dor” de Il há uma dimensão argumentativa, já que são sobrepostos à fala de L, gerando uma encenação. Se se considerar que esse fragmento de texto é parte de uma locução de rádio, os “suspiros de dor” de Il, bem como a elevação de voz em “PELO AMOR DE DEUS”, a força argumentativa justifica-se pelo fato de haver uma (possível) proposta diretiva: os “suspiros de dor” criam uma imagem de sofrimento, a busca de piedade; o “grito” do locutor cria a imagem de um denunciador, de um homem engajado.

Assim, fica difícil estabelecer a posição do FI num evento lingüístico maior que um turno. Este estabelecimento seria possível se se considerasse a unidade informacional como parâmetro; no entanto, o FI pode ser uma unidade de informação. Desse modo, comunga-se com Marcuschi a idéia de que o FI não possui um “status sintático definido”, o que significa, portanto, que o FI não faz parte da estrutura canônica do tipo sujeito + predicado, ou, ainda, não é um constituinte frasal.

Bastos (2004) propõe um estudo dos constituintes extrafrasais com valor epistêmico, por meio de entrevistas jornalísticas no espanhol e no português. Sua pesquisa baseia-se na proposta de classificação de Dik para os constituintes

extrafrasais em relação à frase adjacente, ampliando-se a análise para além dos limites da frase. Das características dos constituintes extrafrasais apontados por Bastos (2004, p. 38), a partir de sua leitura de Dik, destaca-se o fato de eles poderem preceder, interromper ou seguir a frase; possuírem uma pausa entonacional, na língua falada, e pausas gráficas, na língua escrita; não interferirem nas regras gramaticais nos limites da frase e, finalmente, serem elementos que, apesar da adjacência em relação à frase, só são compreendidos no nível do discurso.

Para Dik (1997, *apud* BASTOS, 2004, p. 24-38), os constituintes extrafrasais apresentam as funções de gerenciamento da interação, de organização e de realização do discurso. Além dessas três funções, destaca-se, para esta análise, a função de especificação de atitude, representada pelo FI. Essas funções dos constituintes extrafrasais servem a duas camadas do discurso: à camada interpessoal e à camada representacional. O FI serve à camada interpessoal, já que, “os propósitos comunicativos [dos constituintes extrafrasais] são os elementos mais relevantes do ponto de vista da comunicação (...) como ocorre no caso das interjeições” (BASTOS, 2004, p. 145-146). Isso aponta para o fato de que o FI, de acordo com Bastos, transmite apenas conteúdo pragmático, do nível interpessoal para o da expressão.

A expressão “extrafrasal” aponta (in)diretamente para o fato de que o que não estiver nos limites da frase, está no *limbo* sintático. Não se discute, portanto, que o FI seja especificador de atitude de caráter pragmático. O que se propõe, nesta pesquisa, é que ele seja denominado de *preenchedor discursivo de afetividade*. Isso significa que pode ser visto como uma possibilidade de os falantes co-construírem a mensagem como intersujeito da enunciação, evidenciando suas (re)ações subjetivas. O FI, entre outros fenômenos da linguagem, é marca de que o falante está no discurso, está na enunciação, ou seja, que está no plano embreado da linguagem — o que significa dizer ainda que o falante está em relação subjetiva com a situação enunciativa.

As análises gramáticas tradicionais não consideram o FI como constituinte frasal ou sentencial. Consideram-no pertencente à linguagem da afetividade, e, por isso, não pode ser decomponível em constituintes sintáticos. Como preenchedor discursivo de afetividade, o FI passa a ser considerado integrante de uma situação discursiva ampla. No entanto, deve-se assinalar que sua *inserção* num fluxo conversacional decorre do envolvimento dos falantes na RI, o que implica dizer que há marcas dos limites dessa *inserção*. No discurso, há fronteira entre o FI e o texto

em que está inserido? O próprio caráter de *inserção*, que lhe é inerente, já é a fronteira?

Na seção anterior, procurou-se mostrar que o FI possui autonomia comunicativa. Essa autonomia está intrinsecamente ligada à idéia de preenchimento de afetividade. O caráter de autonomia comunicativa garante ao FI um “espaço” no discurso. A parte pode representar o todo, mas não é o todo — o espaço ocupado pelo FI garante-lhe um *status* sintático independente, mas de difícil mensuração. O preenchimento discursivo de afetividade, dado pelo FI, pode criar a atmosfera contextual. Dito de outra maneira, não será o FI que cria o contexto (a situação) em que se encontra *inserido*? Assim, o lugar de *limbo* destinado ao FI passa a ser o lugar da significação contextual, da leitura contextual.

Na materialidade textual, as pausas gráficas (língua escrita) e as pausas fônicas (língua falada) são mecanismos que apontam para as fronteiras entre o FI e o restante do texto em que se encontra inserido. Uma pesquisa mais acurada poderia apontar em que espaços (de fronteiras de constituintes frásicos ou discursivos) há maior incidência de manifestações interjectivas, e, assim, comparar o comportamento da *inserção* com o fluxo sintático. Desse modo, estabelecer-se-ia a configuração espacial do FI com vistas no discurso.

4.2.3 As marcas de expressividade do Fenômeno *Interjeição*

De modo geral, a expressividade é própria da língua(gem), particularmente da língua falada. São inúmeros e diversos recursos expressivos num texto falado. O FI aparece como lugar privilegiado, marcando a intenção/emoção dos falantes numa dada situação languageira.

“Os fatos expressivos estão, pois, ligados à expressão dos elementos subjetivos e afetivos e/ou expressão dos aspectos sociais” (URBANO, 1999, p. 220). As dificuldades de análises da expressividade residem, pois, no fato de ela ter motivação de ordem psicológica e social — como o texto falado é localmente planejado (o planejamento ocorre no momento da interação), tais dificuldades tornam-se mais salientes.

Numa situação de fala (ou em textos cuja concepção discursiva é de fala), os (inter)locutores se apóiam no “contorno cênico” do discurso (BERRUTO, 1985, *apud* RISSO, 1994, p. 60) — nesse “contorno”, explicitam-se traços no produto, que

é o texto sendo produzido localmente. Esses traços, entre outros, são as hesitações, as correções, as repetições, os anacolutos, os dêiticos e as orações interrompidas, os quais marcam, segundo Chafe (1985, *apud* RISSO, 1994, p. 60), o “uso vívido, animado e criativo da língua [falada].”

Como a expressividade é inerente à língua(gem), em cada enunciação ela difere em intensidade. O FI, respaldado na enunciação, adquire, por isso mesmo, variações expressivas. Assim, algumas manifestações interjectivas podem variar em expressividade; dito de outra maneira, o que varia é o grau de envolvimento do falante com os diferentes “nós” da rede. A tentativa de estabelecimento de um *continuum* de manifestações interjectivas esbarra na dificuldade de explicar os usos afetivos *inseridos* abruptamente numa informação. Todavia, o FI apresenta uma particularização, a partir da qual pode-se trilhar para que se reflita sobre sua propriedade de *fenômeno*, por excelência, expressivo: o sincretismo comunicativo. Tal propriedade vem comentada a partir do fragmento a seguir:

Fragmento 38:

Como já deve saber, estou de férias! Que beleza!!! Passei com média em todas as matérias. (EC13)

A manifestação “Que beleza!!!” incorpora expressão e expressividade. Expressão porque comunica o estado em que o falante se encontra por estar de férias. Expressivo porque, intensificado pelo uso do “que” (uso de expletivo) e pelas exclamações, traduz o envolvimento e o entusiasmo do falante por estar de férias. A noção de sincretismo comunicativo aponta, pois, para o fato de que o FI incorpora informação e expressividade/envolvimento. Pode-se dizer que toda manifestação lingüística, numa dada situação comunicativa, incorpora essa dupla função; todavia, o que se discute aqui é o grau de expressividade bem marcado do movimento atitudinal do falante na RI. Um ato de linguagem expressivo é o resultado, ou efeito, da soma entre expressão (cognição) e expressividade (emoção presentificada).

Nos fragmentos a seguir, serão observadas marcas da expressividade (do caráter sincrético) do FI. Tais marcas particularizam o FI, mostrando que é na enunciação que ele deve ser visto, já que aí é mais perceptível o “uso criativo” da língua.

Fragmento 39:

L — vamo ver se algum desses pedido aí funciona... saia pra senhora... porque não é possível...

II — é

L — porque nã::o é:: pos-sí-vel... não é possível o que que está acontecendo aqui em Patos MEU DEUS DO CÉU... que povo tá PAGAN::DO pro um pecado que não cometeu... o que que está acontecendo aqui em Patos de Minas gente? não é possível mesmo... seu Lázaro então o senhor tá dispensado a dona Adriana também... vamo ver o que a gente pode fazer conseguindo aqui a cesta básica é? então alguém querendo ligar pra cá dizendo que tem uma cesta básica pra eles num tem problema e vamo ver se a gente dá um toque no pessoal da secretaria de saúde (se) o pessoal lá aCORda e dá um jeito pra senhora nesse pedido que tá no André Luís e no outro pedido que tal no Caíque um deles tem que funcionar e a senhora tem que ser atendida rápida... rapidamente... do jeito que a senhora tá num pode fica... tá bem? (RD6)

No Fragmento 39, destaca-se a marca fônica do caráter de expressividade do FI. A entonação particular em “MEU DEUS DO CÉU” evidencia o envolvimento vivo de L diante do estado de saúde de sua (inter)locutora. A *inserção* de um sentimento de emoção e/ou incredulidade no fluxo informacional torna expressiva a fala do locutor, já que à comunicação de incredulidade soma-se seu envolvimento afetivo. Desse modo, L particulariza-se na RI. Para uma melhor análise desse tipo de contorno entonacional, seriam necessários aparelhos que pudessem reproduzi-lo graficamente. O registro deveria contar com especialistas de fonética e fonologia, os quais poderiam destacar o que tem de especial em enunciados que, por si sós, já são expressivos a “ouvido nu” (cf. TRAVAGLIA, 1999, p. 82). Veja-se outro fragmento em que marcas fônicas evidenciam ainda mais o caráter de expressividade do FI:

Fragmento 40:

L1: a percentagem está bem alta não? ((conversa sobre atrasos escolares))

L2: [está está está está muito alta então eu procuro levantar mais cedo o menino detesta escola... então:... ele acor::da... e ter pergunta do quarto dele se tem aula... se TEM aula (ele diz) “DROga estou com sono quero dormir eu tenho dor disso dor daquilo”... agora dias que não tem aula ele pergunta e a resposta é negativa aí então ele diz para irmã... “levanta que hoje não tem aula podemos brincar” ((risos)) aí levantam (p. 144-145) (FD7)

No Fragmento 40, nota-se que L2 recria uma fala. Para Marcuschi (1997, p.189), “toda ‘fala reportada’ é uma recriação criativa por um falante na sua situação de fala”. O uso do discurso reportado implica, necessariamente, recriação e mudança. Assim, L2, além de recriar (o que já é uma demonstração da capacidade de uso “criativo” da língua) a fala de outro, particulariza-se pela *inserção* de “DROga”, com elevação parcial de voz. Tal *inserção* informa o estado emotivo (expressão) e revela o envolvimento emotivo (expressividade) de L2 com a situação em que se encontra,

que é a “conversa” com L1. Há um movimento expressivo que identifica subjetivamente o falante na RI.

Outras marcas fônicas que intensificam a expressividade do FI são a velocidade da fala e o alongamento de vogal (ou simplesmente ritmo). Vejam-se os fragmentos:

Fragmento 41:

Doc. agora já deu o tempo
L2: acabou?
Doc. acabou...
L2: nossa...((risos)) (FD6)

Fragmento 42:

L1: e:: as moças (quer dizer::)... havia muito mais::... diFIculda::de de um ra/ rapaz (era) diFIcilmente um rapaz safa com um moça... era muito difícil... a não ser quando havia muita intimidade... os namorados geralmente namoravam::... () de lon::ge de esquina
L2: [na janela
L1: de janela
Doc. NO::ssa
L1: [e conversazinha
L2: [tinha hora para namorar e fechar a janela (p. 184 185) (FD10)

Pela transcrição de Fragmento 41, “nossa...” foi proferido com velocidade de voz normal. Isso não significa baixa marca de expressividade. Segundo Travaglia (1999, p. 99), “a fala tem um ritmo normal, que embora tenha uma média esperada pode variar dentro de um certo padrão de falante para falante”. A velocidade de voz normal pode adquirir expressividade no “contorno cênico” — L2 se particulariza ao se “espantar” com o término da entrevista e, inclusive, ri. Já (alguns) alongamentos operam como ênfase, o que pode ser visto no Fragmento 42, em que o Doc. marca sua estado emotivo pelo uso do “NO::ssa”, mas com alteração de voz e alongamento da primeira sílaba. Enfim, nos dois fragmentos, os “nós” da RI estão amarrados, ou seja, os (inter)locutores se solidarizam expressiva e emocionalmente.

Além das marcas fônicas que garantem a expressividade do FI vistas anteriormente — entonação, elevação de voz, velocidade da fala e alongamento de vogal —, destacam-se também, no *corpus*, marcas sintáticas, como a seqüência de manifestações interjectivas. Nos fragmentos a seguir, observam-se essas marcas.

Fragmento 43:

E: eu escorreguei só q'eu num caí de lá de cima não só escorreguei na pedra...

I: aconteceu na praia quando eu fui pra... Marataíses acho que foi no ano passado...((tom interrogativo)) ah ((tom exclamativo)) eu num me lembro eu me lembro que assim a gente nadano na onda lá eu fiquei assim muito na berada né? aí vei aquela onda assim quebro em cima de mim saiu me jogando pra/ assim na areia aí eu fui ralando a perna assim da área até chegá // até aonde tinha água me levou aí a hora que vi aquele trem tudo ardeno aquela água salgada né? Nossa Senhora ((tom exclamativo)) Deus me livre ((tom exclamativo))

E: foi a primeira vez que cê tinha ido à praia?

I: não eu já fui em Bahia também antes de i pra Marataíses só q'eu era muito nova acho q'eu só tinha seis ou sete anos (**FE6**)

No Fragmento 43, há uma seqüência ininterrupta de manifestações interjectivas. Poder-se-ia chamar essa seqüência de repetição; no entanto, esta última refere-se, praticamente, à produção de um mesmo fragmento lingüístico duas ou mais vezes. A seqüência “Nossa Senhora” mais “Deus me livre”, marcada ainda pelo tom exclamativo, não apenas traz expressividade para o plano material do texto, mas também contribui para a formação do fluxo conversacional, presentificando as emoções de I diante da situação retratada. Nesse fragmento, salienta-se também um recurso bastante recorrente nas análises empreendidas ao FI, que é o tom exclamativo. No fragmento a seguir, outra seqüência:

Fragmento 44:

L1: estavam indo para (cidade) para pegar o vôo para (destino) de lua de mel=

L2: ahhhhhh não não não pelo amor de Deus, coita:da de você, que horror

L1: é::

L2: essa história é um::ito trágica mesmo

L1: m::ito, tive que passar pelo corretozinho do avião e pedir LICEnça pro casalzinho (**FD1**)

Nos Fragmentos 43 e 44, a seqüência de manifestações interjectivas, além de marcas fônicas e da partícula expletiva (“que”), sinaliza o fato de que o envolvimento emocional não deva ser analisado apenas na superfície material, mas sim no jogo discursivo, no uso. As emoções jogadas em seqüência no fluxo conversacional tornam o grau de envolvimento — com o que está sendo dito (conversado) e com os (inter)locutores — mais elevado, uma vez que, principalmente no Fragmento 44, a seqüência de manifestações interjectivas garante, quantitativamente, a face positiva do falante diante de seu (inter)locutor e diante do assunto/texto. Desse modo, o movimento atitudinal propulsionado pelo falante, na RI, torna-se salientemente expressivo porque todos os “nós” estão amarrados numa única emoção — ao contrário do Fragmento 43 em que a seqüência assinalada ou está

mais voltada para o falante que a produziu e suas emoções diante do que produziu ou está mais voltada para a tentativa de o falante buscar a solidariedade de seu (inter)locutor para com o acontecido. Enfim, a seqüência ininterrupta de manifestações interjectivas assinala, expressiva e emocionalmente, grande envolvimento. No texto falado, portanto, não há previsibilidade quanto às (re)ações, sobretudo as de ordem emocional, dos (inter)locutores.

Além dessas marcas de expressividade examinadas, deve-se ainda fazer uma discussão acerca da relação entre o FI e a exclamação. Essa relação está presente nas abordagens gramaticais e lexicográficas — conforme já visto no Capítulo I. Para Said Ali (2001, p. 203), as orações exclamativas “são ditadas pelo sentimento e por certos estados particulares da alma, pronunciam-se com intonação própria, sobressaindo por esta forma no meio da linguagem quotidiana”. Na linguagem escrita, tais orações, também chamadas de optativas, são marcadas pelo sinal gráfico de exclamação. Seria necessário um estudo mais exaustivo, com aparelhos apropriados para que se pudesse analisar com mais rigor o tom exclamativo do FI — sua extensão, sua modulação, sua elevação etc.. Um estudo dessa natureza contribuiria para melhor perceber o FI como preenchedor de afetividade.

No início desta seção, foi dito que o FI caracteriza-se expressivamente pelo sincretismo comunicativo e que tal sincretismo é uma propriedade inerente ao FI. Para Said Ali (2001, p. 203), os “dizeres exclamativos” não são orações completas “com todos os seus termos” — o que significa que esses “dizeres exclamativos”, na visão desse autor, “não são analisáveis e decomponíveis nos elementos sujeito e predicado” (p. 204). Assim, a idéia de sincretismo acoplada ao FI encontra-se respaldada também na noção mais ampla de que a língua(gem), numa perspectiva funcional ou discursiva, é expressiva por natureza — o que garante ao FI um lugar de destaque, já que o caráter sincrético e, por isso mesmo, expressivo, aponta para o fato de que as manifestações atitudinais e/ou emocionais do falante são explosões de sentimento, nada mais natural que procurar externá-las (presentificá-las) em poucas palavras e em tempo rápido (cf. SAID ALI, 2001, p. 203).

Sobre as expressões “ai de ti” e “ai de vós”, Said Ali (2001, p. 204) assinala que elas “dizem uma e outra coisa; dão a entender um juízo desfavorável a respeito da sorte de alguém e ao mesmo tempo o sentimento de pesar que tal pensamento produz no indivíduo falante”. Essa análise de Said Ali aponta para a idéia defendida neste trabalho, qual seja a de o FI ser um ato de linguagem resultante

da soma de expressão (“dão a entender um juízo desfavorável”) e expressividade (“sentimento de pesar”). O envolvimento do falante ao se “expressar com expressividade” é garantido, portanto, com o tom exclamativo que é incorporado na sua fala, adquirindo-se efeitos expressivos que os recursos da linguagem comum não os produziriam.

No *corpus*, há enunciados proferidos com tom exclamativo, os quais não são considerados manifestações interjectivas. Vejam-se:

Fragmento 45:

E: e a a viagem foi legal?

I: foi ótima foi maravilhosa ((tom exclamativo)) (FE3)

Fragmento 46:

Vimos o vídeo, muito bom. A vó viu, confundia o (Nome) com o (Nome), a (Nome) com você... É que ela não enxerga bem. A menina está uma gracinha! (EC5)

O tom exclamativo é uma marca de expressividade; mas, nem por isso, as ocorrências “foi ótima foi maravilhosa”, no Fragmento 43, e “A menina está uma gracinha!”, no Fragmento 44, são manifestações interjectivas. Isso se justifica pelo fato de tais ocorrências não serem uma emoção vívida e *inserida* no fluxo conversacional. Essas marcas descrevem o envolvimento emocional do falante com o que diz; não são a emoção inserida, presentificada.

4.2.4 O *continuum* de protótipos do Fenômeno *Interjeição*

A partir da colocação de que o FI é uma manifestação presentificada, inserida no fluxo conversacional, e não descrita metalingüisticamente, estabeleceram-se alguns parâmetros, dentro de domínios específicos. Da análise desses parâmetros, chegou-se a alguns traços peculiares do FI, os quais permitem a montagem de um *continuum* de prototipicidade das manifestações interjectivas. Antes dessa montagem, apresenta-se, a seguir, um quadro que visa a uma sistematização da análise anterior e os resultados alcançados. As siglas significam: DL (Domínio Lingüístico), DTD (Domínio Textual-Discursivo), CF (Configuração Fônica), CL (Configuração Lingüística), AC (Autonomia Comunicativa) e PA (Preenchimento de afetividade).

QUADRO 8: Dos domínios e parâmetros do FI na RI

DOMÍNIOS	PARÂMETROS	MODOS DE OCORRÊNCIA		RESULTADOS	
DL	CF	Lexical	1 sílaba	A configuração fônica do FI, ou a sua materialização, desde segmentos cujo estatuto de palavra é discutível a orações inteiras, está relacionada ao grau de envolvimento na RI. O grau de envolvimento deve ser visto no modo como o falante relaciona-se na RI ao inserir-se emocionalmente.	
			2 sílabas		
3 ou mais sílabas					
Não-lexical		Sintagma			
DL	CL	Lexical	Substantivo		A configuração gramatical do FI é um processo de acomodação semântica no espaço discursivo, com ou sem perda da referência denotativa dada pelos dicionários e pelas gramáticas. O uso de uma palavra fora de seu ambiente cristalizado pelas gramáticas e lexicógrafos gera efeitos afetivos expressivos. Não se tem um “item” que é da “classe interjeição” — o que se tem são funções interjectivas de uma palavra, sintagma ou muxoxos.
			Adjetivo		
			Pronominal		
			Verbal		
			Adverbial		
			Conjunção		
		Não-lexical			
DTD	AC	Total		A autonomia comunicativa do FI permite apontar que ele não é uma classe morfológica distinta, fechada, mas um fenômeno vivo e afetivo da linguagem, obedecendo às intenções, ao envolvimento e à expressividade do falante em relação às condições propulsoras na RI. A autonomia comunicativa do FI indica que o falante se expressa com expressividade.	
		Parcial			
		Nulo			
		Total			
		Parcial			
		Nulo			
	PA	Oração	Início		O preenchimento de afetividade decorre do planejamento da fala no contorno cênico. Disso pode-se dizer que quanto mais investimento do falante no discurso, mais se particulariza. O FI, como preenchedor (discursivo) de afetividade, é sinal de que, numa conversação, não se tem um sujeito dela, mas um intersujeito que comunga emoções.
			Meio		
			Fim		
		Turno	Início		
			Meio		
Fim					
Isolado					

O estabelecimento de um *continuum* da prototipicidade do FI não é uma tarefa de fácil construção. Isso porque trata-se de um fenômeno de natureza emotiva

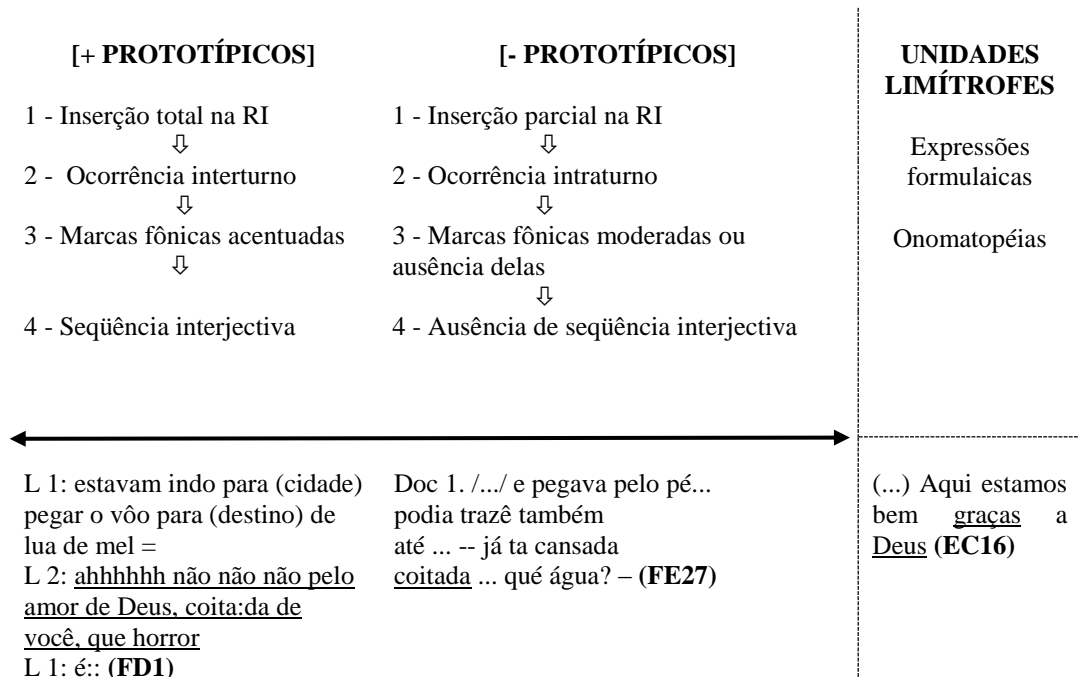
e porque há casos limítrofes entre os [+centrais] e os [-centrais]. Há ainda a dificuldade de se definirem os traços ou atributos para que se considere uma manifestação interjectiva mais prototípica que outra, menos prototípica.

No domínio lingüístico, a configuração fônica e a configuração gramatical não são fatores suficientemente capazes de diferenciar o FI dos marcadores discursivos. A justificativa é que tanto os candidatos a FI quanto os candidatos a marcador discursivo podem ter estatuto de palavra, ou não, e base gramatical bastante diversa. Já no domínio textual-discursivo, a autonomia comunicativa e o preenchimento de afetividade são parâmetros que apontam para o fato de que o FI e os marcadores discursivos apresentam papéis/funções específicas.

Em Risso *et al* (2002, p. 46), o núcleo-piloto definidor dos marcadores discursivos é formado pela constância dos seguintes traços: exterioridade em relação ao conteúdo proposicional, independência sintática e falta de auto-suficiência comunicativa. “Trata-se, evidentemente, de traços que, por sua estabilidade, formam um núcleo decisivo na delimitação do conjunto dos M.D.” Neste trabalho, a autonomia comunicativa, somada com o que é desenvolvido no fluxo conversacional — incluindo aí o espírito de co-construção do texto — e seu (possível) desgarramento sintático assinalam que o FI é marca da (inter)pessoalidade sobre a textualidade. Dito de outra maneira: o FI permite uma interação emotiva entre (inter)locutores, só que, nessa interação, pode haver “quebras” ou “anacolutos” no fluxo conversacional. As metafunções (HALLIDAY, 1985) aplicadas ao FI mostram que ele expressa (metafunção ideacional) a (re)ação do falante diante dos “nós” da RI de modo que haja uma solidariedade entre (inter)locutores (metafunção interpessoal) assegurada sobretudo pela expressividade no dizer ou escrever (metafunção textual).

O diagrama a seguir, elaborado de acordo com a proposta de Givón (1984), representa o *continuum* de manifestações interjectivas a partir de traços colhidos na análise empreendida. À esquerda do diagrama, têm-se os traços [+prototípicos] e os [-prototípicos]. À direita, separados por linha vertical pontilhada, têm-se as unidades limítrofes. Veja-se o diagrama:

DIAGRAMA 6: Do *continuum* de prototipicidade do FI



Esse *continuum* das manifestações interjectivas apresenta apenas, por meio dos traços apontados no diagrama, os pontos extremos para que se considere e/ou reconheça uma expressão lingüística ou não como um FI. No Quadro 8, foram sugeridas algumas variáveis para os parâmetros estabelecidos. Essas variáveis sinalizam a possibilidade de analisar o FI buscando situações intercambiáveis entre os domínios, parâmetros e, assim, entre os pólos do *continuum* — as variáveis sugeridas, no parâmetro *autonomia comunicativa*, podem, inclusive, apontar, em graus, o valor pragmático do FI num fluxo conversacional, ou seja, parece haver uma sobreposição pragmática do FI sobre seu (possível) papel sintático. Um estudo mais exaustivo dessas variáveis seria conveniente, portanto.

Pelo Diagrama 6, uma manifestação interjectiva prototípica deve apresentar os traços de *inserção total na RI*, *ocorrência interturno*, *marcas fônicas acentuadas*, *seqüência interjectiva* (duas ou mais manifestações interjectivas). Esses traços formam um conjunto da prototipicidade do FI; assim, uma manifestação interjectiva é [+prototípica] se apresentar todos eles. A ausência de um pode implicar perda de posição no *continuum*, afastando a manifestação do pólo [+prototípico]. No Diagrama 6, há setas, de cima para baixo, que mantêm uma relação de causa e efeito, para que fique clara a idéia de conjunto dos traços definidores do FI.

O traço inserção total na RI retoma a definição etimológica e gramatical do FI. No entanto, busca conjugar vários fatores para que se perceba o FI como um “grito subitâneo” respaldado na situação discursiva. Neste trabalho, a adoção da metáfora RI mostra que a *inserção* de uma (re)ação emotiva pode ligar-se ao assunto discorrido no fluxo conversacional, à situação comunicativa (onde se encontram os (inter)locutores e seus papéis sociais e comunicacionais) e ao (inter)locutor. Se houver uma (re)ação e(a)fetiva diante de todos os fatores condicionadores, diz-se, pois, que o falante, propulsor atitudinal, ao se manifestar, lexical ou não-lexicalmente, as suas emoções vívidas, concorreu para que no fluxo conversacional fosse *inserida* uma manifestação interjectiva.

Caso essa *inserção* ocorra num interturno, tem-se uma possibilidade maior de que o (inter)locutor esteja (re)agindo emocionalmente diante dos três fatores condicionadores da RI. Uma *inserção* intraturno pode ligar-se parcialmente a um dos fatores condicionadores. Uma manifestação interjectiva na (inter)locução, ou interturno, é uma “demonstração de empatia com o interlocutor” (KARAHAN, 2003, p.282). Há um princípio de solidariedade na co-construção do fluxo conversacional — fato muito semelhante ao comportamento de alguns marcadores discursivos: ser “bom ouvinte”. O FI no interturno alimenta emocional e expressivamente o fluxo conversacional.

A percepção de *inserção* do FI, seja intraturno, seja interturno ou seja isolada (o falante, sozinho, pode proferir um *Meu Deus!*) é marcada, como foi visto, por marcas fônicas na língua falada e marcas gráficas na língua escrita. Generaliza-se que qualquer manifestação interjectiva no fluxo conversacional está em relevo. Para Travaglia (1999, p. 78), “o relevo parece marcar como o produtor do texto representa os elementos constitutivos do texto, como ele propõe que o ouvinte represente o texto”. Desse modo, o relevo faz parte da constituição dos textos, principalmente em interações de modalidade oral, já que concorrem vários recursos para evidenciá-lo, quais sejam: fonológicos, morfológicos, lexicais, sintáticos, semânticos e pragmáticos.

Em seus estudos Travaglia (1999) apresenta também três tipos de relevo: o argumentativo, o ideacional/cognitivo e o emocional. No relevo emocional, o falante destaca “determinados elementos e/ou passagens do texto, em consequência de seu envolvimento emocional com o que diz, do impacto emocional que as idéias ou fatos têm sobre o falante”. Neste trabalho, foram apontados alguns recursos que fazem do

FI um *relevo emocional*, como entonação, velocidade da voz, alongamento de vogal, silabação, tom exclamativo e seqüência interjectiva. Todos esses recursos, aplicados ao FI, garantem expressividade e envolvimento do falante com os “nós” da RI — além do que evidenciam os limites prosódicos que asseguram ao FI o papel de preenchedor (discursivo) de afetividade.

Uma seqüência de palavras está em relevo, independentemente que seja de valor informativo ou emocional. As seqüências interjectivas, observadas neste trabalho, demonstram alto grau de expressividade, garantida, sobretudo, pelo fato de serem aos borbotões. O envolvimento do (inter)locutor na RI é total, já que explodem a jatos sentimentos de solidariedade, de cumplicidade no decurso do fluxo conversacional. As manifestações interjectivas, sobretudo em seqüência interjectiva, quando interturno, retroalimentam, no plano discursivo, as emoções do (inter)locutor. Os borbotões interjectivos refletem ou mimetizam as emoções que circulam no fluxo conversacional.

No Diagrama 6, há fragmentos de manifestações [+prototípicas], [-prototípicas] e de unidades limítrofes. Por meio desses fragmentos demonstram-se os traços do *continuum* de prototipicidade do FI. Veja-se:

Fragmento 47:

L1: estavam indo para (cidade) para pegar o vôo para (destino) de lua de mel=

L2: ahhhhhh não não não pelo amor de Deus, coita:da de você, que horror

L1: é::

L2: essa história é um::ito trágica mesmo

L1: m::ito, tive que passar pelo corretozinho do avião e pedir LICENça pro casalzinho

L2: nossa que sofrimento

L1: sofrimento eu sofri mu::Ito (.) porque eu gostava dele (.) quer mais/

L2: não eu não agüento mais (**FD1**)

No Fragmento 47, L2 particulariza-se, envolvendo-se emocional e expressivamente. As (re)ações de L2 estão *inseridas* (e amarradas) totalmente com todos os “nós” da RI: duas amigas encontram-se num aeroporto e conversam sobre as atitudes/comportamento de Reinaldo. L2 indigna-se com o que ouve de L1, envolvendo-se com o assunto e retroalimentando (solidarizando-se com) o fluxo conversacional. As (re)ações de L2 situam-se interturno, aos borbotões emotivos seqüenciais, marcados pela entonação exclamativa. Já o outro fragmento, apresentado no Diagrama 6, demonstra uma manifestação interjectiva [-prototípica]. Veja-se:

Fragmento 48:

Doc. 1. seu (nome)... e nos feriados... domingos... o senhor costumava passear fora da cidade?...
 Inf. não era muito fácil não... o lugar que a gente ia... era em Sabará... comprá pé de jabuticaba...
 chegava lá... e comprava um pé... num é trazê o pé... cê podia tira tudo... comê até:... e pagava pelo
 pé... podia trazê também até... -- já tá cansada coitada... qué água?... --
 Doc. 1. não obrigada:... ia de trem pra Sabará? (FE27)

No Fragmento 48, a manifestação interjectiva é intraturno e não ocorrem borbotões seqüenciais. De acordo com a transcrição, não há marca fônica em destaque. A quebra do fluxo conversacional aponta para o fato de que a (re)ação do informante, por meio do *coitada* não está ligada ao assunto que vem sendo discorrido. O informante particulariza-se; no entanto, sua atitude emotiva é parcial em relação aos elementos da RI. O que se pode acrescentar é que a *inserção* de *coitada* inaugura um espaço interjectivo, criando uma atmosfera emocional passageira no fluxo conversacional. A pertinência dessa colocação aponta para a idéia, já mencionada neste trabalho, de que o FI é o próprio contexto em que se encontra e não determinado por ele.

No Diagrama 6 ainda se encontram as [unidades limítrofes]. Essas unidades referem-se às onomatopéias e às expressões formulaicas. Quanto às onomatopéias, reforça-se aqui a distinção estabelecida: elas são descritas e o FI é presentificado, vivido. Quanto às expressões formulaicas, veja-se o fragmento:

Fragmento 49

Olá, (Nome) tudo bem com vocês? Aqui estamos bem graças a Deus. (EC16)

No Fragmento 49, a expressão assinalada, de acordo com as gramáticas tradicionais, é uma locução interjectiva que indica agradecimento. Neste trabalho, expressões como essa não particularizam o falante; não revelam o grau de envolvimento emotivo do falante diante dos “nós” da rede. Tais expressões representam muito mais um “contrato social” do que uma emoção *inserida* no decurso de fluxo conversacional. Assim, parecem ser elementos recorrentes de determinados gêneros textuais — o Fragmento 49 é parte de uma carta pessoal e nesse gênero há um traço peculiar que são as saudações, geralmente marcadas por expressões desse tipo. Concorrem ainda para candidatos a unidades limítrofes expressões como *Silêncio!*, *Amém!*, *Agradecido!*, *Parabéns!*, *Muito bem!* etc..

A “vantagem da interjeição” é que ela representa “pouca palavra para muito tesão”. Isso significa que o FI é a síntese marcada da afetividade e/ou expressividade da atitude do falante na RI. O FI significa no discurso; portanto, a visão da gramática tradicional não abarca seu caráter sincrético, expressivo e envolvente. Os fenômenos de natureza emotiva e/ou afetiva não podem ser vistos apenas pela ótica da gramática tradicional; eles requerem uma gramática à luz do discurso. Para Dutra (1993, p. 219), “é preciso sim redefinir (...) categorias gramaticais todas outra vez e tentar entendê-las em termos de suas funções no discurso”. Uma análise de fenômenos emotivos e/ou e(a)afetivos, como o FI, desconsidera a existência de módulos sintáticos, semânticos, morfológicos, fonológicos e pragmáticos; considera, sim, modos contextualmente condicionados de dizer as coisas.

Uma proposta de redefinição e/ou entendimento de fenômenos vivos e e(a)fetivos da língua, como o FI, requer que se veja a língua em seu funcionamento, o que “implica vê-la a serviço das necessidades dos usuários, e, a partir daí, em constante adaptação” (NEVES, 1997a, p. 117). Tal proposta pode se apoiar na relação entre estrutura lingüística e as dinâmicas da conversação. “Muitos lingüistas têm se convencido de que o único caminho para um completo entendimento da estrutura lingüística é considerá-la como resposta adaptável aos hábitos recorrentes no modo como as pessoas falam umas com as outras”³¹ (FORD & THOMPSON, 1996, p. 172). Desse modo, o FI, ao invés de ser visto como um “grito subitâneo”, passa a ser visto como elemento de marcação de expressividade e de envolvimento nas dinâmicas da conversação.

Numa gramática da expressividade, o FI deixa de ser um elemento externamente preconditionado, mas internamente motivado por “alguns interesses pessoais que resultam de ou têm origem em um ato de escolha pelo falante/comunicador a partir de um conjunto de possíveis atos comunicativos”³² (HÜBLER, 1998, p. 4). Como o FI é uma marca real da expressividade, coloca-se também que é uma marca de envolvimento, já que essas duas noções estão íntima e simultaneamente relacionadas. Chafe (1983) propõe seis manifestações de envolvimento (*first person references, speaker’s mental process, monitoring of*

³¹ “Many linguists have become convinced that the only way to fully understand linguistic structure is to consider it as an adaptive response to recurrent habits in the way people talk to each other”

³² “some personal interest which results from or originates in an act of choice by the speaker/communicator from a set of possible communicative acts”.

information flow, emphatic particles, fuzziness e direct quotes). Essas seis manifestações de envolvimento assinalam, indiretamente, o fato de que fenômenos vivos e e(a)fetivos, como o FI, não podem ser compreendidos e explicados sem referência à função comunicativa; devem ser compreendidos e explicados no campo da interpersoalidade.

Na descrição gramatical do FI, há um aparente paradoxo, explicado pela (possível) desarticulação entre os módulos sintático e pragmático. O caráter de *inserção* do FI, já que, etimologicamente, é uma palavra solta no meio do discurso, justifica-se por uma compensação pragmática que visa ao sucesso da comunicação e/ou das relações interpessoais, assegurando-se, desse modo, a preservação da noção de face positiva. Há um contrabalanceamento entre os módulos sintático e pragmático, o qual evidencia a competência comunicativa dos (inter)locutores. Mönnink (1980, *apud* KOCH, 2002. p. 126) refere-se, dando ênfase ao nível pragmático, a esse contrabalanceamento do seguinte modo:

... ao sistema sintático-virtual corresponde um flexível plano de atualização em que podem manifestar-se as chamadas redundâncias e deficiências como elementos empregados de maneira significativa na interação. No discurso, conforme a situação, o *modus* pragmático pode prevalecer sobre o sintático ou mesmo suplantá-lo totalmente — o que explicaria o grande número de orações ‘incorretas’.

O caráter a-sintático do FI mantido pela tradição gramatical, de acordo com as palavras de Mönnink, deve ser compreendido nas relações interpessoais dotadas de intencionalidade expressiva e envolvente. O FI, por estar no *limbo*, apresenta “deficiências” ou compõe “orações incorretas”. O contrabalanceamento entre os níveis sintático e pragmático é um meio para que se retire o FI do *limbo*; desse modo, sua “gramática” está respaldada na abordagem funcional-discursiva.

CONCLUSÃO

DOS BRADOS SUBITÂNEOS FINAIS!

Olímpica

ufa ufa ufa ufa
por ufa ufa ufa
ufa **que** ufa ufa
ufa ufa **me** ufa
ufa ufa ufa **ufa**
no ufa ufa ufa
ufa **do** ufa ufa
ufa ufa **meu** ufa
ufa ufa ufa **pa**
is ufa uff fff

(PAES, 1986, p. 66)

Olímpicas! São as *lutas*, da Antigüidade até hoje, por que os estudiosos da língua(gem) passa(ra)m. A língua(gem) não seria tão sedutora se, ao longo dos anos, muitos não tivessem dado a ela um lugar de destaque para melhor perceber o que é o homem nas suas relações com o mundo ou consigo mesmo. A tentativa de entender e de explicar a língua(gem) é a de entender e explicar o próprio homem. Ao empenhar-se na *luta* pela compreensão da língua(gem), o homem entrelaça-se a ela e confunde-se com ela. “Porque, afinal, se o homem fala de linguagem, ele fala do homem” (NEVES, 2002, p. 17).

No percurso *olímpico* dos estudos lingüísticos, percebe(u)-se sempre uma tentativa de *classificação* de elementos da língua. Das *categorizações* propostas, despertaram a atenção as *partes orationis* — mais particularmente a *classe Interjeição*. A (possível) rejeição de alguns gramáticos quanto a essa *classe* mostrou, por estar ocupando o *limbo* do sistema lingüístico brasileiro, a necessidade de uma análise mais acurada. Da última posição do *continuum* das *partes orationis*, foi colocada no centro, considerando-a como um *fenômeno vivo e e(a)fetivo da língua* e, por isso mesmo, a necessidade de um estudo mais acurado dos *gritos subitâneos* do homem.

Procedeu-se, assim, a uma *batalha* por meio da qual se buscou a origem do (problema) do **Fenômeno Interjeição**. Nesse ponto, detectou-se que havia — e

ainda há — uma espécie de *acordo tácito* a partir do qual se evidenciam descompromissos, contradições e conservadorismos. No entanto, “as distinções que parecem hoje mais evidentes só foram descobertas e elaboradas de um modo muito progressivo” (DUCROT & TODOROV, 1973, p. 251). Localizada a origem (do problema) do **Fenômeno Interjeição**, passou-se a traçar os caminhos por que se avançar para melhor responder à hipótese de que o **Fenômeno** pudesse ser uma emoção presentificada e não descrita, sofrendo oscilações em graus no envolvimento dos (inter)locutores, assunto e situação. Nessa *luta* por respostas, mesmo que efêmeras, a corrente funcionalista apontou direções — sobretudo quanto ao fato de se considerarem os usos lingüísticos com os quais os falantes se comunicam eficiente e expressivamente. No *campo de batalha*, comprou-se a hipótese: uma emoção presentificada, envolvente e expressiva, em relação a todos os elementos da **Rede Interjectiva**, proferida (dita) na (inter)locução, com marcas fônicas acentuadas e aos borbotões seqüenciais, assinala a prototipicidade do **Fenômeno**.

Pelo estudo empreendido ao **Fenômeno Interjeição**, observou-se que sua manifestação sempre foi/é ou está associada a situações informais, próprias da modalidade falada. Marcuschi (1993, p. 221) sinaliza que a “interjeição é vista (...) como típica e exclusiva da fala, não havendo interjeições que são usadas só na escrita”. Não se trata de dizer que o **Fenômeno Interjeição** não aparece na escrita. A questão é que não há manifestações interjectivas da fala *versus* manifestações interjectivas da escrita. Há, simplesmente, manifestações interjectivas que são da língua; portanto, *fenômenos da língua*. O **Fenômeno Interjeição**, desse modo, não deve ser visto na relação polarizada fala e escrita, mas em sua relação a gêneros formais e informais, nas duas modalidades. “Se o homem fosse lógico, sua fala seria lógica. Mas um homem tem sido um ser passional, falível, muito cego, pelo seu pendor instintivo” (OLIVEIRA, 2002, p. 124).

Como a luta do homem para entender-se pela língua(gem) é inacabada, no percurso deste trabalho vários aspectos podem ser apontados para análises futuras. Entre esses aspectos, destacam-se: 1) a configuração fônica do **Fenômeno Interjeição** mantém uma relação icônica com o mundo das emoções por que o homem passa?; 2) a não-lexicalidade do **Fenômeno Interjeição** corresponde à idéia de que emoções fortes não são descritas por palavras com vocação sintática, já que o corpo também fala?; 3) a extensão do **Fenômeno Interjeição**, desde muxoxos a sintagmas desenvolvidos, além da (possível) relação icônica, está ligada ao grau de

emoção, expressividade e até envolvimento?; 4) a configuração lingüística (não) interfere no caráter emotivo, expressivo e envolvente do **Fenômeno Interjeição**?; 5) a autonomia comunicativa aponta para o fato de que fenômenos vivos e e(a)fetivos da língua não devem e/ou não podem ser classificados segundo princípios da gramática normativa de herança greco-latina? e 6) o preenchimento (discursivo) de afetividade estabelece que relação com o planejamento do fluxo conversacional?

Subjaz a esses questionamentos, ou até o que os sustenta, o fato de que **Fenômeno Interjeição** deve ser analisado numa abordagem funcional-discursiva. Isso porque, além do que foi demonstrado no *campo de batalha*, “quanto maior o investimento no discurso, mais intensas serão as emoções vividas” (AUCHLIN, 1991, *apud* KARAHAN, 2003, p. 267). Desse modo, o **Fenômeno Interjeição**, por ser uma emoção presentificada na (inter)locução, é marca e(a)fetiva do enunciador na enunciação. No plano embreado da língua(gem), o **Fenômeno Interjeição** é uma das marcas mais expressivas e explícitas à qual o falante recorre para se particularizar, ao conservar sua face, tornando-se um “ouvinte” empático, e para alimentar o fluxo conversacional. Assim, sugere-se que o **Fenômeno Interjeição** seja analisado no intercâmbio das estruturas da frase com as do discurso — o que será uma atividade bastante complexa e árdua.

Além dessas colocações, acrescenta-se ainda que o **Fenômeno Interjeição** tem uma relação (in)direta com as estruturas narrativas. A “avaliação [aí entra o FI] dá vida a uma narrativa” (PAREDES SILVA, 1997, p. 89). No decurso do fluxo conversacional, os (inter)locutores avaliam, *inserir* emoções súbitas, quer lexicais, quer não-lexicais e quer paralexicais. O FI ocupa, pois, um papel de destaque, qual seja o de preencher o discurso de afetividade e de subjetividade, inerentes ao homem. Nas relações do homem com seus semelhantes, ele não só informa (ideacionalidade), mas também comunica a sua emoção, co-construída no fluxo conversacional (interpessoalidade e textualidade). É consensual a idéia de que o contexto e/ou situação é que permite(m) a leitura de uma expressão lingüística ou de uma palavra; no entanto, o caráter expressivo e envolvente do **Fenômeno Interjeição** é tão acentuado que o contexto é dado por ele, subordina-se a ele — dito de outra maneira: o **Fenômeno Interjeição** é que determina a atmosfera social e textual do contexto.

Na *luta* para tentar compreender um *fenômeno vivo e e(a)fetivo da língua*, notou-se que o homem comunica suas emoções, despertando nos seus (inter)locutores sentimentos análogos. Há um paradoxo (possível e velado) em “comunicar suas

emoções”, já que se colocam num mesmo plano o intelecto e o emocional. Apenas com um trabalho multidisciplinar — psicologia e lingüística, entre outras áreas — é que se poderá compreender o “comportamento lingüístico do homem comum, do falante nativo, do *falante gramático*” (DUTRA, 2003, p. 132).

Ufa!

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 40. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.
- AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Delta S.A., 1964, v. III.
- BALLY, Charles. *El lenguaje y la vida*. 5. ed. Buenos Aires: Losada, 1951.
- BALLY, Charles. *Traité de stylistique française*. 3. ed. Paris: Klincksieck, 1967.
- BARBOSA, Jeronymo Soares. *Grammatica philosophica da lingua portuguesa ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*. 7. ed. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1881.
- BASTOS, Sandra Denise Gasparini. *Os constituintes extrafrasais com valor epistêmico: análise de entrevistas jornalísticas no espanhol e no português*. 2004. 155f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2004.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. *A sombra do caos: ensino de língua X tradição gramatical*. Campinas: Mercado de Letras, 1997. (Leituras do Brasil).
- CAMARA JÚNIOR, Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CARNEIRO RIBEIRO, Ernesto. *Estudos gramaticais e filológicos*. Salvador: Aguiar & Souza Ltda, 1957.
- CARRETER, Fernando Lázaro. *Diccionario de términos filológicos*. 3. ed. cor. Madrid: Editorial Gredos S.A., 1968.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *A língua falada no ensino de português*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- CASTILHO, Ataliba T.; PRETI, Dino (Orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987, v. II - Diálogos entre dois informantes (Projeto NURC / SP).
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 44. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.
- CÉSAR, Guilhermino. *Sistema do imperfeito & outros poemas*. Porto Alegre: Globo, 1997.

CHAFE, Wallace L. Integration and involvement in speaking, writing, and oral literature. In: TANNEN, D. (Ed) *Spoken and written language*. Norwood: Ablex, 1983, p. 35-53

CHAFE, Wallace. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, Wallace (Ed.) *The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHEDIAK, Antônio José (Org.). *A elaboração da nomenclatura gramatical brasileira*. [s.l.]. [s.n.], 1960.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed./ 35. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. *'Leite com manga, morre! da hipotaxe adverbial no português em uso*. 1993. 287f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) — Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

DIK, C. S. *The theory of functional grammar*. Dordrecht-Holland/Providence RI-EUA: Foris Publications, 1989.

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. 3. ed. *Dicionário das ciências da linguagem*. Tradução de Eduardo Prado Coelho. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1973.

DUTRA, Rosália. Discurso direto e onomatopéia. *Alfa*, São Paulo, v. 41, (n. esp.), p. 141-169, 1997.

DUTRA, Rosália. *O falante gramático*. introdução à prática de estudo e ensino do português. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. 2. ed. ver. e ampl. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FORD, Cecilia E.; THOMPSON, Sandra A. Interactional units in conversation: syntactic, intonational, and pragmatic resources for the management of turns. In: OCHS, Elinor; SCHEGLOFF, Emanuel; THOMPSON, Sandra A. *Interaction and grammar*. Cambridge: University Press, 1996.

FURLANETTO, M. Marta. *Gênero discursivo, tipo textual e expressividade*. Disponível em <<http://flor.trix.net/agatha/tipo.htm>>. Acesso em: 28 maio 2004.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. A metodologia de pesquisa em português falado. In: RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza; ALVES, Ieda Maria; GOLDSTEIN, Norma

Seltzer. *I Seminário de filologia e língua portuguesa*. São Paulo: Humanitas Publicações - FLCH/USP, 1999a, p. 109-119.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Marcas de subjetividade e intersubjetividade em textos conversacionais. In: PRETI, Dino. *Interação na fala e escrita*. São Paulo: Humanitas Publicações - FLCH/USP, 2002, p. 67-88 (Projetos Paralelos NURC/SP - Núcleo USP)

GALEMBECK, Paulo de Tarso. O turno conversacional. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. 5. ed. São Paulo: Humanitas Publicações - FLCH/USP, 2001, p. 55-79 (Projetos Paralelos NURC/SP - Núcleo USP)

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. In: PRETI, Dino (Org.). *O discurso oral culto*. 2. ed. São Paulo: Humanitas Publicações - FLCH/USP, 1999, p. 173-194 (Projetos Paralelos NURC/SP - Núcleo USP)

GIVON, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1984, v. I.

GONÇALVES, Jairo. *A constituição lingüística da subjetividade em depoimento oral da história de Belo Horizonte*. 2000. 120f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

GONÇAVES, Miguel. *A interjeição em português: contributo para uma abordagem em semântica discursiva*. Coimbra: FCG/FCT, 2002.

GUILAUME, Gustave. *Principes de linguistique théorique de Gustave Guillaume*. Dir. Roch Valin. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 1973.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HÜBLER, Axel. *The expressivity of grammar: grammatical devices expressing emotion across time*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1998.

JAKOBSON, R. *Essais de linguistique générale*. Paris: Minuit, 1963.

KARAHAN, Lorena Fonseca. *Uma análise discursiva da empatia em interações cotidianas*. 2003. 376 f. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

KOCH, Ingedore G. Villaça *et al.* Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTLHO, Ataliba Teixeira (Org.). *Gramática do português falado*. 4. ed. rev. v. I - A ordem. Campinas: UNICAMP, 2002, p. 121-154.

MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura morfo-sintática do português*. 3. ed. rev. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1978.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de de Cecília P. de Souza-e-Silva. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A hesitação. In: NEVES, Maria H. de Moura (Org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. rev. v. VII - Novos estudos. Campinas: UNICAMP, 1999, p. 159-194.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.) *Gramática do português falado*. 2. ed. ver. v. VI - Desenvolvimentos. Campinas: UNICAMP, 2002, p. 105-141.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 5. ed./3. imp. São Paulo: Ática, 2001a (Série Princípios).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Citação de fala na interação verbal. In: Actas del I Colóquio Latinoamericano de Analistas do Discurso. Caracas, Universidade de Venezuela, 1997, p. 187-202.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001b.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Notas sobre a interjeição. *Investigações: lingüística e teoria literária*. Pernambuco, v. 3, s/n, p. 221-236, 1993 (Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística).

MAROUZEAU, J. *Lexique de la terminologie linguistique*. 2. édition augmentée et mise a jour. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1961.

MARTINET, A. *Estudios de sintaxis funcional*. Madrid: Gredos, 1978.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico resumido*. Ministério da Educação e Cultura: Instituto Nacional do Livro, 1966.

NEVES, Maria H. de Moura. A gramática de usos é uma gramática funcional. *Alfa*, São Paulo, v. 41, (n. esp.), p. 15-24, 1997.

NEVES, Maria H. de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Marins Fontes, 1997.

NEVES, Maria H. de Moura. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: UNESP, 2002.

OLIVEIRA, José Lourenço. *Da vida à vivência: conceitos de lingüística fabular*. Organização de Johnny José Mafra e Samuel Moreira da Silva. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002.

- PAES, José Paulo. *Um por todos: poesia reunida*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Forma e função nos gêneros de discurso. *Alfa*, São Paulo, v. 41, (n. esp.), p. 79-98, 1997.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva: curso superior*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1926.
- PERINI, Mário A. *Sintaxe portuguesa: metodologia e funções*. São Paulo: Ática, 1989.
- PERINI, Mário A. *et al.* Sobre a classificação das palavras. D.E.L.T.A., São Paulo, v. 14, (n. esp.), p. 209-225, 1998.
- PERINI, Mário A. *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática, 1997.
- PRETI, Dino; URBANO, Hudinilson (Orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo* São Paulo: T.A. Queiroz, 1988, v. III - Entrevistas (Projeto NURC / SP).
- QUINTANA, Mário. *80 anos de poesia*. Organização de Tânia Franco Carvalhal. 4. ed. São Paulo: Globo, 1995.
- RIBEIRO, João. *Grammatica portugueza*. 20. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923.
- RISSO, Mercedes Sanfelice *et al.* Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. rev. v. VI - Desenvolvimentos. Campinas: UNICAMP, 2002, p. 21-103.
- RISSO, Mercedes Sanfelice. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura *bom, bem, olha, ah*, no português culto falado. In: NEVES, Maria H. de Moura (Org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. rev. v. VII - Novos estudos. Campinas: UNICAMP, 1999, p. 259-296.
- RISSO, Mercedes Sanfelice. Língua falada - Língua escrita: conceitos e preconceitos. *Confluência*, ano 3, nº especial - I EELA, UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, 1994, p. 55- 63.
- ROSA, Margaret. *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto, 1992 (Repensando a Linguagem).
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8. ed. rev. e atual. por Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Melhoramentos: Brasília: UNB, 2001.
- SAID ALI, M. *Meios de expressão e alterações semânticas*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: FGV, 1971.

- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 20. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1917 — 1997.
- SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos*. 2002, Tese (Doutorado, FALE / UFMG), 2002.
- SOUSA, Cruz e. *Poesias completas: broquéis, faróis, últimos sonetos*. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997 (Biblioteca Folha, 261)
- TARALLO, Fernando *et al.* Preenchimentos em fronteiras de constituintes. In: Gramática do português falado. 4. ed. rev. v. II - Níveis de análise lingüística. Campinas: UNICAMP, 2002, p. 303-338.
- TARALLO, Fernando *et al.* Rupturas na ordem de adjacências canônicas no português falado. In: CASTLHO, Ataliba Teixeira (Org.). *Gramática do português falado*. 4. ed. rev. v. I - A ordem. Campinas: UNICAMP, 2002, p. 25-52.
- TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. New York: Clarendon/Oxford, 1989.
- TAYLOR, John R. Syntactic constructions as prototype categories. In: TOMASELLO, S. *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. London: Erlbaum, 1998.
- TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O relevo no português falado: tipos e estratégias, processos e recursos. In: NEVES, Maria H. de Moura (Org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. rev. v. VII - Novos estudos. Campinas: UNICAMP, 1999, p. 77-130.
- URBANO, Hudinilson. A expressividade na língua falada de pessoas cultas. In: PRETI, Dino (Org.). *O discurso oral culto*. 2. ed. São Paulo: Humanitas Publicações - FLCH/USP, 1999, p. 115-139 (Projetos Paralelos NURC/SP - Núcleo USP).
- URBANO, Hudinilson. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: In: NEVES, Maria H. de Moura (Org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. rev. v. VII - Novos estudos. Campinas: UNICAMP, 1999a, p. 195-258.
- VOTRE, Sebastião. Um paradigma para a lingüística funcional. *Alfa*, São Paulo, v. 41, (n. esp.), p. 25-40, 1997.
- WITTGENSTEIN, L. *Tratado lógico-filosófico e investigações filosóficas*. Tradução de M. S. Lourenço. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

ANEXO

1 Interação face a face

1.1 Gênero *Diálogo*

Kaharan (2003)	
Código	Fragmento selecionado
FD1	<p>L1: QUEM estava lá/[, o Reinaldo L2: [o Reinaldo, não creio, fazendo o quê/ te esperando/= L1: =não, na fila para pegar o MESmo vôo L2: não acredito L1: (nome de cidade partida) (nome de cidade de destino) vôo (empresa aérea) domingo de noite L2: nossa que coincidência e emoção vocês, viajerem juntos L1: peraí, você não tá entendendo L2: ele tava com a outra= L1: = casados= L2: =AAAAAAH L1: eles tinham se casado no sábado= L2: =OOOOOOOH L1: estavam indo para (cidade) para pegar o vôo para (destino) de lua de mel= L2: ahhhhh não não não pelo amor de Deus, coita:da de você, que horror L1: é:: L2: essa história é um::ito trágica mesmo L1: m::ito, tive que passar pelo corredozinho do avião e pedir LICEnça pro casalzinho L2: nossa que sofrimento L1: sofrimento eu sofri mu::Ito (.) porque eu gostava dele (.) quer mais/ L2: não eu não agüento mais (p. 330-331)</p>
FD2	<p>L1: que LINdo (.) pôxa você faz cada foto hein/ L2: sabe o que é isso/ L1: o chão coberto de folha morta\ L2: soliDÃO minha filha\ (.) tava solitária no parque X (p. 350)</p>
FD3	<p>L1: meu marido chega quarta-feira L2: a::i que delí::cia L1: é::: (p. 350)</p>
FD4	<p>L2: ai tadinha da L2, sofre:u essa semana L1: [é não= L2: =assim irritação né L1: é:, a:i::: eu vim aqui pra te contar na quinta e você na TA:VA a:i tava a:i tava doida pra te contar (p. 351)</p>

FD5	<p>L1: foi da segunda vez que eu saí que a gente saiu juntos, a gente foi a um bar chiquérrimo assim sabe/ na avenida paulista meu= L2: =uau= L1: é:: paulista é assim, é isso que eles freqüentam (.) um bar lindo era tipo happy hour tava de dia a gente tava na calçada, super claro assim tudo iluminado, a gente conversou por horas assim, mas foi daí que pra notar as marquinhas, no rosto assim= L1: é:: paulista é assim, é isso que eles freqüentam (.) um bar lindo era tipo happy hour tava de dia a gente tava na calçada, super claro assim tudo iluminado, a gente conversou por horas assim, mas foi daí que deu pra notar as marquinhas, no rosto assim= L2: marquinhas tipo de espinha da adolescência/ L1: hahã é\ (.) ai que horror ta falando isso assim pra você\ que vergonha eu não devia nem ta falando uma coisa dessas, tão pequeno L2: de jeito nenhum\ tem vergonha nenhuma nisso, é o primeiro contato, é assim mesmo, são essas coisas externas que a gente repara primeiro\ (.) quando eu conheci o Lucas eu falei eu não quero esse homem nem dado, credo, eu reparei mas foi em tudo, ficava assustada L1: nossa ele é feio assim/ L2: não, hoje eu até acho ele bonito /.../ (p. 353)</p>
Castilho & Preti (1987)	
Código	Fragmento selecionado
FD6	<p>Doc. agora já deu o tempo L2: acabou? Doc. acabou... L2: nossa... ((risos)) (p. 60)</p>
FD7	<p>L1: a percentagem está bem alta não? ((conversa sobre atrasos escolares)) L2: [está está está está muito alta então eu procuro levantar mais cedo o menino detesta escola... então:... ele acor::da... e ter pergunta do quarto dele se tem aula... se TEM Aula (ele diz) “DROga estou com sono quero dormir eu tenho dor disso dor daquilo”... agora dias que não tem aula ele pergunta e a resposta é negativa aí então ele diz para irmã... “levanta que hoje não tem aula podemos brincar” ((risos)) aí levantam (p. 144-145)</p>
FD8	<p>L1: toma conta do pessoal ((risos)) oh... agora ah:: -- nossa... foi além do que eu... imaginava --... Doc. não:: L1: o horário Doc. pode falar à vontade::de (p. 171)</p>
FD9	<p>L1: ele gosta REalmente ele é vivo... bastante... mas é leVado demais sabe?... ele fica duas horas... L2: [bem normal um menino bem normal né? L1: [bem normal graças a Deus não é nenhum:: um geniozinho assim... quieto... ele::... passa horas... lendo... mas ele saiu dali toda a energia que ele acumulou ali naquele periodozinho que el// em que ele leu... que:: geralmente não é pequeno esse período... ele sai ele... (p. 173)</p>

FD10	<p>L1: e:: as moças (quer dizer::)... havia muito mais::... diFiculda::de de um ra// rapaz (era) diFicilmente um rapaz saía com um moça... era muito difícil... a não ser quando havia muita intimidade... os namorados geralmente namoravam::... () de lon::ge de esquina</p> <p>L2: [na janela</p> <p>L1: de janela</p> <p>Doc. NO::ssa</p> <p>L1: [e conversazinha</p> <p>L2: [tinha hora para namorar e fechar a janela (p. 184 185)</p>
-------------	---

1.2 Gênero *Entrevista*

Fala de Minas Gerais	
Código	Fragmento selecionado
FE1	E: e o... seu namorado também faz né? I: inclusive ele é faxa preta E: meu Deus do céu como estamos chiques! e seu neném quando ele nascê ele vai fazê taequendô?
FE2	E: aqui... conta pra gente do//do campeonato brasileiro aquela vez que cê participô... I: ai ((tom exclamativo))
FE3	E: e a a viagem foi legal? I: foi ótima foi maravilhosa ((tom exclamativo))
FE4	E: qual que foi a briguinha mais terrível que cês já tiveram? I: ai... foi uma vez que assim ele foi pruma festa de quinze anos a menina chamô ele pra dança// pra dança valsa com ela e eu num aceitei mais ele falô que já tinha prometido à menina que ia eu fui falei assim “então vai mas a consciência é sua” aí ele foi pra com a menina// dança na festa com a menina eu fui pra pracinha um lugá lá perto de casa e acabo que chegado lá eu fiquei com outro aí ele descobriu aí a gente brigô ai ele terminô comigo mais depois// duas semanas depois// a gente voltou E: esses namorados meu Deus conheço essa histórias se você fosse escolher um outro esporte pra praticá que outro esporte cê praticaria?
FE5	E: e quando cê descobriu que cê tava grávida? o que que aconteceu? I: ah ((tom exclamativo)) não sei fiquei desesperada assim mais que que podia fazê né? num tinha mais jeito minha mãe então Nossa Senhora ((tom exclamativo)) ficou doida mais agora depois de seis meses ela já acostudou um pouquinho com a situação
FE6	E: eu escorreguei só q'eu num caí de lá de cima não só escorreguei na pedra... I: aconteceu na praia quando eu fui pra... Marataíses acho que foi no ano passado...((tom interrogativo)) ah ((tom exclamativo)) eu num me lembro eu me lembro que assim a gente nadano na onda lá eu fiquei assim muito na berada né? aí vei aquela onda assim quebro em cima de mim saiu me jogando pra/ assim na areia aí eu fui ralando a perna assim da área até chegá / até aonde tinha água me levou aí a hora que vi aquele trem tudo ardeno aquela água salgada né? Nossa Senhora ((tom exclamativo)) Deus me livre ((tom exclamativo)) E: foi a primeira vez que cê tinha ido à praia? I: não eu já fui em Bahia também antes de i pra Marataíses só q'eu era muito nova acho q'eu só tinha seis ou sete anos

FE7	E: é... aconteceu alguma coisa? I: não ah! teve uma vez que eu fui pruma viagem mais assim num fui pra lá não fui pra Serra do Cipó a Serra do Cipó é só morro né? ai a gente todo mundo sentado calmo ônibus subino aquela serra toda lá a hora que a gente// tinha tipo um morro assim e ela// o ônibus ia circulando pra chegá num num sei aonde não ia a hora que a gente tava indo a// o ônibus quase caiu lá de cima do barranco lá em baixo foi graças a uma lata de óleo dessas de... é de dez litro? ou vinte litro não sei
FE8	E: seu tempo acabou I: é pena... mas eu tenho que i pra aula agora aula de português E: muito abrigada sorte pra você I: nada tchau
FE9	E: é:: bom Piedade você:: você pretende estudá mais ô:: se prefere ficá :: é:: I: estudei até a oitava série pretendo:: é:: eu acho que:: o estudo é muito importante na vida da gente principalmente pra quem qué vencê tê:://sê:: um alguém na vida como o meu pai diz né? mas eu pretendo eu só num estudei mais porque:: comecei a trabalhá então ficava mais difícil as coisa né? assim:: não tive como estudá:: em colégio particular estudei mais em colégio estadual municipal aí:: parei meus estudo mais:: se Deus quisé eu aho que um dia eu vô:: continuá::
FE10	I: (...) aí quando foi um BElo sábado ele apareceu na minha casa aí as menina Piedade tem um gatinho te chamando aí cheguei né? fiquei toda trêmula falei assim AI:: meu Deus é aquele assim num é pelo jeito que tava gostano dele que eu simpatizei por ele eu fiquei com MEdo:: da reação do meu pai né?(...)
FE11	E: Como é que estão os preparativos pro casamento? I: ah... tá olha graças a Deus já temos quase tudo né? casa montada e... e assim já tá encaminhado só casar mesmo
FE12	I: engravida não num engravida não eu tenho medo mesmo não mas eu até hoje eu sô virgem E: é <u>iiiih</u> é mesmo? I: virgem E: virgem que barato
FE13	I: telefone pra ela aí ela vai pra minha casa E: aí fica cês dois lá sozinho I: é fica sozinho E: e se chega alguém lá I: <u>ah</u> um dia chego <u>nooo</u> agora que vou ti conta aqui um dia chego eu tava lá em casa sozinho foi num domingo tinha acabado de i no clube com meu colega né
FE14	E: esse// esse agora cê tá namorano agora? I: tô dois anos E: tem dois anos? I: é mais também eu tive um:: que eu adorei () Serginho pena que num num podemos continuá esse aí eu estudava:: no colégio Pedro II Pedro II não brasileiro E: <u>NOSSA</u> cê mudô de colégio demais I: demais aí ele:: gente nós começamo a namorá mais escondido falei assim ó::

Preti & Urbano (1988)	
Código	Fragmento selecionado
FE15	<p>Inf. todos de... mesmo:: nomes italianos... sotaque de italiano... e:... até com termos italianos também</p> <p>Doc. Agora não não sei se o senhor poderia... se lembrar... - - tomara que se lembre - - ahn::... a terra como é que era preparada?... manualmente ou ou... com algum instrumental... ou... mecanicamente? (p. 18)</p>
FE16	<p>Doc. o::... e aqui na frente se... éh o cavalo é seguro por alguma coisa?</p> <p>Inf. /.../...porque tem uma que vem... logo:: na frente do::... da cabeça do cavalo... que se chama::... cabeção... depois tem uma que vai mais em cima da própria cabeça do cavalo que é a testada... e além disso tem uma... um outro courinho que sai... de cima... e passa por baixo do... da cabeça... ah... próximo ao pescoço... que também tem um nome ahn::... - - puxa eu não sei como é que eu posso ter esquecido esse nome... -- é alguma coisa como::... gargantilha hoje é... ((risos)) é o que as mulheres usam</p> <p>Doc. pode ser... daí o exemplo (p. 35)</p>
FE17	<p>Inf. e ela ficou no hospital:: durante cerca de vinte dias... e eu fiquei na mão de uma empregada que::QUANdo se lembrava dava mamadeira... quando não se lembrava não dava... quando se lembrava de ver se o leite estava bom ela via se não o leite ia estragado mes::mo...nessas condições quando minha mãe voltou da m// do hospital eu estava num estado de:: subnutrição de fraqueza que o:: próprio médico pediatra... achou um abSURdo... isso... brigou com mina mãe devido o fato de... de me ter deixado esta situação... então ela me fez um um regime de... de engorda fortalecimento durante muitos anos... e com isso graças a Deus eu voltei a... ser um...alguém... (...) (p. 90)</p>
FE18	<p>Inf. (...) ...o dia seguinte descemos outra vez fomos visitar o mercado... (e) o mercado velho... ao lado tinha umas Barraquinhas... ela... entrou em diversas barraquinhas para ver:... objetos de arte baiana e uma porção de coisa... quando estávamos no melhor da festa disse “N. meu Deus” eu disse “que é que está acontecendo?” (ela disse) “veja só como está subindo pelas minhas pernas... piolho de galinha” (p. 96)</p>
FE19	<p>Doc. se fosse passar um filme para crianças que tipo de filme a senhora acha que deveria ser passado?</p> <p>Inf. um:: tipo de filme como <i>O Mágico de Oz</i> que todo mundo achou Maravilhoso parece que está voltando agora... ah::... que::... qual outro filme que... que o público infantil achou gostou... aquele filme dos cachorrinhos como é o nome?... dos dois cachorrinhos... NOssa a criança adorou o filme... eu tenho uma memória... sei lá eu acho que filme desenhos animados... é que a criança assiste tanto desenho na televisão né? (p. 114)</p>
FE20	<p>Doc. você disse que gosta de car::ne... que tipo de carne que você gosta e quais os pratos prediletos que são feitos com carne?</p> <p>Inf. bom aí o tipo que você pergunta é a maneira como eles são feitos?...</p> <p>Doc. também...</p> <p>Inf. bom eu prefiro carnes assadas... carne de porco... um pernil um lindo dum pernil cheio de bataTInhas assim em volta é uma delícia né? ((risos)) (então)... lombo de porco... ahn frango... um franguinho dum frango assado né? que vocês devem estar acostumadas também a... (p.123)</p>

FE21	<p>Doc. e há alguma parte do frango que você tenha predileção ou você gosta de todas? Inf. não ih:: Deus me livre detesto asa... pés:: cabeça ((risos)) esses negócios ((riu)) frango pra mim são esses frangos comprados em supermercados que a gente compra os pedacinhos certinho que a gente gosta né?... as coxas... as partes do peito:: então frango pra mim é isso aí... ahn::... o frango inteiro não exista... (p. 123)</p>
FE22	<p>Doc. e quais os tipos de bebida que você conhece? Inf. CHI:: agora é que é quais são os tipos? Todos esses que existem à venda por aí ((risos)) então são:: os gim uísque::... o rum::... o vinho né? os refrigeran::tes e entre eles Coca-Cola claro né? ((risos))... e sendo eu mesma eu prefiro:: guaraná champanhe ((riu)) (p. 126)</p>
FE23	<p>Doc. se você fosse preparar um almoço... pruma visita tal... que tipo de almoço você faria? Inf. IH:: meu Deus (o) que será que eu ia fazer quem seria a visita? vocês por exemplo? ((riu)) Doc. ah é:: pode ser a gente ((vozes superpostas e risos)) Inf. se vocês (fossem)... não um jantar já teria um pouquinho de mais sofisticado né? então vamos fazer um almoço o almoço é comunzi::nho assim (então)</p>
FE24	<p>Doc. qual é a comida característica que você conhece? Inf. DE experiên::cia:: acho que praticamente nenhuma viu? a não... experimentei uma vez -- aí como é que chama aquele negócio que é feito com quiabo? --... aça/ acarajé?... não acarajé é bolinho... acarajé eu experimentei uma vez::... para o meu gosto não foi lá uma grande coisa não mas:: dá pra comer né?... ahn::... -- é um negócio que é feito com quiabo meu Deus do céu como é que chama? --... não lembro o nome do Doc. uhn uhn Inf. do tal do prato... e NAÕ gostei... (...) (p.130)</p>
FE25	<p>Doc. que tipo de doce você mais gosta?... Inf. ih agora nem sei lhe dizer viu?... são tantos os doces que a gente gosta quindim::... brigadeiros::... cocadinhas::... doces de confeitaria:: doce enfeit::do com <i>chantilly</i>:: com esses... éh... toda essa ((riu))</p>
Gonçalves (2000)	
Código	Fragmento selecionado
FE26	<p>Inf. (...)... e as águas do rio Arruda transbordava... enchia as CA::as... molhava as mulherzinha da vida... e saía tudo pra rua... correno por causa d'água... da enchente lá dentro... Doc. 1. NOSsa::... Inf. bem... isso é uma partezinha... então a gente::... menino né?... ficava olhando aquela beleza d'água (...) (p. 92)</p>
FE27	<p>Doc. 1. seu (nome)... e nos feriados... domingos... o senhor costumava passear fora da cidade?... Inf. não era muito fácil não... o lugar que a gente ia... era em Sabará... compra pé de jabuticaba... chegava lá... e comprava um pé... num é trazê o pé... cê podia tira tudo... comê até::... e pagava pelo pé... podia trazê também até... -- já tá cansada coitada... qué água?... -- Doc. 1. não obrigada::... ia de trem pra Sabará? (p. 100)</p>

<p>FE28</p>	<p>Doc.1. a feira de amos::tra... o senhor freqüentava lá... a FEIra?...</p> <p>Inf. a gente olhava... cê vê uma vez... não qué vê duas ou três... que tinha muita pedra... muita coisa assim... ((virando-se para a Doc.2) -- --“tá cansada”? -- --</p> <p>Doc.2. não</p> <p>Inf. -- coiTAda::...</p> <p>Doc.1 ali funcionava também um auditório... não tinha?... lá na Feira de Amostra... no mesmo prédio...</p> <p>Inf. não...num me lembro disso não... (p. 103)</p>
<p>FE29</p>	<p>Doc.1. o senhor freqüentava muito a galeria?...</p> <p>Inf. não::... eu num freqüentava nada né?... pra podê ir... podia ir passiá... passiá... e olhá... como você vai num <i>shopping</i> né?... “<i>shopping</i>” lá na serra de Belo Horizonte... é bonito né?... esse outro é mais bonito ainda... o Del Rey... é uma beLE::za... (p. 104)</p>
<p>FE30</p>	<p>Doc. 1. tinha que lavar o defunto?...</p> <p>Inf. lavá o defunto...</p> <p>Doc. 1. quem fazia isso?... uÉ::... alguns faziam isso?...</p> <p>Inf. quem fazia era algum da casa... algum da casa... tinha que dá o banho... ((risos)) imaGI::na...</p> <p>Doc.1. ai... meu DEUS do céu...</p> <p>Inf. isso eu me lembro porque eu assisti... assisti toma o banho... (...) (p. 105)</p>
<p>FE31</p>	<p>Doc. 1. o que é que o senhor achava na época?... qual era a sua impressão na época?... o senhor achava aquilo BOM?... o senhor achava interessante?...</p> <p>Inf. TU::do... TU::do... achava bom... ocê sabe o que á a mociDA::de... tudo é alegre... tudo é bonito... tudo é festa... hoje é... a rapaziada de hoje é a mesma coisa do meu tempo... mudô::... eu acho esquisito isso... mas tá na época deles uai... é assim... né Maria?... tá época deles uai... agora quero voltá ao meu tempo... aqueles moço de colarinho duro... (p. 106)</p>
<p>FE32</p>	<p>Doc.1. o senhor acha que a cidade era mais bonita nesse tempo... a cidade fisicamente falando?...</p> <p>Inf. não... ela era uma cidade suave né?... suave... cheia de... de flor... (...) era melhó... quer dizer... eu achava... agora... tá limpa... agora tem um jardim... muita flor bonita... mas tudo pequeninho... pareceno cemitério do Colina... que é tudo desse tamanho na Colina... não tem tem aqueles trem não::... ô cemitério triste gente... não sei se ocês conhece Bonfim... Nossa Senho::ra... cê vai lá... um dia eu fui lá... aqueles Jesus ó... NOSsa... tomei um ME::do... eu sozinho naquela sepultura... aqueles santo... uns carregando uma cruz... tudo de mãmore preto... (112)</p>
<p>FE33</p>	<p>Doc.1: o que que o senhor acha... agora o senhor vai falar da última coisa... o que que o senhor acha desse trabalho que a gente faz... de preservar a memória?...</p> <p>Inf. muito importante... viu?... muito importante... porque:: tem aí aquele museu Abílio Barreto... que tem coisas antiga... meu pai ajudado muito o Abílio Barreto... meu pai tinha um memória muito melhó que a minha... então... ele conhecia Belo Horizonte de rapazinho... num é?... e o Abílio Barreto... que foi um historiadó... pergunta... “Ô Leite”... meu pai chamava Leite... “isso assim... assim...” então ele contava... ajudava muito o Abílio Barreto a formá aquilo que ele... esse trem lá... e meu pai era danado pra coisa viu?... ah... mas foi... foi condutô e fiscal de bonde... depois foi pra Prefeitura... fiscal da Prefeitura... pra cobrá imposto... depois aposentô... e eu tenho quarenta e três ano de aposentado... à-toa... tô ganhando mais do que quando eu trabalhava... trabalhei trinta e dois ano... tenho quarenta e três ano... à-toa... governo ta me xingano... xingano... mas tá pagano...</p>

2 Interação Escrita

2.1 Gênero *Carta Pessoal*

Silva (2002)	
Código	Fragmento selecionado
EC1	(Depois de várias notícias, a emitente escreve): O (Nome) vai indo bem na escola tenho que dar muitos graças a Deus por me ajudar tanto. (Carta 7)
EC2	Agora ela vai tirar o excesso de bebida. Se Deus quiser ele vai ficar bom. (Carta 18)
EC3	A mãe ainda não recebeu a aposentadoria, agora ela já nem fala mais. Um dia se Deus quiser sai, não é? (Carta 18)
EC4	As cebolas já estão acabando, a (Nome) levou uma restea e eu fiz uns vidros de picles que ficou uma delícia (Carta 22)
EC5	Vimos o vídeo, muito bom. A vô viu, confundia o (Nome) com o (Nome), a (Nome) com você... É que ela não enxerga bem. A menininha está uma gracinha! (Carta 23)
EC6	O Duque anda fazendo serenata. Acho que é saudades...Auuuuuuu!!! (Carta 24)
EC7	E aí, já fez o quindim? deu certo? Eu já fiz novamente, ficou ótimo. Feito com queijo que vem para ralar fica melhor, e não deiche corar muito. (Carta 26)
EC8	No sábado passado, eu e (Nome) íamos da minha casa em direção ao Centro para encontrarmos uns amigos. Eis que, um Chevette veio na contramão e BUM! no nosso carro. O carro do (Nome) simplesmente ficou sem lateral a lateral dele detonou. (Carta 32)
EC9	As roupas que você mandou estou usando, menos a blusa de frio, está quente por aqui. Ah! Pretendo devolver a fita do aniversário quando for aí, mas se vocês tem pressa, mando como veio. (Carta 23)
EC10	Para mim ainda o mais difícil é viver verdadeiramente em comunidade, por isso peço a Deus melhor discernimento. Ah! Participamos de um concurso de músicas inéditas e fomos os vencedores ey por isso em agosto vamos representar a Província de Granada em Santiago de Compostela. (Carta 31)

EC11	P.S: Esqueci de contar! Quando chegou a conta telefônica que veio a fatura daquelas ligações aí p/ B.H. meu pai ficou louco. Estou sem usar a linha e sem fazer ligações. Que saco! (Carta 43)
EC12	Apesar de várias coisas que vão acontecendo, agente se dá super bem. A escola está um saco ainda mais que ficamos de greve, iremos ficar estudando até em Janeiro, eu continuo na mesma, estudando o necessário e acho muito. (Carta52)
EC13	Como já deve saber, estou de férias! Que beleza!!! Passei com média em todas as matérias. (Carta 54)
EC14	Mudando de assunto. Você já assistiu o filme Don Juan de Marco? Eu acabei de olhar, gostei! Acho que sou tão romântica quanto ele. Creio que fantasio demais, mas quem sabe um dia de tanto sonhar, fantasiar, a fantasia saia do mundo dos sonhos e venha fazer parte da vida real, da minha vida!!! (suspiros...) Com certeza vou ser muito feliz!!! (Carta 54)
EC15	A carta ficou interrompida por um tempo. Advinha por quê? Acabo de ser contratada por uma escola particular — o Energia — para dar aulas de gramática e literatura. Seja o que Deus quiser! Sabes que eu nunca ambicionei isso. A oportunidade aparecer agora só me resta lutar para agradar. (Carta 94)
EC16	Olá, (Nome) tudo bem com vocês? Aqui estamos bem graças a Deus. (Carta 7)
EC17	O (Nome) vai indo bem na escola tenho que dar muitos graças a Deus por me ajudar tanto (Carta 7)
EC18	Espero que ao receber esta estejam com saúde, nós aqui ficamos bons graças a Deus. (Carta 18)
EC19	Graças a Deus o movimento melhorou. Estamos trabalhando demais. Nem eu e nem a (Nome) não estamos agüentando ou tendo mais paciência com esse tipo de negócio.

3 Interação Radiofônica

3.1 Gênero *Denúncia*

(Transcrição feita pelo pesquisador)	
Código	Fragmento selecionado
RD1	<p>L — te//tem que ser quase um ano depois então? I1 — é L — a metodologia é essa... quase um ano depois I1 — isso L — meu deus do céu hein? I 1 — ah () se chama a gente mais pa atendera gente num precisa mais não já morreu né? L — a senhora tá passando realmente muito mal? I 1 — muito (tô güentando mais não) [</p>
RD2	<p>L — tá vendo... eu queri::a que alguém da saúde PÚBLICA daqui de Patos viesse aqui ao estúdio agora pra ver o que essa senhora tá passando... pra ver o que essa senhora tá sentindo... eu queria pedir I1 — [ahn...ahn... ((suspiros de dor)) L — aí pelo AMOR DE DEUS por essa senhora... pela dona (nome)... algu/alguma autoridade né... pode ser um vereador... pode ser um secretário... pode ser qualquer pessoa que influência aí na área da saúde pública daqui de Patos... tô pedindo aqui um pelo amor de Deus pela senhora (nome)...</p>
RD3	<p>L — o senhor é aposentado... tem bronquite asmática... tá com a perna quebrada... tá de mule::ta aqui na rádio... I2 — de muleta aqui na radia e... L — [meu Deus do céu... ei (nome)? I2 — e batendo muleta aí... batendo muleta po mini-hospital duas três vezes à noite... cum ela... chorando atrás de mim... é brincadeira</p>
RD4	<p>L — lá pro mini-hospital? I2 — é... eze dá duas injeção nela e manda a gente de volta... chega em casa tá chorando de novo L — e ela precisa ser encaminhada prum neurologisata I2 — meu Deus do céu L — tem um pedido lá de oito meses e num consegue</p>
RD5	<p>L — mas até hoje nada... meu Deus do céu.... olha... gente I — [diz ela L — [olha o estado dessa família aqui de duas pessoas... eles são apenas marido e mulher... seu (nome) tem bronquite asmá::tica... tem outros problemas de saúde também... tá inclusive de muleta aqui na rá::dio... tá com a perna quebrada... dona (nome) está passan::do pro um sério problema na cabeÇA... uma dor que não PÁRA em sua cabeça... tá choran::de//além de não enconTRÁ um atendimento médico na saúde pública viu seu Ronam... tá vendo né?... tá vendo né?... num tem o de comer em casa que a coisa tá difícil dinheirinho lá dá mal pra comprar o medicamento</p>

RD6

L — porque nã::o é:: pos-sí-vel... não é possível o que que está acontecendo aqui em (cidade) MEU DEUS DO CÉU... que povo tá PAGAN::DO pro um pecado que não cometeu... o que que está acontecendo aqui em (cidade) gente? não é possível mesmo... seu (nome) então o senhor tá dispensado a dona (nome) também... vamo ver o que a gente pode fazer conseguindo aqui a cesta básica é? então alguém querendo ligar pra cá dizendo que tem uma cesta básica pra eles num tem problema e vamo ver se a gente dá um toque no pessoal da secretaria de saúde (se) o pessoal lá aCORda e dá um jeito pra senhora nesse pedido que tá no (nome do posto de saúde) e no outro pedido que tal no (nome do posto de saúde) um deles tem que funcionar e a senhora tem que ser atendida rápida... rapidamente... do jeito que a senhora tá num pode fica... tá bem?